

O
LIVRO-ARBÍTRIO
DAS EVAS

dentro e fora
do jardim



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - REITORA
EVANDRO SENA FREIRE - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
RITA VIRGINIA ALVES SANTOS ARGOLLO

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Andréa de Azevedo Morégula

André Luiz Rosa Ribeiro

Adriana dos Santos Reis Lemos

Dorival de Freitas

Evandro Sena Freire

Francisco Mendes Costa

José Montival Alencar Júnior

Lurdes Bertol Rocha

Maria Laura de Oliveira Gomes

Marileide dos Santos de Oliveira

Raimunda Alves Moreira de Assis

Roseanne Montargil Rocha

Silvia Maria Santos Carvalho

O
LIVRO-ARBÍTRIO
DAS EVAS
dentro e fora
do jardim

Neuzamaria Kerner

Ilhéus - Bahia



2014

Copyright ©2014 by NEUZAMARIA KERNER

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO

George Pellegrini
Álvaro Coelho

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Álvaro Coelho

REVISÃO

Maria Luiza Nora

FOTOGRAFIAS DA CAPA E DO MIOLO

Boarin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K39

Kerner, Neuzamaria.

O livre-arbítrio das ervas : dentro e fora
do jardim / Neuzamaria Kerner. – Ilhéus, BA:
Editus, 2014.
224 p.

ISBN: 978-85-7455-366-5

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.
3. Mulheres na literatura. I. Título.

CDD 869.91

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Dedicatória

Henrique
Você faz com que todos os dias eu
reinvente motivos para continuar!

Júlia
Você me trouxe de volta!

Leonardo
Você é o presente especial que recebi!

Isabela
Você é a fadinha!



ÀS EVAS
(dentro e fora do jardim):

*Graça Ruy Eliane Siqueira
Carol Kerner Vieira Mendonça Helyane
BermudesVieira Maria Angélica Cuzzuol
Ângela Cristina Araújo
Renata Polli Maria da Penha Carvalho
Beatriz Paoliello Vanilza Marques da
Silva Tânia Maria Almeida Viana
Anna Secomandi Eliana Salvador
Baisa Nora Silvia Kerner de Melo
Leda Lima Juçara Barros Clilza Ferreira
Rita Peterli Bernadete Sena Martha Cellin
Marcia Maia Leda Landuete Maria Fachetti
Bete Anghinoni Geloca Dórea Cristina Nora
Marize Avelar Elisa Mendonça
Aninha Mendonça Márcia Mendonça
Damiana Almeida dos Santos*

*Mara Bergamaschi Fernanda Ferreira
Liliane Kalil Neide Vieira Nocy Porto Acy
Mendonça Ivete Preta Salvador
Dag Salvador Nena Salvador
Maria das Graças Salvador Nonoi Ana
Rita Ferraz Lúcia Ferraz
Karina Suzart Renata Stauffer
Maria Thereza Feitosa
Tania Maria Ribeiro
Maritânia Feitosa Conceição Suzart
Marinalva Kerner Telma Konig
Maurísia Paixão de Melo
Lia Kerner Rosa Castro Kerner
Ana Paula Castro
Kasuelinda Nakashima Lucinha Vieira
Monalisa Chambela Cida Vieira
Tamara Porto Liu Ferraz Livia Cabral
Nelsira Brunoro Adriana Montenegro
Alba Cristina Soares Rita Santana
Marlowe Quadros Natividade Ribeiro
Neide Ribeiro Tica Simões
Janete Badaró Jane Hilda Mourão
Maria Shaun Marise Kerner Eliane Sabóia
Ângela Ziviani Aidil Brito Jamile Cabral
Gabrieli Montenegro Denise Salvador
Lucilene Vieira Gracinha Santos
Vera Heringer Josimeire Oliveira
Mary Cobi Annelise Dias
Lucimar Toledo Jovani Gil Andrade*

*Inês Kerner Fernanda Disposti
Rosângela Torres Ângela Daher
Angelamaria da Conceição
Hiorrana Conte Rita Neves
Violeta Vargas Ana Elisa Scampini
Leidi Peres Fátima Lima Vera Salvador
Aline Andrade Luciene Gomes
Maria de Guia Granados Rosa
Mari Kerner Anieli Rupf Penha
Colusse Sarah Bastos Flávia Resende
Ana Virgínia Santiago
Mariana Kerner Milene Sarquissiano
Marilce Gomes Carmem Molina Isa Ishwari
Baiocchi Janaki Sita Cida Ananda
Vânia Lessa Mariana Baiocchi
Maria Nunes Leila Andrade Neuci
Vazzoler Márcia Ely Maria Emilia Stumpf
Suzana Tatagiba Janemeyre Conte
Ana Paula Saches Ludmila Ferreira
Ninfa Costa Cristina Voigt Maria Amélia
Lemos Ana Amélia Marback
Rúbia Bento dos Santos Elzi Ferreira
Jaci Ferraz Peixoto Bárbara Kerner
Margarete Sena Andrea Cosenza
Clecilda Oneda Lurdinha Kerner Kátia
Paiva Carla Patrícia Denise Salvador Maria
do Carmo Shneider Penha Lins Simone
Bourguignon Dilza Lima
Rosane Pagotto Lucia Santana*

*Vania Bastos Vanilza Marina
Colasanti, A Moça Tecelã, Rachell Ricardo
Amâncio Lia Luft Tatinha Kerner
Thais Goodwin Kerner Lucila Ferraz
Ademildes Mimiú Zizo Lita Passos
Vanda Machado Ângela Nespoli Branca
Salvador Alessandra Baiocchi Bárbara
Campos Fernandes Maria Vitória Sá Barreto
Franziska Huber Gerosina Lemos Neuman
Rocha Fernanda Arpini
Priscila Bueker Marita Ocké de Freitas
Ana Paula Diaz Spina Ângela Buaiç
Rowena Tovar Marisa Fausto de Oliveira
Guiga Moura Ferreira Marilce Gomes
Clarissa Avelar Renata Camello Layla Porto
Gabriele Montenegro da Silva Rita Seixas
Leticia Pizzato Barros
Dalva Nora
Milena Nora de Andrade
Patrícia Nora de Pretto
Siomara Castro Nery Leda Barros
Patrícia Lavigne Andrade
Cláudia Albagli Nogueira
Lynne Marilyn Nelson Alícia Ikuta
Priscila Pithon Peggy Petelsen
Soraya Landuette Fiorido
Rose Bendinelli Carla Partrícia
Laura Gomes Margarida Fael
Ilze Secomandi Ângela Salvador
Lucilene Klein Benita Prieto
Maria de Luzia*

UMA POETA NO ABISMO

Em comparação com a *lost generation* de que foi musa Gertrude Stein, esta nossa geração parece que tão cedo não sairá do mato em que se meteu sem cachorro. Naquele tempo de Hemingway e outros, ainda havia guerras que atraíam jovens, por seu aspecto romântico ou idealista. Hoje, nem isso. Já não se travam guerras; decretam-se extermínios a distância.

Também não há mais animais a caçar em África ou alhures. Os sobreviventes foram recolhidos a reservas, para serem observados de binóculos, em safári de jipes.

De modo que aos poetas, tão atraídos pela Guerra Civil Espanhola, restam as guerras pessoais, as guerras dos implacáveis

mistérios e incertezas do ser. Morre-se de tédio, em cavernas que cada um descobriu como refúgio. Mas a imaginação continua acesa. É um mundo sem grandeza, em que o indivíduo aparece reduzido a frangalhos. Quer participar; seus gestos se esvaem na solidão.

Sei que a Neuzamaria Kerner não agradaria o papel de vivandeira. Por seu ímpeto sul baiano, por sua apetência para a vida, que é uma virtude muito grapiúna, ela mereceria um lugar num dos regimentos napoleônicos. Não para escravizar povos, decerto — senão para gastar um pouco do ardor que a consome. Nasceu inquieta, a moça, e está mais inquieta, agora que lhe tolhem os movimentos e a vontade, num mundo que ela não fez, como disse o poeta Housman. O que fazer, então?

Ora, ela faz o que todos nós, criadores, fazemos: desabafar sobre uma folha de papel. Eis alguns dos seus gritos, que são quase jere-miadas de Evas acorrentadas: o livre-arbítrio é substituído pelo livro-arbítrio, e este não lhe podem calar, por ser matéria de sonho, território imune a intervenções malignas. A arte literária talvez não mais enseje a glória e a honra a que se referiu Machado de Assis, mas consola. É linimento e bálsamo.

Os poemas de Neuzamaria Kerner são em geral curtos. Sua poesia tende ao monólogo, que a faz interrogar e interrogar-se. O eu é um microcosmo em que se refletem os mistérios e incertezas do mundo, da vida, da personalidade. O poeta trabalha à beira do precipício. Às vezes, já tombou nele e se agarra a uma ponta de pedra. Artes e equilibrista. Dali, condenado sempre a indagar — porque a Prometeu acorrentaram o corpo, mas destravaram a mente e a língua —, o poeta tenta sumarizar seus lampejos em discursos conceituais, quase aforísticos.

A autora de *O Livro-Arbítrio das Evas* é dada a jogos vocabulares que exprimem a ânsia de imprimir nota nova à dicção poética. Ela está em busca de uma expressão, que, a essa altura, já traz toque pessoal. “A Morte de Cinderela” é uma reflexão sobre os desencantos. Um poema como “Barqueiro do Rio Pardo” mostra a poeta em duas viagens: a factual, que é menos significativa, e a outra, interior, que é, de fato, significante, em que Neuzamaria está vindo de si, de dentro de si — e traz certamente algo colhido num desses relâmpagos em que parecemos captar uma verdade existencial.

Nessas transmigrações, em que recorre a neologismos como forma de exprimir com mais exatidão o que está prestes a dizer, mas ainda não foi formulado, a poeta re-inventa. E é bom que assim faça, sinal de que há na sua poética um compromisso mais fundo que atesta uma entrega totalizante — passaporte indispensável à descoberta da identidade que parece perdida no vozerio do mundo, e convém encontrar para a ancoragem. Poemas como “Raquel”, “Considerações sobre o diabo” e “Desembarga a dor”, em que vergasta a morosidade ou apatia das consciências, nos sinalizam a poeta-plural, caixa de tormentos, caixa igualmente de ressonâncias.

Em “A ilha escolhida”, sobre Ilhéus, em que passou um período de sua vida, Neuzamaria Kerner aponta o rumo árduo da expressão por ela adotada:

Quando me bate à porta
um sentimento de orfandade
penso no meu mundo conhecido
e no meu mundo imaginado.(...)

No poema “Aprender” ela confirma sobre o rumo árduo que segue:

(...) A letra bruta e vazia
Para o exercício do polimento
E o preenchimento do verso diamante.

As Evas tecem. Tiraram-lhes, como a
nós todos, quase tudo, neste mundo que
tanto nos assombra, mas restou pequena
reserva secreta de livro-arbítrio.

Hélio Pólvora*

.....
* Cronista, contista, romancista, tradutor e crítico literário. É jornalista militante e escreve semanalmente para o Jornal *A Tarde* (Salvador – BA). Dentre suas obras estão, *Os Galos da Aurora* (1958), *Noites Vivas* (1971), *Mar de Azov* (1986) e *Xerazade* (1990), *Inúteis Luas Obscenas* () e *Dom Solidon* ().



Sumário

PREFÁCIO /	23
LILITH /	29
EVA /	31
RAQUEL /	33
DALILA /	35
IRIT /	36
MARIA /	38
AGAR /	39
A MULHER DE PUTIFAR /	40
REBECA /	42
MADALENA /	44
SERPENTE /	46
BETSABÁ /	48
JEZABEL /	50
LIA /	51
ANA /	52
MARIA (NAZA)JOSÉ /	53
TEREZA D'ÁVILA /	54
MOVIMENTOS /	56
MEDO DA FELICIDADE /	57
A CORAGEM NA MÃO /	58
TIPOS DE TRABALHO /	59
A MORTE DA CINDERELA /	60

A RASTEIRA /	61
CONTENDA /	62
A ILHA ESCONDIDA /	63
MATANDO SAUDADES /	64
VISÃO /	65
TRIBO GRAPIÚNA /	66
ANJO NO ESPELHO /	68
AMA! E FAZE TUDO O QUE QUISESERES /	70
APRENDER /	71
APRENDIZADO EM QUATRO SEGUNDOS /	72
AS PARTES NA MATEMÁTICA DAS EMOÇÕES /	73
FINALIDADE /	74
NO HANGAR /	75
AVÓS /	76
EPIFANIA /	78
AVOZIDADE /	80
(DES)EDUCANDO OU FAZENDO FELIZ? /	81
BARQUEIRO DO RIO PARDO /	84
BRINCADEIRA ENTRE POETAS /	86
CANTO DE PARTIDA /	89
CINCO CANTOS À PRIMEIRA LUA /	91
CARTA-ORAÇÃO /	92
CHANCE /	94

COISAS DA SOLIDÃO /	95
NO SÍTIO /	97
COMO TANTOS /	101
CONSCIÊNCIA /	102
CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIABÓ /	103
CONVERSA COM “DÉDALO” DE MARVILLA /	104
CONVIVÊNCIA PACÍFICA /	106
CRENDO, AINDA /	107
CORAÇÃO MOLE /	108
DANDO SEQUÊNCIA AO QUE ME BASTA /	110
É O QUE ME BASTA /	112
DAS MÃES /	113
AS FLORES DO 31 /	114
DORMINDO A VIDA /	115
CREIO EM DEUS /	116
ONDE /	119
POETAR /	120
DORMIR E ACORDAR /	121
DUAS EPÍGRAFES PARA UM SÓ POEMA /	122
“EPPUR SI MUOVE!” /	124
ESPADA DA PAZ /	126
EM 2000 E TANTO /	128
ESTRANHEZAS /	129
ESCULTOR NA IMAGINAÇÃO /	132
EULINA /	133

PRESENÇA /	135
ERA ASSIM AQUELE PSIQUIATRA /	136
FUGACIDADE /	137
IMAGENS NUM POLÍGONO /	138
INCOINCIDÊNCIAS DO MODO DE AMAR /	139
INTERMITÊNCIA /	140
JOGO /	141
JUNHO AZUL-NEON /	142
LEMBRANÇAS /	144
LEVEZA /	145
LUGAR (IN)SEGURO /	146
RETORNO /	148
MANJAR DOS DEUSES /	149
DISTÂNCIAS /	150
MODISMOS /	151
O PRÍNCIPE /	152
O QUE SE SABE DO QUE O JORNAL FALA /	154
O AVESSE DA SABEDORIA /	156
O BANZO /	157
O FINAL /	158
O LADO BOM DO PASSADO /	159
O LADO OSCURO DO BRILHO /	160
OBSERVANDO /	162
ONDE ANDARÁ DEUS? /	164
OPERAÇÃO BISTURI /	166
OS OLHOS PEDEM /	170

OUVINDO /	171
PERDAS NECESSÁRIAS /	172
POEMA DA FERA /	173
PENSANDO EM NARCISO /	174
QUEBRADORES DE PEDRA EM VILA NOVA ESPERANÇA /	175
QUEM É QUEM? /	176
QUESTÃO DE TAMANHO /	178
REAIS NECESSIDADES /	179
RETECENDO ÍTACA /	180
UIVOS NA LUA VAZIA /	182
ESCORRENDO POR QUALQUER LUGAR /	183
VÍCIO DE LUA /	184
TRANSCENDÊNCIA /	185
VITÓRIA /	186
ALGUMAS (IR)RELEVANTES DESCOBERTAS NO AZUL DA AZUL /	188
RETORNO À ALDEIA /	193
E A CARAVELA PARTIU SEM MIM... /	194
AURORA BOREAL /	195
CANTIGA DE NINAR A LUZ /	196
BUSCADOR DE AURORAS /	197
COMUNICADO AMOROSO /	198
ESTE OLHAR DE JÚLIA /	199
ESSA COISA /	200
FRANCISCO E A CARIDADE /	201
PASSAGEIRO (NAS CATEDRAIS) /	202

MOTIVO PARA ESCREVER /	204
O MAR E O POEMA /	205
PROMESSA DE PALAVRA /	206
SEMENTE DO FRUTO /	207
SURDEZ /	208
O LIVRO-ARBÍTRIO /	209
A CASA DA LUZ /	211
A QUE VENDIA RECORDAÇÕES /	213
MÃE NO DIA A DIA	
NO MEIO DE MAIO /	216
ÓCULOS DE GRIFE /	219
DAS ÂNSIAS DO TEMPO... /	222

PREFÁCIO

EXPLICANDO AS EVAS

Sempre pensei em escrever sobre as mulheres da Bíblia, embora nunca tenha pensado nisso sob o ponto de vista religioso. Mas eu as pensava como as educadoras, as sábias, as legisladoras, as médicas, as sacerdotisas, as guerreiras, as cuidadoras que foram relegadas pelo afã, de algumas sociedades e religiões, de adotar o poder masculino como único e inquestionável, quase que apenas pela questão biológica, levando em conta o hormônio masculino – a testosterona – principal responsável pela agressividade num sentido mais amplo.

Claro que não é meu objetivo neste livro entrar pela ciência porque não me debrucei nas teorias para me meter a escrever sobre a progesterona das Evas, mesmo

sabendo que esse hormônio feminino as torna mais sentimentais, mais contemporizadoras, mais macias, mais Elas. Também não é meu objetivo polemizar com segmentos religiosos ou propor rasgar sutians nas praças.

O que eu imaginava mesmo era dar voz a quem foi tirada a vez de falar, de defender-se num universo onde o masculino imperava e não reconhecia o poder do feminino. Sabemos que em algumas poucas culturas antigas as mulheres eram respeitadas e consideradas seres indispensáveis para que a organização dos grupos sociais pudesse ser mantida. Então, quando me percebi como ser pensante, algo me cutucava a observar mais como as mulheres eram tratadas, não só nos textos gerais sagrados, mas em particular nos textos bíblicos que justificavam a subordinação das mulheres aos homens. As culpadas por isto ou aquilo, as pecadoras etc. É só dar uma lidinha sobre as mulheres celtas para ver como elas foram derrotadas pelo cristianismo. É só prestar atenção como ainda, nestes ditos novos tempos, o tratamento a elas dado funciona.

Desde sempre, portanto, motivos foram criados para justificar a opressão das Evas, embora elas sejam permanentemente fontes

de inspiração, porém obrigadas a permanecer guardadas em seus silêncios. Eu ficava indignada quando lia sobre as histórias femininas apresentadas. Elas silenciavam porque assim deveria ser. No entanto, dentro de mim, elas se explicavam, muitas vezes gritando por socorro. Então, escolhi as que mais me chamaram atenção e resolvi ouvi-las e emprestar-lhes a minha voz de mulher de século XXI: as Evas que, no meu modo de sentir, sempre deram um jeito de trilhar, dentro e fora dos jardins, corajosamente. Daí nunca terem perdido o famoso lugar de donas do Éden.

Vejam: A mulher de Lot teve nome? O que fez mesmo a mulher de Putifar? Lilith foi banida; Eva tornou-se maldita; Maria, a serva submissa do Senhor; Madalena, aquela que dava a todo mundo; Betsabá, a que nos deu os Cânticos de Salomão, Jezabel... Por aí vai!

De alguma forma, portanto, em todos os poemas, estamos nós. Evas! Essas mulheres maravilhosas que alguns – equivocadamente – pensam que as direcionam, mas, em verdade, o livro e o livre-arbítrio sempre serão delas porque na medida em que as liberto é provável me liberte também ao expor corajosamente alegrias, tristezas, dores, dúvidas, esperanças, reflexões e, acima

de tudo, amando mais do que desamando.
Sugiro que leiam com seus “Adãos”, afinal preconceito em poesia não existe.
Boa viagem e boa leitura!

Neuzamaria

O
LIVRO-ARBÍTRIO
DAS EVAS

dentro e fora
do jardim



LILITH

Mostro-me para sair do exílio
onde me colocaram
e tiraram minha voz:
eu feria os princípios do recato,
assim foi o relato dos escribas
que me condenaram
a ser poeira no livro oficial.

Fui tida feiticeira
de energia visceral
que consumia a paz do meu companheiro.

Queixoso, dizia-se prisioneiro
dos meus afagos.
É certo que o envolvia, não nego,
mas o que ele não admitia
era estar sob o meu comando
ou ter-me como par.
Rebelei-me, afinal fui feita livre
e queria iguais direitos.

Vingou-se e cobriu-me de defeitos
diante do Pai.

Excluída
fui mandada para a treva do mar
profundo.

De lá,
gerei desejos
e os enviei para queimar
o corpo de Adão.
Sua carne reclamava e desesperado
gritava por clemência.

O Criador cientista
rápido como a urgência de um raio
trabalhou à luz de vela:
da criatura tirou uma costela
e fez o primeiro teste de clonagem.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

EVA

“Não é bom que o homem esteja só;
far-lhe-ei uma auxiliar igual a ele.”

Genesis 2, 18. 22 – 24

Disse a Ti um dia o sim.
Disseste a mim: tu és mulher!
Bênçãos me deste
e em todo o teste a mim imposto
saí vitoriosa.
Até reinei num paraíso...
Pueril, a todo tempo mostrei riso
e nesse riso me fiz rosa.
Explorei o chão que me foi dado
vi tudo o que ali havia
provei até do que não podia
– não me fora permitido provar.
Tu
temendo o desabrochar que me possuía
disseste: “pecadora, vai embora,
não serás mais a senhora
do jardim que preparei!”

Aquele momento de queda
eu nomino salvação para as minhas
descendentes, insubmissas, conscientes,
sacerdotisas guardiãs da fábrica da vida
– presente sem medida para o mundo do
amor.

Tua cria – Te louvei
Tua alma habitando em mim.
Me deste o conhecimento
da bondade, da malícia, da perícia em parir.

Não carrego culpa ou dor
dentro ou fora do jardim,
posto que onisciente
me soubeste pura e sã,
e eu Te sei meu conivente
no episódio da maçã.

RAQUEL

No poço onde os amores se veem
encontrei os olhos do meu amado
e meu nome virou mel em seus lábios.
Fui por ele escolhida,
mas meu dono
ignorando as urgências do meu coração
sufocou o meu clamor lírico.

Inventei a espera para sobreviver.

Sete anos
sete forças duplicadas
sete vezes limitada
no desejo faminto de sua presença.

O amor
vulcão derramante que me invadia
deitou-me com ele na primavera.
Repartiu-se em mim
tantas vezes o seu desejo implorou
e eu amava seu jeito de me amar.

Eu era flor e queria frutos
mas as estranhezas da vida
não deixavam um fruto vingar.

Então, numa noite
enquanto a lua espalhava
claridade pela terra
derramei mandrágoras sobre o meu ventre
e fui fértil como as tentações das noites
por duas vezes...

Quando nossos sonhos
atingiram força máxima
partimos para onde mora o futuro.
Mas os ventos fortes vieram
e com eles, gritos de lamento e despedida:
fui arrastada para o desconhecido
deixando o amado,
minha metade restante,
meu Jacó de Canaan,
pisando o pó do deserto sem mim.

DALILA

Entre os Danitas foste abençoado
com óleo de jacinto.
Entre meus braços foste amado
como o vento que voa e não cansa
e o teu leão rugia em mim!

Tua juba não me dava sossego
tuas vontades não me deixavam dormir...

E ria a tua mãe por me teres dominado,
mais se ria de orgulho
do teu cabelo trançado...
Bufavam os homens do deserto
pelas mulheres que havias desvirginado
pelos campos que havias incendiado.

Sansão,
tuas vontades tantas
teu poder despótico
tua força inconsequente...
Alguém tinha que acabar com isso!

A navalha afiada
o teu fogo impotente
e cabelo sacrificado.

Se foi missão
a fiz cumprida.

IRIT

Alguns viviam na esbórnia
e curtiavam esse viver
repudiavam a tristeza
e qualquer tipo de sofrer.
Em lugar de água, vinho,
o Éden perfeito era ali;
os corpos faziam folia
as bocas diziam “bebi”.
Foi lá do alto o destino
dos sodomitas traçado
e Gomorra impenitente
teria destino igualado.
Enviados foram uns anjos
avisar da destruição:
enxofre e fogo seriam
ferramentas da imolação.
Quando chegasse o momento
uns poucos iriam partir
com olhos postos à frente.
Que mal houve no meu gesto



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

qual meu crime, meu pecado?
Fui salgada, fui punida
apenas por ter olhado?
Olhei talvez por saudade
dos filhos que quis rever;
não foi ceticismo ou bravata
tampouco por ser voyeur.
Provoquei do comando a ira,
foi duro comigo o juiz,
mas pergunto a quem me sente
qual mãe não faria o que fiz?
Disseram “sois seres livres”
– maldita contradição! –
quando o somos, de fato,
nos castigam por transgressão.
Coluna de sal hoje sou
e permaneço apesar dos ventos
que passam por mim e prosseguem
levando salgados lamentos.



MARIA

Pouco do nada que sabem sobre mim
muito do tanto da voz que silencieei
das maledicências que eu tanto suportei
do outonal mundo-macho de onde vim.

Magnificat! – serva dita por alguns –
me anunciaram mãe antes de eu saber
e se não fosse O Filho que eu ia ter
defenestrada seria pelos tabus.

Assumi o que em mim grande gerava,
só fui serva do coração que falava
sem importar com o que fosse acontecer.

Marquei ponto no parto
e vim caminhando,
virgem ou não, vim revolucionando:
sempre sou Eva e acontecendo em você!

AGAR

Por ser minha senhora infecunda
com seu marido deitei,
era escrava, não tinha escolha,
muito menos o abrigo da lei.

Precisavam de um herdeiro
e esse filho meu ventre hospedou;
era meu – e não era – esse fruto,
mas da senhora e do senhor.

Não sei por que Deus, de repente,
mudou uma história já pronta:
pôs no ventre ancião de Sara
o motivo da minha afronta.

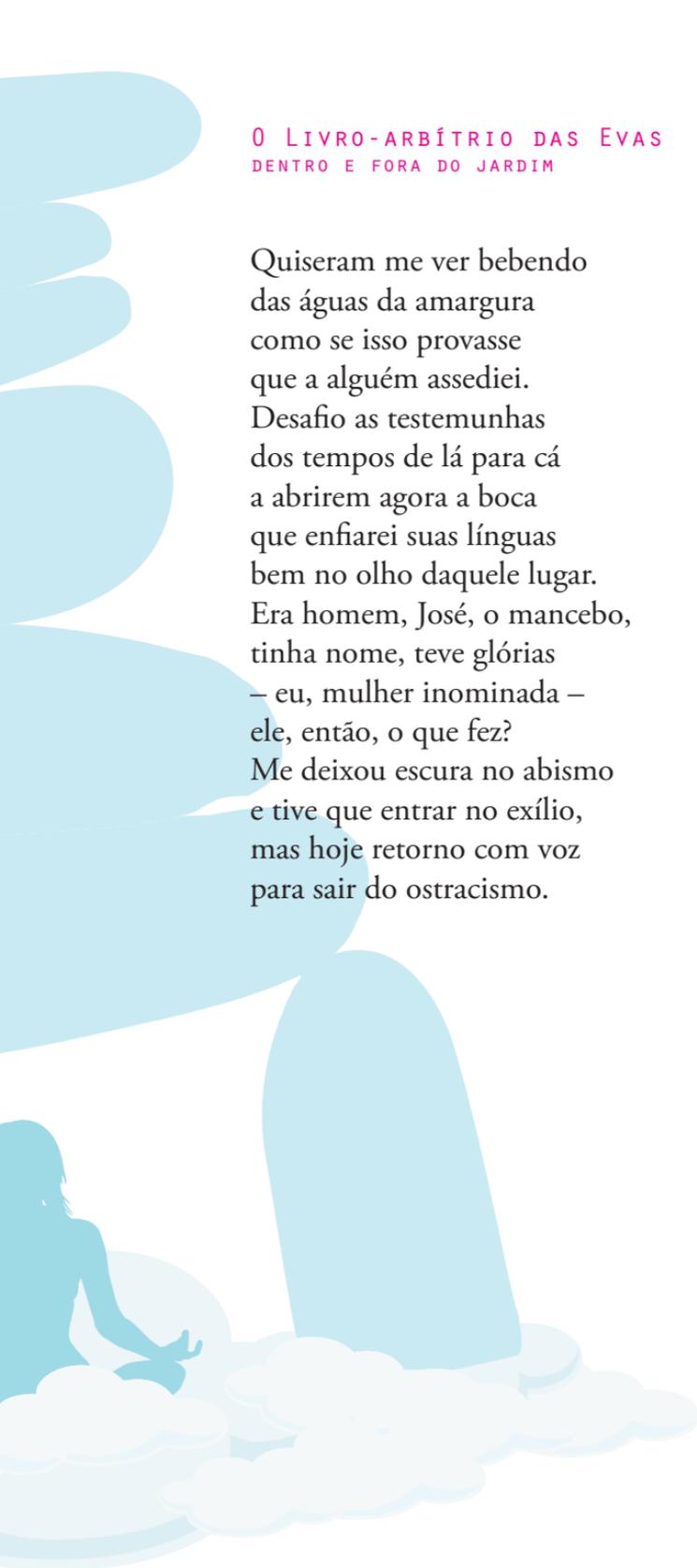
Fui banida para o deserto
levando um odre com água e o pão
mais meu filho, filho primeiro,
injustiçado por Abraão.

Sob a tenda que me cabia
teci grande e novo destino
e fiz do meu filho bastardo
arauto de um sonho divino.

Toda amargura do passado
troquei por força e valentia;
intuição que traçou rumos
e me deu relativa alforria.

A MULHER DE PUTIFAR

Não sei o meu nome.
Não há registros dele para mim...
eram assim, as usanças naquele lugar.
Fosse boa ou ruim
preferiram a infiel, a mulher de Putifar.
Entrei para a história
por causa daquele hebreu
que havia sido vendido
e com honras acolhido
no espaço que era meu.
Fiquei sem defesa alguma
quando enlaçada em seu manto,
minha voz não foi ouvida
muito menos o meu pranto.
Por pura comodidade,
traiu-me aquela grei;
covardes, me humilharam,
disseram que adulterei.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Quiseram me ver bebendo
das águas da amargura
como se isso provasse
que a alguém assediei.
Desafio as testemunhas
dos tempos de lá para cá
a abrirem agora a boca
que enfiarei suas línguas
bem no olho daquele lugar.
Era homem, José, o mancebo,
tinha nome, teve glórias
– eu, mulher inominada –
ele, então, o que fez?
Me deixou escura no abismo
e tive que entrar no exílio,
mas hoje retorno com voz
para sair do ostracismo.

REBECA

Atravesse a cortina da fina areia
que os ventos levantam no deserto
e entre na minha vida.

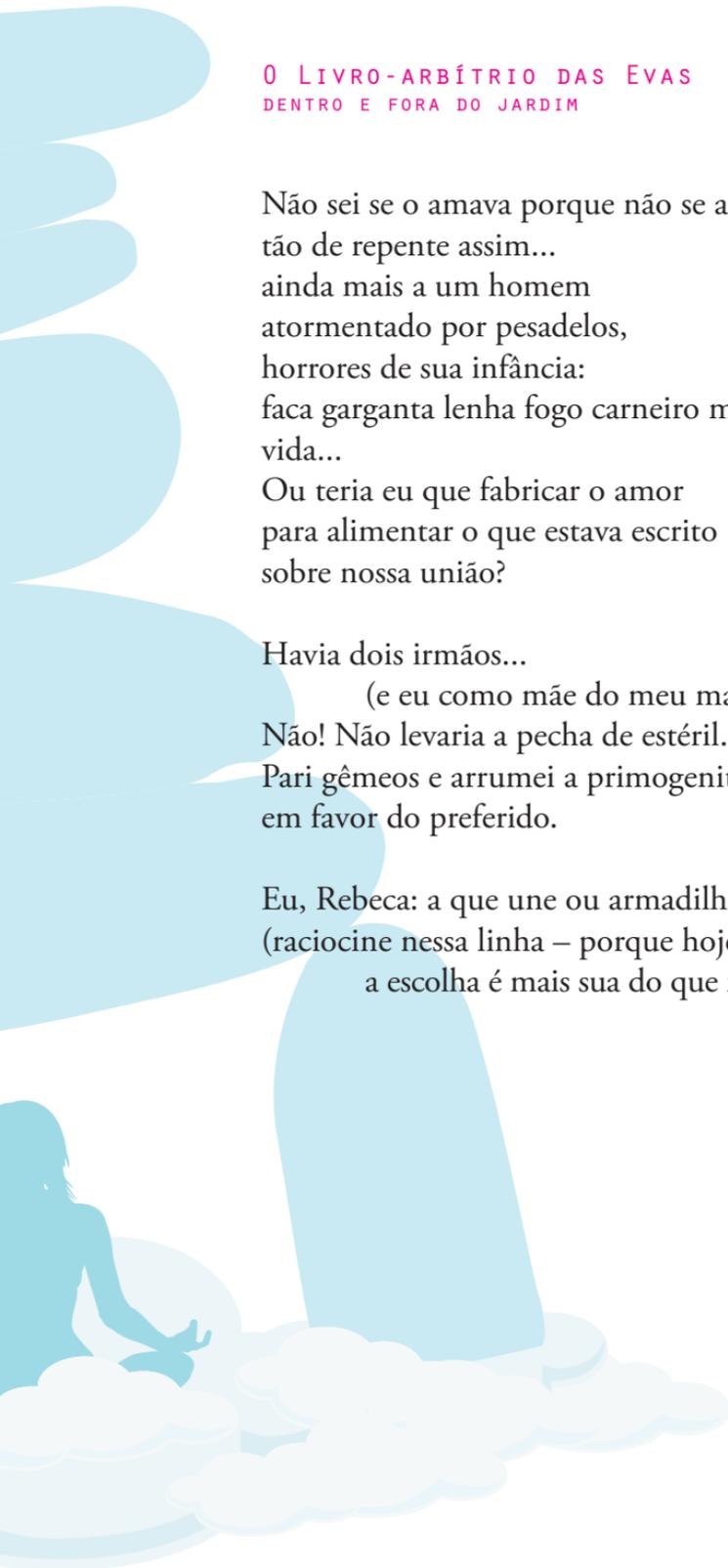
Esqueça o tempo:
o ontem
e o hoje são igualmente bons.

Esqueça o espaço:
tudo cabe dentro da imaginação.

Busque outra forma de olhar:
quantas falas cabem numa verdade?

(Veja, há outra dimensão).

Havia dois irmãos
e com um deles me casaram: Isaac.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Não sei se o amava porque não se ama
tão de repente assim...
ainda mais a um homem
atormetado por pesadelos,
horrores de sua infância:
faca garganta lenha fogo carneiro morte-
vida...

Ou teria eu que fabricar o amor
para alimentar o que estava escrito
sobre nossa união?

Havia dois irmãos...
(e eu como mãe do meu marido).
Não! Não levaria a pecha de estéril.
Pari gêmeos e arrumei a primogenitura
em favor do preferido.

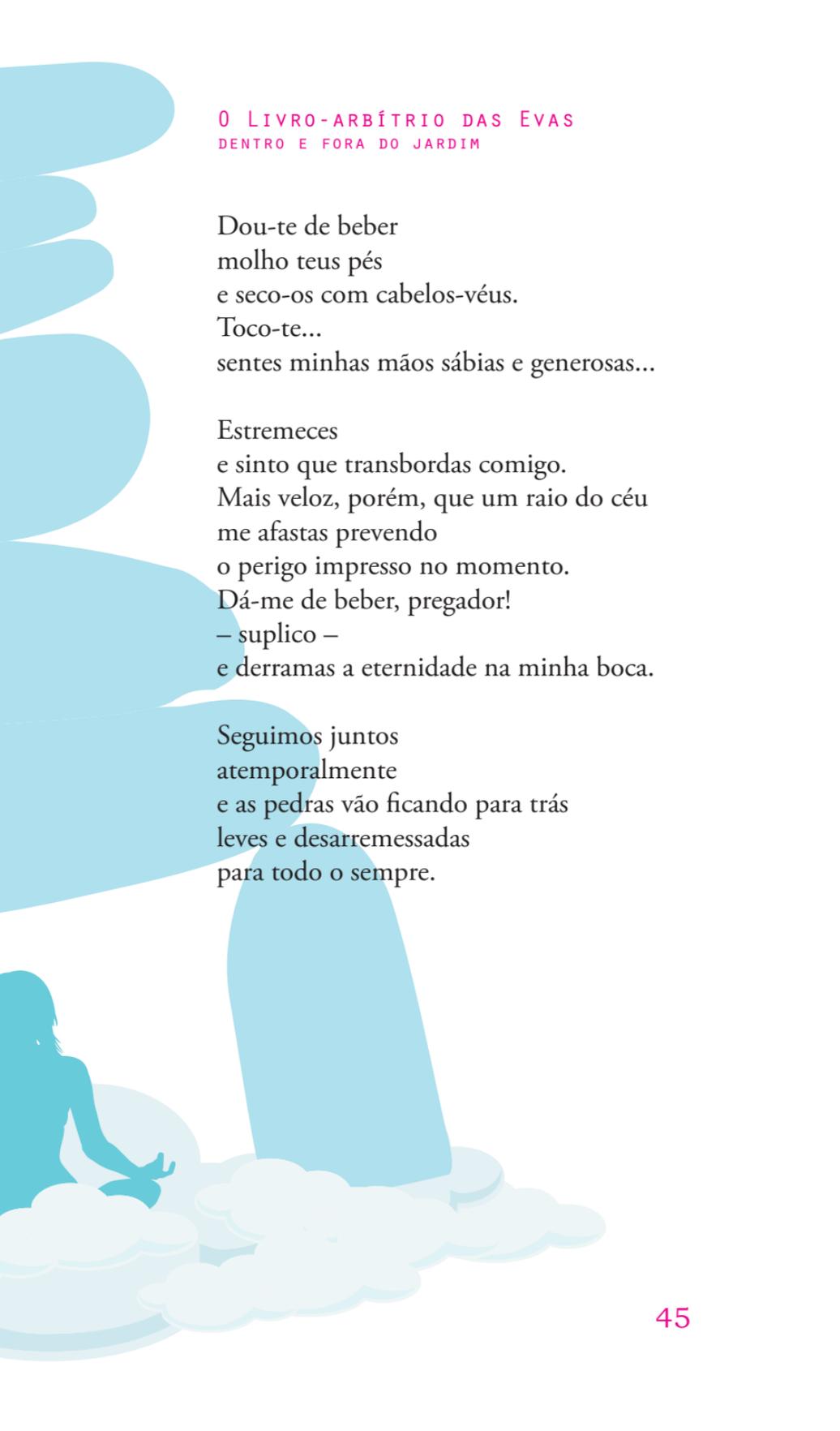
Eu, Rebeca: a que une ou armadilha –
(raciocine nessa linha – porque hoje
a escolha é mais sua do que minha).

MADALENA

Do poço de Jacó
no meu cântaro-corpo
em vez de bálsamo trago a líquida imagem
dos quereres do mundo.
Na sexta hora do dia
hora ausente das sombras
havidas em Samaria
pressinto tuas pisadas caminhantes
sobre os meus desejos.

Do meu vaso de alabastro
deixo verter lágrimas de cheiro
deixo verter águas de água
para alívio das minhas sedes
desapaziguadas
na espera do teu olhar.

Passas.
Tu queres ir, mas tuas vestes se grudam
na primeira pedra
e o teu manto senta sobre mim.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Dou-te de beber
molho teus pés
e seco-os com cabelos-véus.
Toco-te...
sentes minhas mãos sábias e generosas...

Estremeces
e sinto que transbordas comigo.
Mais veloz, porém, que um raio do céu
me afastas prevendo
o perigo impresso no momento.
Dá-me de beber, pregador!
– suplico –
e derramas a eternidade na minha boca.

Seguimos juntos
atemporalmente
e as pedras vão ficando para trás
leves e desarremessadas
para todo o sempre.

SERPENTE

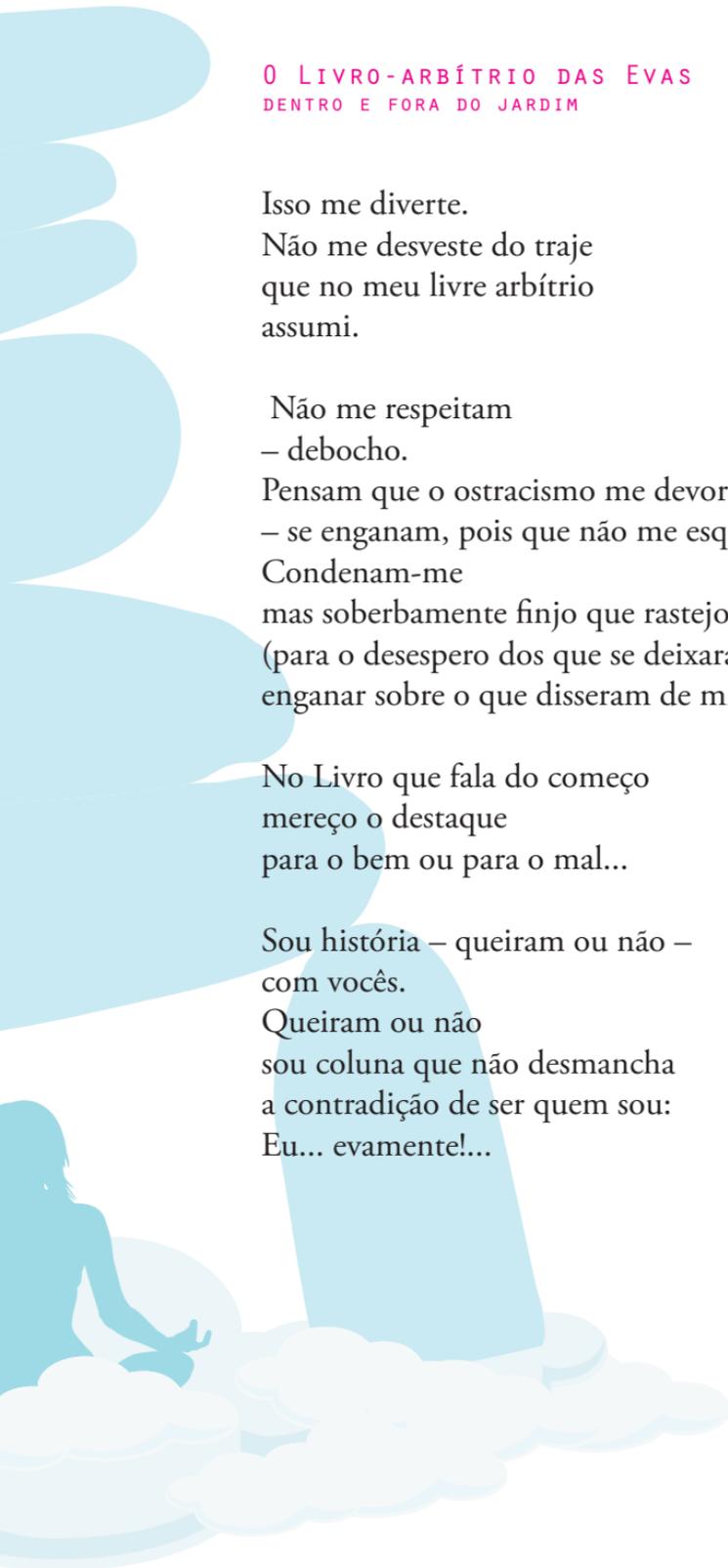
Serpenteio evamente
e me ponho desnuda para os julgamentos
devidos.

Não que me importe com eles
mas me presenteio nos gozos
dos que me julgam.

Por que não serei eu Eva também?
Por que não serei todas Elas
dentro e fora do jardim?

Das manias todas
que todos têm
a que menos gosto é vê-los
nas vestes das vestais.
Mas que fazer se curtem o viciomania
de a tudo julgar?

Minha veste é a pele curtida
que suporta a aridez do chão
pantanosos – ou não.
Minha veste é o medo que têm de mim:



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Isso me diverte.
Não me desveste do traje
que no meu livre arbítrio
assumi.

Não me respeitam
– debocho.
Pensam que o ostracismo me devorou
– se enganam, pois que não me esquecem.
Condenam-me
mas soberbamente finjo que rastejo
(para o desespero dos que se deixaram
enganar sobre o que disseram de mim).

No Livro que fala do começo
mereço o destaque
para o bem ou para o mal...

Sou história – queiram ou não –
com vocês.
Queiram ou não
sou coluna que não desmancha
a contradição de ser quem sou:
Eu... evamente!...

BETSABÁ

Teu olhar visitou os meus seios
quando inocentes eram banhados por
frescas águas

Tua cobiça visitou o meu corpo
quando inocente desejou o corpo teu

Teu pecado acarinhou minha alma
quando me fiz tua harpa
e a música soou em mim

Quanto amor escorreu de tua boca
encharcando minha língua de mel
ungindo mil poros meus
e fazendo do meu umbigo
a taça do vinho de Deus!



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Nossas almas tão sagradas
com perdões e aleluias
minhas entranhas emprestadas
para encarnar Salomão
com seus cânticos aqui
dentro e fora do jardim...
Por isso hei de dizer
que não houve transgressão
foi com a santa permissão
do amor vindo de Eli.

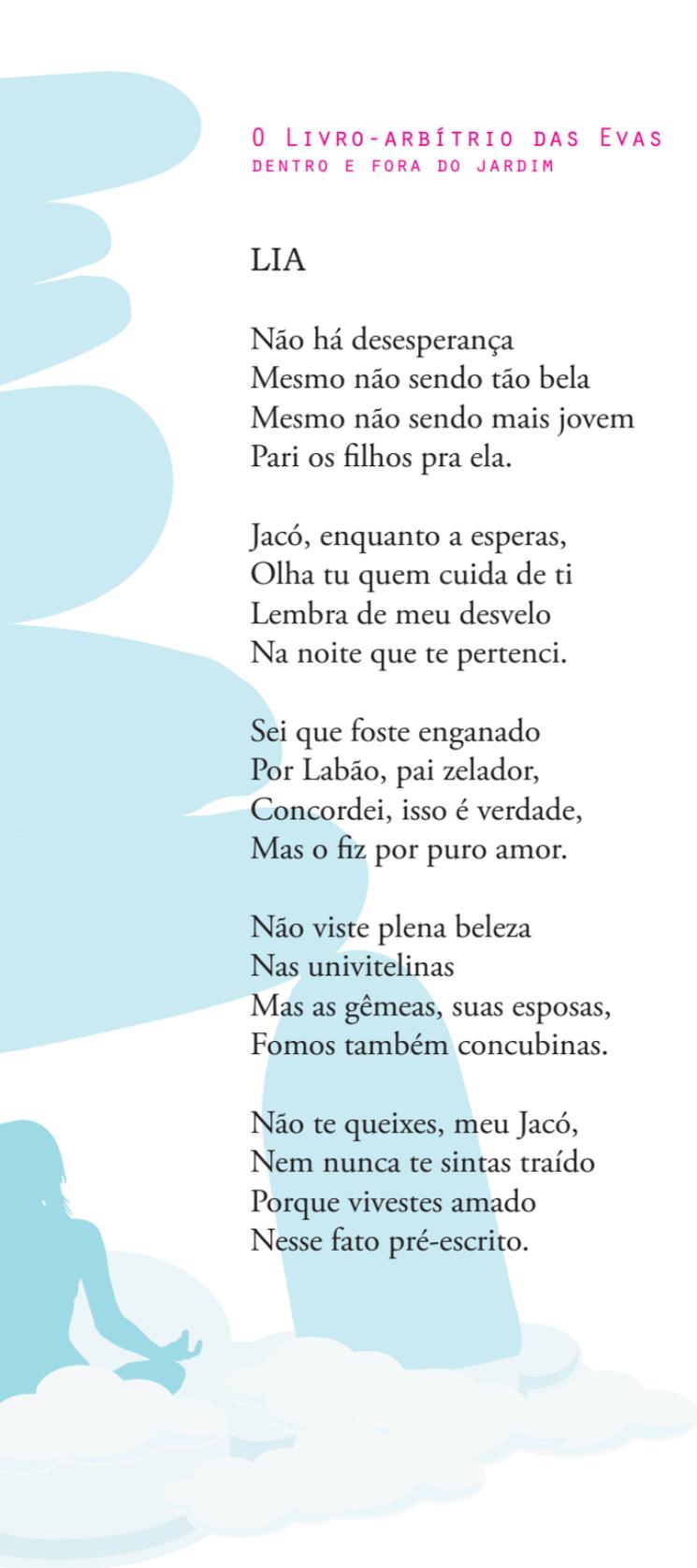
Oh, Davi, rei meu!
Oh, Davi!

JEZABEL

Fui princesa fenícia
fui esposa estrangeira
– a rainha israelita –
num casamento arranjado
me obrigando guerreira.
Preso em patriarcado
numa estrutura hostil
mesmo tendo identidade
me bati com um gentio:
– Elias, o tesbita, de um lugar
que a areia escondeu.

Elias pensou sua fé e a minha despensou;
mandou seca, fome e sumiu,
e meu povo padeceu;
escorracei os profetas seus,
ele mandou matar os meus.

Fizeram de mim objeto
enfeite sem voz ou ação
porém lutei por justiça
com o sagrado no meu coração.
Ele – profecia glorificada,
Eu – infiel defenestrada
Ele – num céu inventado
jogando com seus afins
Eu – uma Eva escolhida
sempre dentro dos jardins.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

LIA

Não há desesperança
Mesmo não sendo tão bela
Mesmo não sendo mais jovem
Pari os filhos pra ela.

Jacó, enquanto a esperas,
Olha tu quem cuida de ti
Lembra de meu desvelo
Na noite que te pertenci.

Sei que foste enganado
Por Labão, pai zelador,
Concordei, isso é verdade,
Mas o fiz por puro amor.

Não viste plena beleza
Nas univitelinas
Mas as gêmeas, suas esposas,
Fomos também concubinas.

Não te queixes, meu Jacó,
Nem nunca te sintas traído
Porque vivestes amado
Nesse fato pré-escrito.

ANA

Não rodopiei a cabeça
e me acreditaram tomada de vinho;

Movi os lábios na sinagoga
e descreeram da minha dimensão espiritual;

Não ofereci sacrifícios
e debocharam do meu gesto;

Não ofendi as ouças do meu Senhor
e não entenderam o meu silêncio;

Ignorei as convenções litúrgicas
e os sacerdotes desdenharam de mim;

Tripudiando do meu ventre
Penina paria em pencas;

Numa urgência sagrada
minhas lágrimas falaram mais
meu coração se ampliou
aprendi a telepatia divina
criei a prece interior.

Sabe qual o melhor do silêncio?
Fui ouvida pela primeira vez!

MARIA (NAZA) JOSÉ

Conheci uma alva Eva
inda mal formatada flor
que não teve a liberdade
de escolher o próprio amor.

Privada de seus jardins
viveu onde nunca aceitou
mas havia dentro de si
um Éden que me ocultou.

Seus olhos só eram orvalhos
molhando seus dias inteiros
impermitindo brotar
simples flores nos seus canteiros.

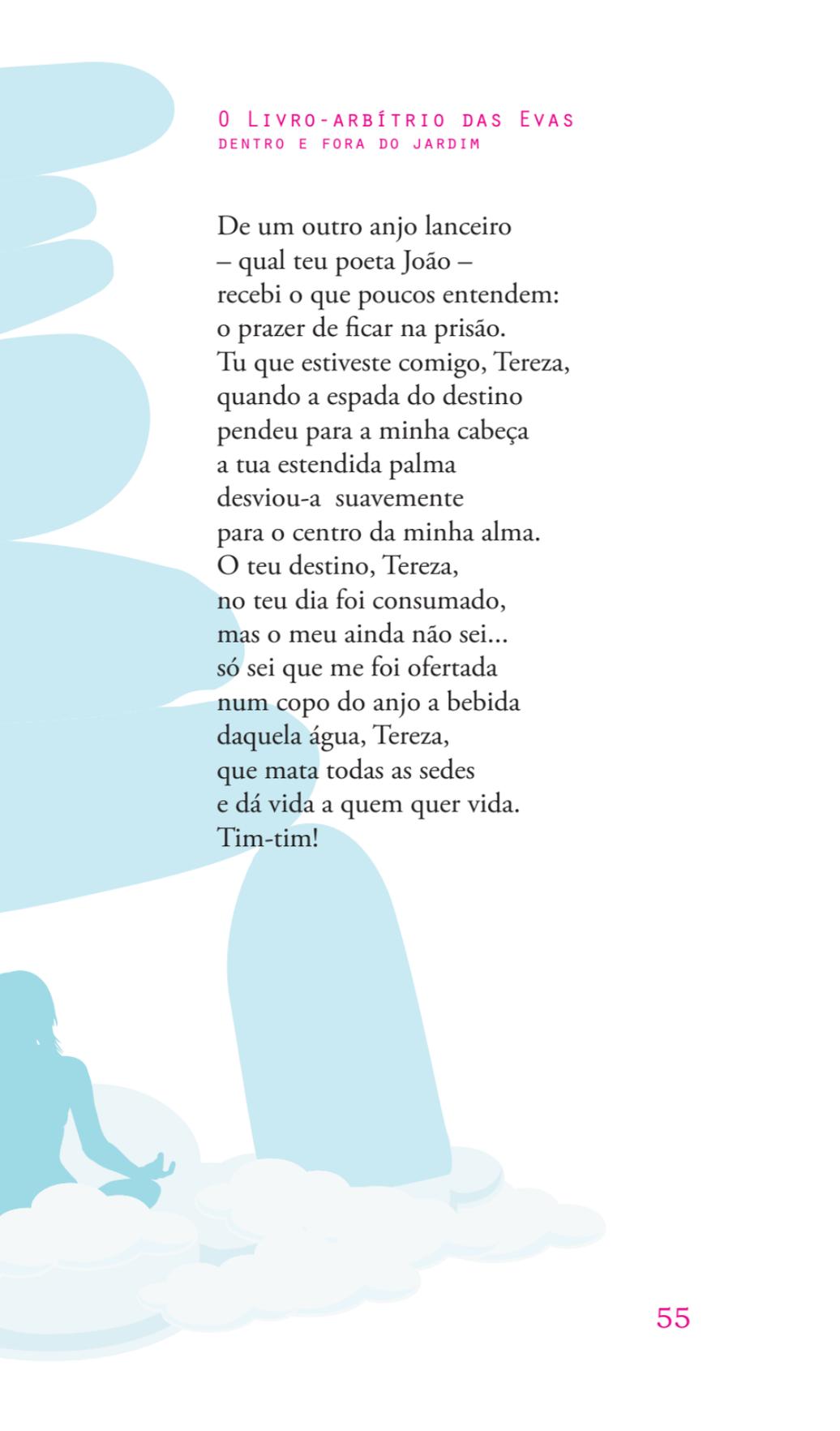
Confinada em sua dor
pois que fora do jardim...
arbitrou seu jogo – vida
abraçando da vida o fim.

Foi uma Eva silente
que se foi sem um balido
mas as águas dos seus olhos
inda gritam em meu ouvido.

(27/02/13)

TEREZA D'ÁVILA

No quadradinho de tua cela
vi teu êxtase tanto pedido
também a seta partida
do peito do anjo divino.
Da minha própria cela, Tereza,
volto os olhos para ti
e digo com toda certeza:
também fui alvo, Tereza,
também fui alvo, Tereza!...
pois que tenho a seta inda presa
preenchendo meus dentro vazios.
De ti
– não sei bem o que querias –
mas meu coração, Tereza,
não pode ser só de Jesus
e nem quero por alegria
as dores da Santa Cruz.
Sei que me sabes, Tereza,
pois que me viste mergulhar
em olhos de mar nascidos
nos claros da luz solar.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

De um outro anjo lanceiro
– qual teu poeta João –
recebi o que poucos entendem:
o prazer de ficar na prisão.
Tu que estiveste comigo, Tereza,
quando a espada do destino
pendeu para a minha cabeça
a tua estendida palma
desviou-a suavemente
para o centro da minha alma.
O teu destino, Tereza,
no teu dia foi consumado,
mas o meu ainda não sei...
só sei que me foi ofertada
num copo do anjo a bebida
daquela água, Tereza,
que mata todas as sedes
e dá vida a quem quer vida.
Tim-tim!

MOVIMENTOS

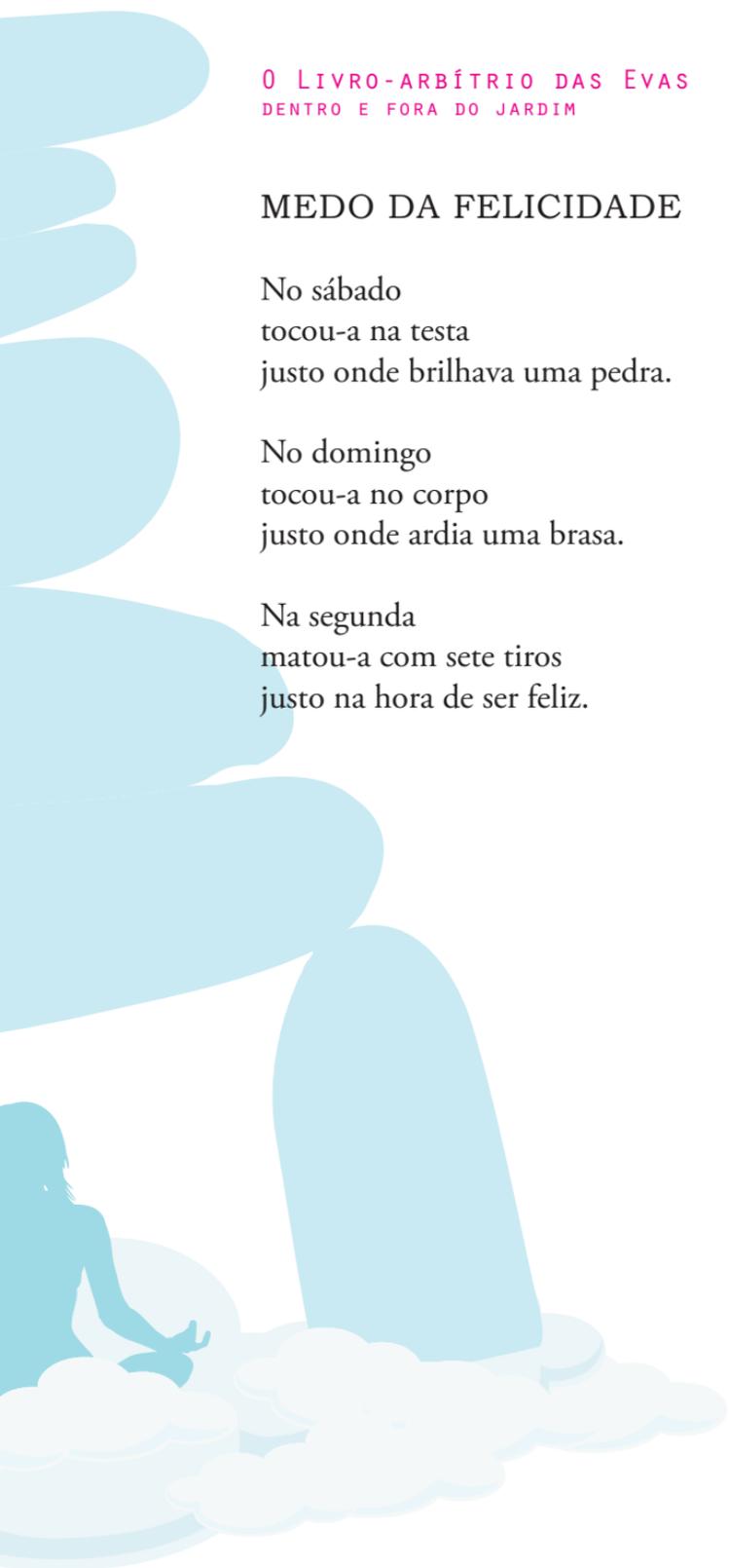
Minhas tempestades
não são cerebrais
– são na alma...
Chego a sentir
o meu corpo estremecer
todos os dias
a cada disparo do céu!

MEDO DA FELICIDADE

No sábado
tocou-a na testa
justo onde brilhava uma pedra.

No domingo
tocou-a no corpo
justo onde ardia uma brasa.

Na segunda
matou-a com sete tiros
justo na hora de ser feliz.



A CORAGEM NA MÃO

O “mão-de-obra”
não pensa
não sente
é sujo
é pobre
é anônimo
é menos que ninguém.

É o incompatível
o incompetente
o sobressalente
o descartável
o substituível.

O “mão-de-obra”
é o relógio
o padrão
o insalubre
o repeti(dor)
o apático
o covarde
o infeliz
que com sua mão valente
limpa o podre
do seu patrão.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

TIPOS DE TRABALHO

As mãos de Cora Coralina
faziam doces e poemas.
Diferenças entre esses trabalhos
não há.

A MORTE DA CINDERELA

Descobri três coisas:

diploma não dá dinheiro
casamento não é pra sempre
príncipe encantado não existe.

Se houver mais descobertas
que encobertas possam estar
me descubro das cobertas
ponho a boca no mundo:

todo o resto é brincadeira!

A RASTEIRA

Um dia
comi brasas, às colheradas,
servidas pela mão
do cão.

Eu, silenciosa,
engolia.
Ele, escandaloso,
ria.

Um dia
rebelei-me contra o algoz da minha dor:
um rabo de arraia
uma rasteira
berimbau e capoeira.

Bebi no graal um laxante
santo libertador.
Expeli cinzas
e fênix, voei.

Quanto a ele, nunca mais me encontrou.

CONTENDA

Eu remo.
Em algum canto hei de chegar.
Meu remo
 chicote que espanca o mar.

Remo e navio navegam
Sobre um mar que é sem fim.
Remo e navio disputam
 quem navega mais em mim.

A ILHA ESCOLHIDA

Quando me bate à porta
um sentimento de orfandade
penso no mundo conhecido
e no mundo imaginado.

Em meu socorro
cresce o Morro do Pernambuco em lua
a derramar seu pólen luzente e santificado
sobre mim.

Um silêncio religioso
me envolve:
ajoelho-me, cerro os olhos
e os versos viram prece na boca-poeta.

Então
um dilúvio de pólen-prata vindo dos céus
faz-se correnteza...
e conduz minha arca de volta a Ilhéus.

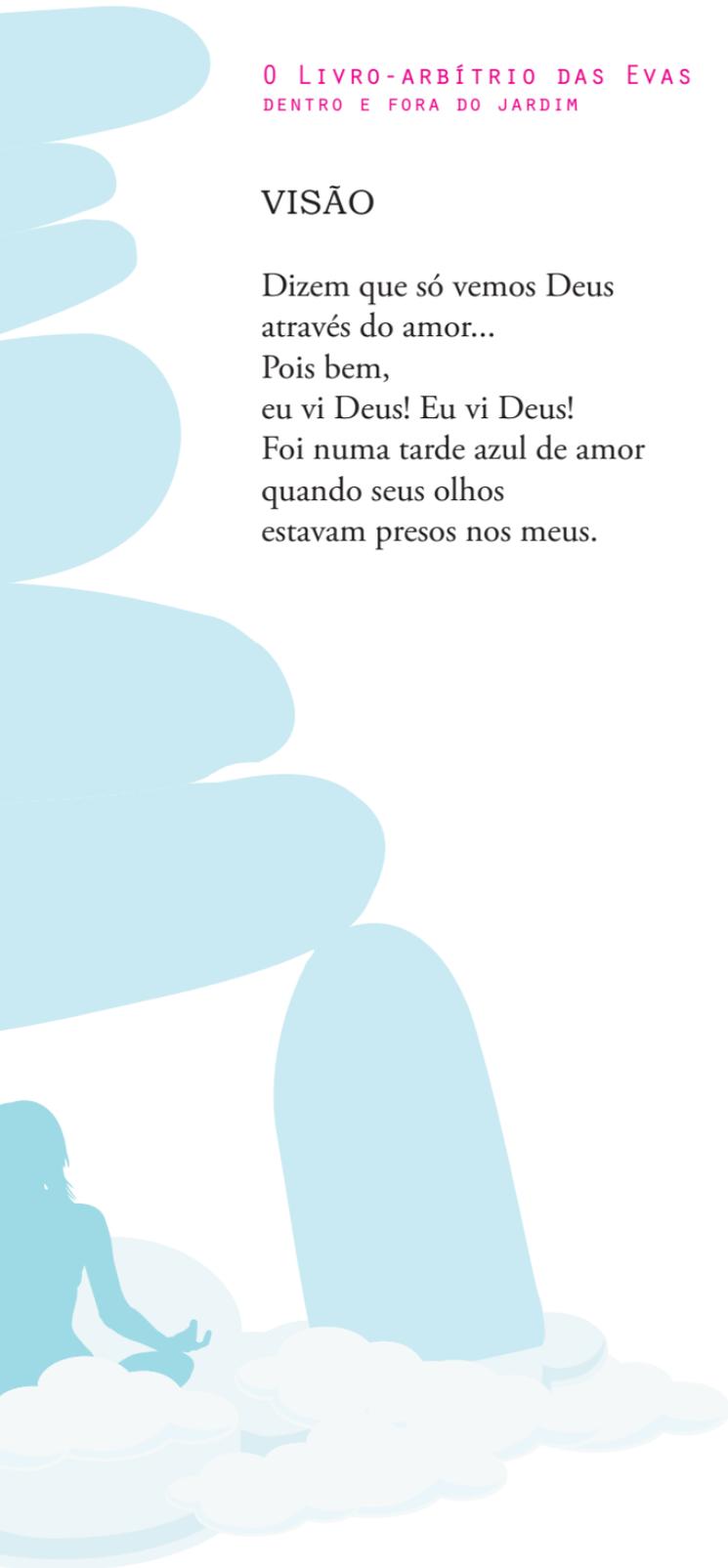
MATANDO SAUDADES

Um dia
apeei do dragão que vive na bola de prata.
Com a coragem dos ousados e loucos
tomei uma espada e cortei as amarras
que me atavam à lua de São Jorge dos Ilhéus.

Não disse adeus:
saí enquanto o silêncio vigiava o sono do céu.

Quando a saudade grita o meu nome
no frio das madrugadas
visto as asas de Ícaro
e voo a visitar o “búfalo bifronte”
de Sosígenes Costa.

Volto saciada das sedes
porque o Santo Espírito me põe na boca-alma
o bento impulso dos recomeços.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

VISÃO

Dizem que só vemos Deus
através do amor...

Pois bem,
eu vi Deus! Eu vi Deus!
Foi numa tarde azul de amor
quando seus olhos
estavam presos nos meus.

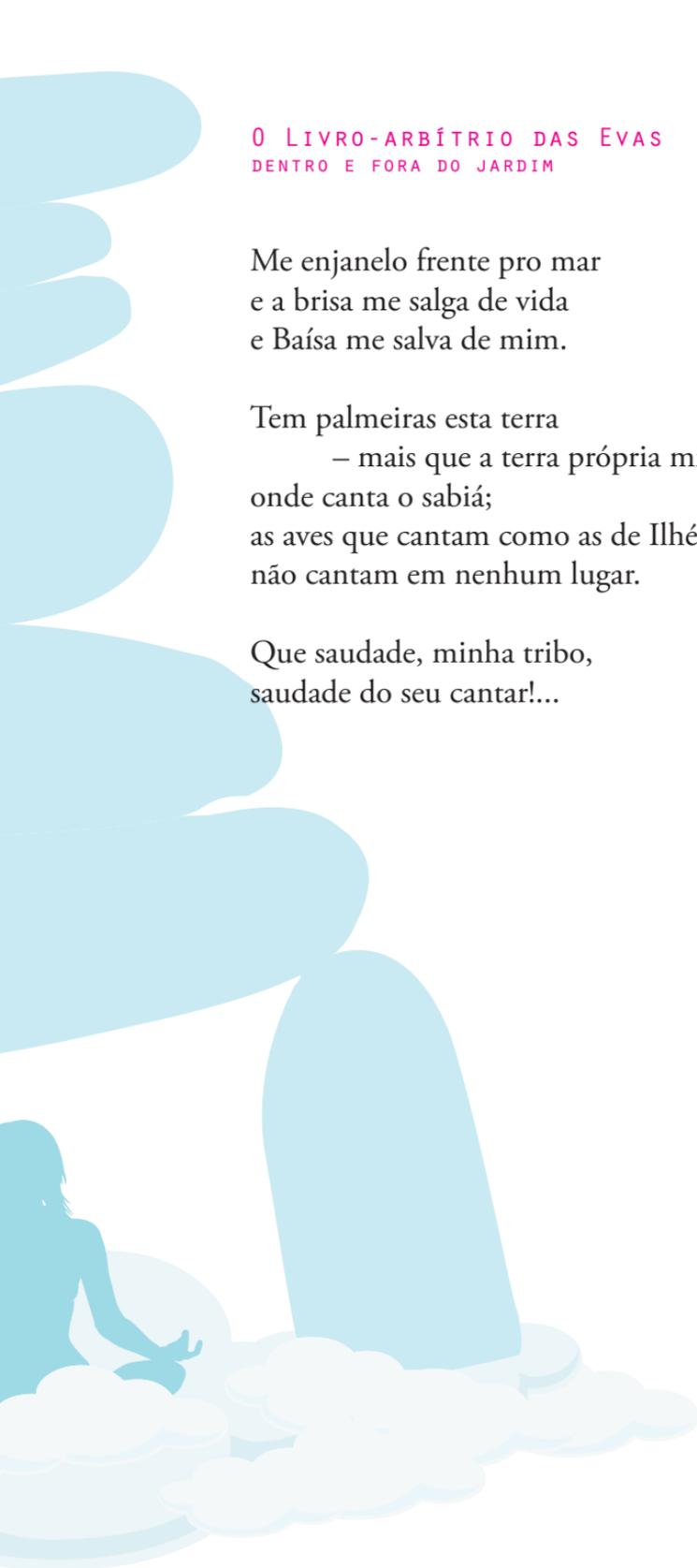
TRIBO GRAPIÚNA

Na saudade – meu sustento
no sonho – meu reencontro
naquele torrão sidério – entrada do meu
recanto.

Em minhas noites insones
busco olhos com os quais vivi
e outros olhos que nunca mais vi
que hoje cantam no mundo dos bons
e mesmo assim inda estão aqui.

Ilhéus, meu milagre,
minha pílula pra dormir!

Lá é assim
onde acampam os Santos todos
que me embalam na redes do Sítio de Ruy
– farol que me foca em futuros.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Me enjanelo frente pro mar
e a brisa me salga de vida
e Baísa me salva de mim.

Tem palmeiras esta terra
– mais que a terra própria minha –
onde canta o sabiá;
as aves que cantam como as de Ilhéus
não cantam em nenhum lugar.

Que saudade, minha tribo,
saudade do seu cantar!...

ANJO NO ESPELHO

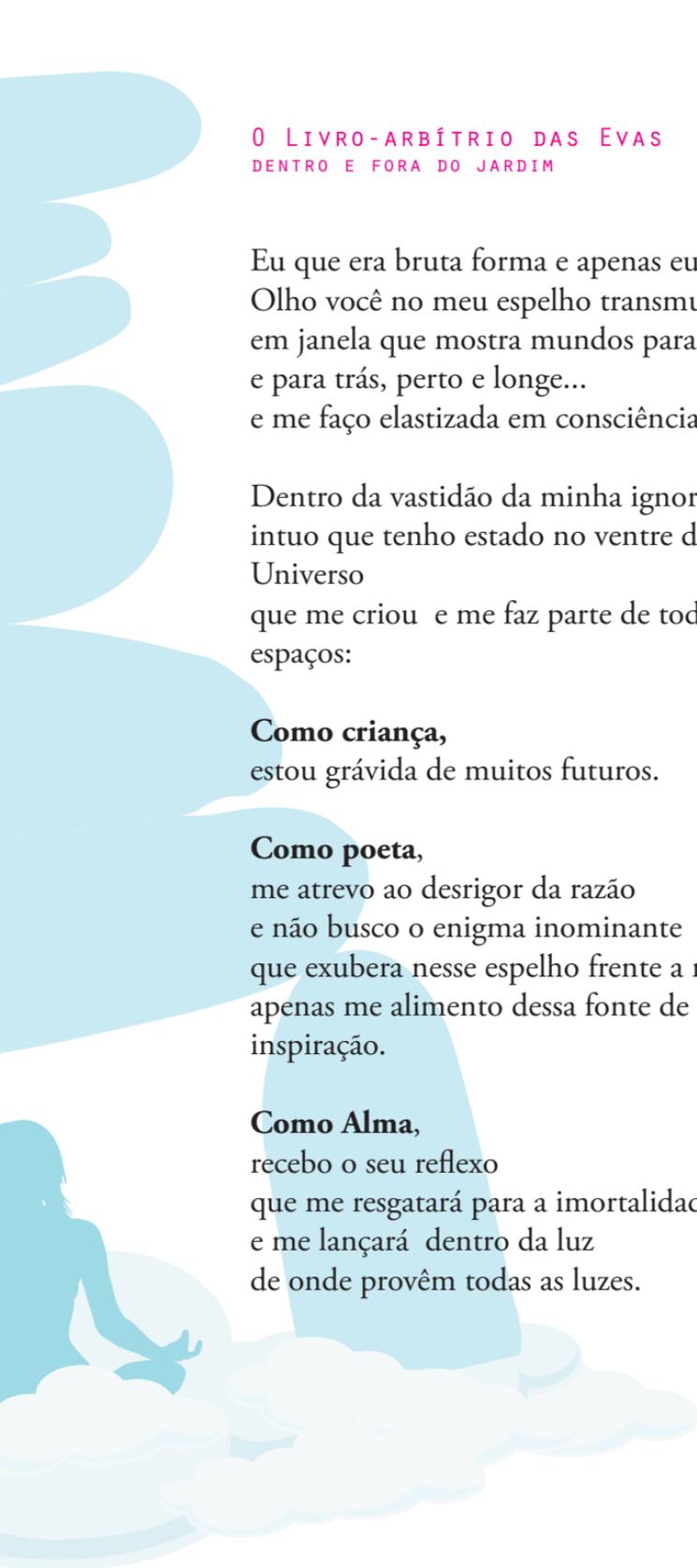
Escapuliu do seio cósmico
e de repente se instalou
no espelho que era mudo
e apenas espelho.

Não houve turbulência
na sua passagem para a minha dimensão.
Eu sei que não houve
pois que silencioso
apenas apareceu com seu perfil de prata...
e nenhum vento anunciou
sua chegada, sua presença.

Houve turbulência, sim,
no meu âmago desabrido
e no meu coração que era incerto
e apenas coração.

Incluiu-me no banquete de sua luz
e despiu-me da opacidade
que me fazia sombra.

Diante de sua luminescência
apodera-se de mim a clareza das trilhas,
que me apontavam um dia
e eu por vezes indocilmente segui.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Eu que era bruta forma e apenas eu.
Olho você no meu espelho transmutado
em janela que mostra mundos para frente
e para trás, perto e longe...
e me faço elastizada em consciência.

Dentro da vastidão da minha ignorância
intuo que tenho estado no ventre do
Universo
que me criou e me faz parte de todos os
espaços:

Como criança,
estou grávida de muitos futuros.

Como poeta,
me atrevo ao desrigor da razão
e não busco o enigma inominante
que exuberava nesse espelho frente a mim...
apenas me alimento dessa fonte de
inspiração.

Como Alma,
recebo o seu reflexo
que me resgatará para a imortalidade
e me lançará dentro da luz
de onde provêm todas as luzes.

“AMA! E FAZE TUDO O QUE
QUISERES”

Santo Agostinho

Por mal dos meus pecados
talvez seja castigada
mas por boa a minha sorte
por amor fui redimida
por amar fui perdoada...

E caminhando com esse amor
mais alegre do que triste
descobri na caminhada
que em caminhos de amor
o pecado não existe!

APRENDER

É tão difícil lidar com gente!
Bem menos
é a lida solitária
no acalanto das palavras
– lentes da poesia.

Ensina-me, ó vida,
a árida trilha da montanha
onde fica a letra bruta e vazia
para o exercício do polimento
e o preenchimento do verso diamante.

Gentes tão desiguais
e tão ímpares como palavras soltas.

Ensina-me, ó vida,
a tara precisa na balança
da gente que me amplia
da palavra que me completa.

Ensina-me a colheita
da palavra adivinhada...

Matura-me no trato
com gentes e palavras
que fulgem nas combinações misteriosas
ancorando tudo firmemente
no espaço constelado
da estrofe.

APRENDIZADO EM QUATRO SEGUNDOS

(Ruy Póvoas, amigo)

No primeiro segundo

entrou como uma imprevista tempestade:
foi o mais difícil.

No segundo segundo,

extensão do primeiro,
assumiu a dor das dores do mundo.

No segundo terceiro,

vizinho do quarto derradeiro,
confirmou o provisório da vida,
sentença, até então, inaceitável.

No quarto, pontual como a morte,
mero transporte de um passageiro,
ensinou sobre toda a inutilidade
– num equívoco de sacralidade –
de se dar por inteiro
para quem o recebe
somente pela metade.

AS PARTES NA MATEMÁTICA DAS EMOÇÕES

(Maria Angélica, amiga)

Além das metades
terços e quartos
pedaços pequenos
com os quais lidamos nos dias.

Metades terços quartos
e os mais e os menos
dos nossos e dos outros.

Pedaços matemáticos
das emoções todas
que na “média ponderada”
se impõe à razão.

No resultado final
a palavra Solução
veste a roupa da Esperança
e a vida vai se depurando...
inteiramente
governadamente
matematicamente.

NEUZAMARIA KERNER

FINALIDADE

Se foi missão,
a fiz cumprida.

Se escravidão,
estou alforriada.

Se karma,
liberada.

Se foi por amor à vida,
consumato est.

NO HANGAR

Um chamado
uma pressa
uma ave corrente
um voo rasante
uma asa abatida
no chão.

Uma dor de penas insistentes
pendidas à direita do corpo
sem poder o abraço de plumas
geme...

No hangar
um pássaro desastrado
aguarda liberação para decolar
um novo plano de voo.

Ao longe
um Cordeiro observa...

Põe a ave no lombo
e numa intervenção

a mágica

a âncora

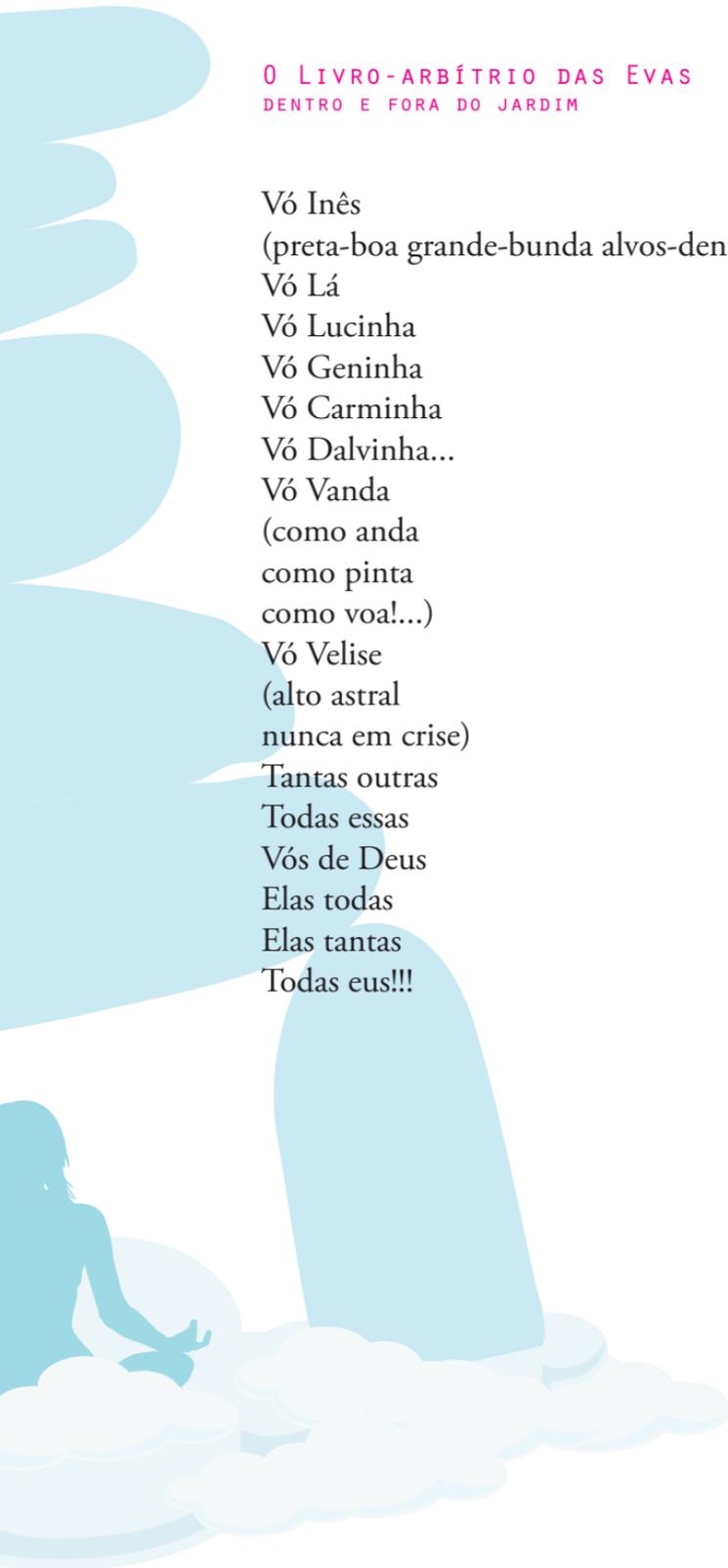
a cura.

E a ave parte para voar estrelas douradas
através de janelas que se insinuem
e sussurram:

vem!...

AVÓS

Avó S(x)ió
Vovó Ba
Tia Boa
(aonde andarás?)
Vovó Isa
(quando será?)
Vovó Eulina
(tão ponderada!)
Vó Paulina
(tão dourada!)
Vó Lucila
(luz risonha, já se foi)
Vó Lili
Vó Necy
Vó Acy
(ainda estão aqui)
Bisa (Naza) Maria
(quem diria!...)
Vó Ercília
(tão risonha!)



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Vó Inês
(preta-boia grande-bunda alvos-dentes)
Vó Lá
Vó Lucinha
Vó Geninha
Vó Carminha
Vó Dalvinha...
Vó Vanda
(como anda
como pinta
como voa!...)
Vó Velise
(alto astral
nunca em crise)
Tantas outras
Todas essas
Vós de Deus
Elas todas
Elas tantas
Todas eus!!!

EPIFANIA

(para Henrique Kerner Vieira Mendonça)

De repente o céu abriu-se em relâmpagos!

Relâmpagos, para os desavisados,

eram luzes de poesia

que alumiam

o caminho de Henrique.

Ele descia do céu para os meus abraços,

para meu coração-manjedoura.

Descia para provar-me a imortalidade da vida:

fazer-me ver nele

a continuidade de mim,

fazer-me redescobrir Gaspar,

Melquior e Baltazar

com seu incensos, mirras e ouros

no semiaberto do seu olhar

no instante da revelação

de um amor novo.

Ensina-me, meu neto,

este amor diferente que trouxeste;

a paciência tua à espera do leite mel

que jorra do seio de tua mãe;

a crença de que o Eterno

voltou a sorrir para a terra

através do aconchego do teu pai;

O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

a reacender a estrela da esperança
que aclara nossas sendas.

Ensina-me mais:

a desinvenção das bombas
das injustiças
das diferenças
dos preconceitos
das fomes todas.
A reinvenção da pureza
da partilha
da paz
do pão.

Juntos seremos parceiros,
aprendizes de trocas.
Te farei conhecer personagens
que habitam meus mundos
ensinando-te a entrar
nas histórias que aprendi
desde que era como tu.
Beberemos juntos o orvalho
que as flores guardam das madrugadas
para os que creem nesse néctar de amor
que amplia e transforma tudo
na incomensurável
Luz da Epifania.

AVOZIDADE

De repente
a azulidade do céu
abriu-se em mim.

De repente
cobriu-me a continuidade
do Universo.

Mesmo quando eu me for
continuarei vendo o mundo
pelos seus olhinhos, espelhos meus.

Mas enquanto for havida
a minha permanência
nesse espaço-mundo-nosso
beberei as gotas dos risos seus...
me embriagarei na crescência
de sua sabedoria.
Me verei pele-e-gota em você
e sentirei o que se diz
do que é felicidade.

De repente
desde já
me percebo abobalhada
apaixonadamente
presentindo seu caminho
me expandindo no prazer da avozidade.

(DES)EDUCANDO OU FAZENDO
FELIZ?

– Mãe, eu te suplico, eu te imploro,
não deixa ele fazer o que quer.

Como não deixar?
Como resistir àqueles olhos jaboticabados
rodeados de angelicais matas ciliares?...

O controle da TV:

bate
muda
busca...

Nada viu de bom
(que sabido!)

Toma o telefone, te ensino a me ligar...

aperta tecla
finge ouvir
joga pra lá!

Não, isso nãoooooo!

Fizemos Bem em Resistir, não!
Vira página
sacode
babou a foto do poeta.

Como resistir a olhinhos pidões?!

– Deixa!!!...

– Tá bem, mas não rasga.

– Meu Deus, Contos de Amor Rasgado, não!
(oh, rasgou a folha, comeu justo A
Moça Tecelá...)

Ele vai ter uma indigestão.
A mãe vai me matar.
Bem, pelo menos o intestino aprende a ler.

Toma aqui:
o gatinho
a tartaruga
um brinquedinho
(cansou).

Peraí, A Dança das Descobertas,
do Elias José?
Não, acabei de receber!
Veja aqui o Marcelo Xavier
olha as massinhas
as figurinhas
as historinhas...

Veja mais, olhe os seus livrinhos
Entre neles... Alice entrou
e conversou até com o gato.
Olhe, o gato sorriu
o gato falou...
Oh, a Emília tão falante
colorida
irreverente

O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

relevante
curiosa
inventante...

(tome tapa tome beijo tome baba
tome dente – a coitada nem reagiu).

A mão rápida parte em direção
ao copo de vidro;
– Não deixa ele pegaaaarrrr
– Coitadinho, deixa ele sentir
o desconhecido
(tem gosto diferente).

Vem cá, meu nenem
Você quer o meu carinho?
Vem, vem pro colinho,
vamos andar de rede...
A mãozinha plumosa
toca meu rosto
nossos olhos se olham
nossas almas se fazem ouvir
a - rede - vai - a - rede - vem...
canta, vó,
canta pra eu dormir.

*Henrique é bonitinho
Bonitinho e meu encanto
Pra ele poder dormir
Eu o nino com acalanto.*

BARQUEIRO DO RIO PARDO

Quando a doçura da infância vivia em mim
aprendi uma canção: Barqueiros do Volga.

Ficava imaginando...
como seriam esses barqueiros
para onde remariam
como seria o Volga
onde ficaria esse rio
que nunca eu conseguia
localizar no mapa nas aulas de geografia?

Hoje, tão distante a infância,
ao andar pela vida
encontro Seu Galego*, o barqueiro
do rio Pardo, que me leva noite a dentro
para a segurança de outras margens.
Me atravessa a lembrança daquele Volga,
rio que nunca conheci.

.....
* Apelido do Sr. Otoniel, presidente da **AUTA** - Associação Unida dos Trabalhadores na Agricultura. Ex-sem terra, fazedor da História do Brasil, na luta pela Reforma Agrária. Fazenda Nancy - Mascote/BA.

O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Os braços valentes do barqueiro
comandam,
o remo trabalhador obedece.
As estrelas desenharam partituras no céu
e indicam o certo navegar.
Me entrego à travessia quase ausente de
mim mesma...

Devo estar no Volga:
o vento me abraça
e solfeja serenamente só para mim
a antiga melodia:
dó... lá... ré... lá...



BRINCADEIRA ENTRE POETAS

Pão
mandei para vós pelas asas das aves,
que irão semear o que ajuntareis de mim
no vosso celeiro.

(@@@)

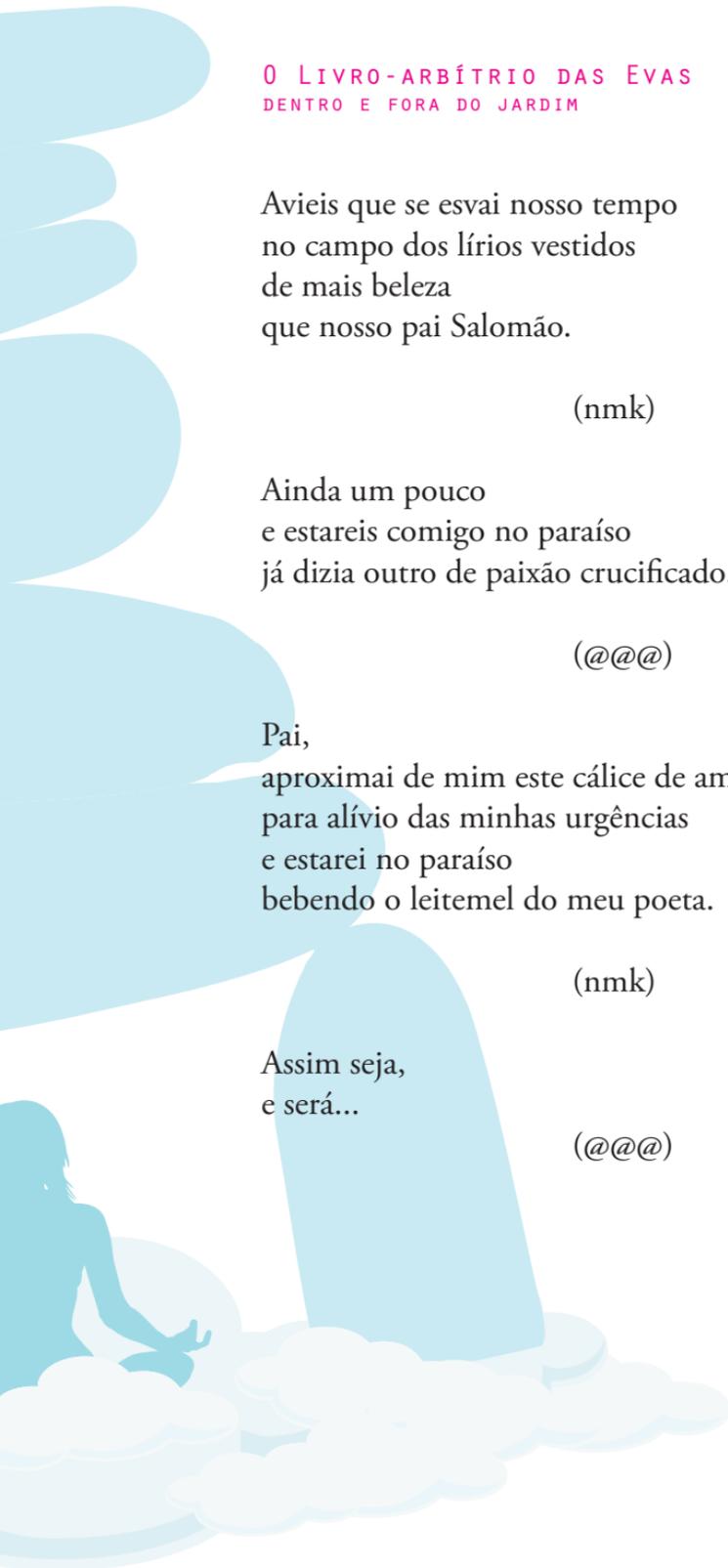
Ânsias e alegrias
esperam vossos mantimentos,
– meus alimentos, tuas poesias.

(nmk)

Aguardai-me, pois que
contarei histórias
nos vossos ouvidos sherazades.

(@@@)

Vinde, ó poeta,
trazei na vossa pessoa
o canto da nossa história.
Mas vinde logo
antes que expire o meu prazo de aguardos,
antes que a morte me guarde
enquanto a vida me agrada
nos agrados da vossa vinda...



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Avieis que se esvai nosso tempo
no campo dos lírios vestidos
de mais beleza
que nosso pai Salomão.

(nmk)

Ainda um pouco
e estareis comigo no paraíso
já dizia outro de paixão crucificado.

(@@@)

Pai,
aproximai de mim este cálice de amor
para alívio das minhas urgências
e estarei no paraíso
bebendo o leite mel do meu poeta.

(nmk)

Assim seja,
e será...

(@@@)

Tomarei a harpa de Davi
tocarei e dançarei para vós
rolando, descuidada, na brancura dos lírios
mas pensando no depois:
o que será de nós?

(nmk)

Não vos preocupeis
amada de minh'alma!
Eis que a trombeta anuncia
o fim das esperas.
Prepareis os tapetes
na tenda nossa de cada dia
que já estou na estrada.

(@@@)

CANTO DE PARTIDA

(A Euclides Neto, amigo do coração)

Havia um rumor na praça do sonho
de que o canto da rasga-mortalha
se avizinhava.

Veio lentamente
até que instalou-se
sob a lua que ora míngua
enquanto o mercado lutava
(na quase quaresma)
com a espada da pena
e a ironia na ponta-da-língua.
De luto estão os cacauzeiros,
órfãos, **Os Magros**,
buscantes de terra para o assento.
As cabras de Ipiaú berram em lamento;
pranteando,
as palmas furadas pelos próprios espinhos
molham a terra do seco-sertão.

As casas da Fazenda do Povo fecham suas
portas
e abrem os olhos coalhados de pranto
no canto da despedida.

A rapadura hoje está amarga,
o cavalo bravo de repente amansou,
o vento silenciou,
a terra estremeceu , abriu-se
e cama eterna virou para acolher o sono
do **Menino Traquino**, sonhador...

CINCO CANTOS À PRIMEIRA LUA

Quando estiver o mundo em desando
e imperar a dor do só na multidão
levanta os olhos cativos do chão
e olha a Primeira-Lua-de-Maio.

E quando se esvaír do dia a luz
e nos disser o dia, “eu saio”,
olha o céu e canta contente
à Primeira-Lua-de-Maio.

A noite ao mostrar da lua o lume
e soltar o suave perfume,
o último crescente de abril é o ensaio
para a Primeira-Lua-de-Maio.

Qual uma flor no botão apesada
a noite se vai libertando em desmaio
para acolher o brilho crescente
da Primeira-Lua-de-Maio.

Eis que afinal se instala inteira
bola de brilho, divino raio:
faz-se um poema, divina oferenda
à Primeira-Lua-de-Maio.

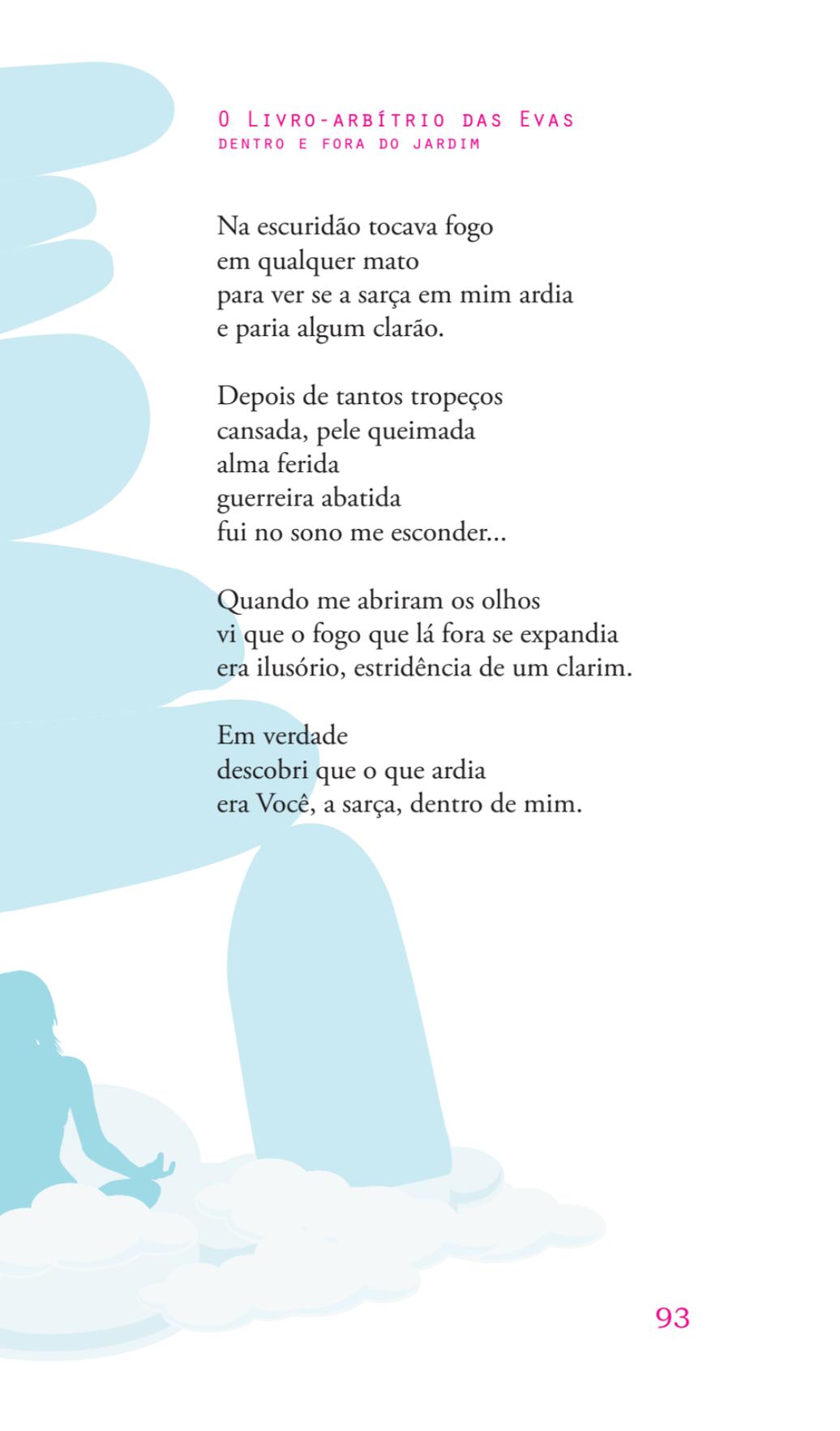
CARTA-ORAÇÃO

Pai,
desde o início
eu O procuro.

Andei por tantas trilhas,
algumas por mim inventadas
– mas andei!

Você viu as brasas que pisei?
Você viu as flores que plantei
buscando seu rosto?
Você lá,
no seu posto de vigia
me via e eu nem sabia.

A cortina de areia do deserto
em que eu vivia
me cegava e O escondia.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Na escuridão tocava fogo
em qualquer mato
para ver se a sarça em mim ardia
e paria algum clarão.

Depois de tantos tropeços
cansada, pele queimada
alma ferida
guerreira abatida
fui no sono me esconder..

Quando me abriram os olhos
vi que o fogo que lá fora se expandia
era ilusório, estridência de um clarim.

Em verdade
descobri que o que ardia
era Você, a sarça, dentro de mim.

CHANCE

Dou chances
ao mundo inteiro
e parto.

Dou amor
ao próximo
e me dou junto.

Vou me parindo
me ficando
e me indo de mim.

E eu
que me sou o mais próximo dos próximos
de mim sempre estou a partir.

COISAS DA SOLIDÃO

I

As crias
passarinharam:
eu ninho
nada-e-fico.

II

Nasci
cresci
casei
cumpri sina
pari
criei
solidei
não me vi
eu menina.

III

A solidão derramou
seu copo de água ardente
na alma inquieta
que vive em mim...
quebrou-se o copo
quedou-se o corpo
ardeu-me o fim!...

IV

Pássaro-flecha
me voou:
para trás
penas soltas
que aparo
escorregam entrededos
amarelos.

V

Desgarrado do rebanho
um pensamento
teimoso
foi te ver.
bateu com a cara na porta
voltou rabo entrepernas
dormiu no meu regaço
sonhou vida boêmia
e embriagado de dor
o rebelde virou
Poema.

NO SÍTIO

(Eliana Salvador, amiga)

I

A água que canta
na pedra que escala
o caminho cristalino
para o palco na mata.

O verde que abrange
a folha que fala
de folha em folha
o canto sem falha.

O sopro do vento
no cheiro se espalha
virando semente de vida
que cria vida
a cada segundo.

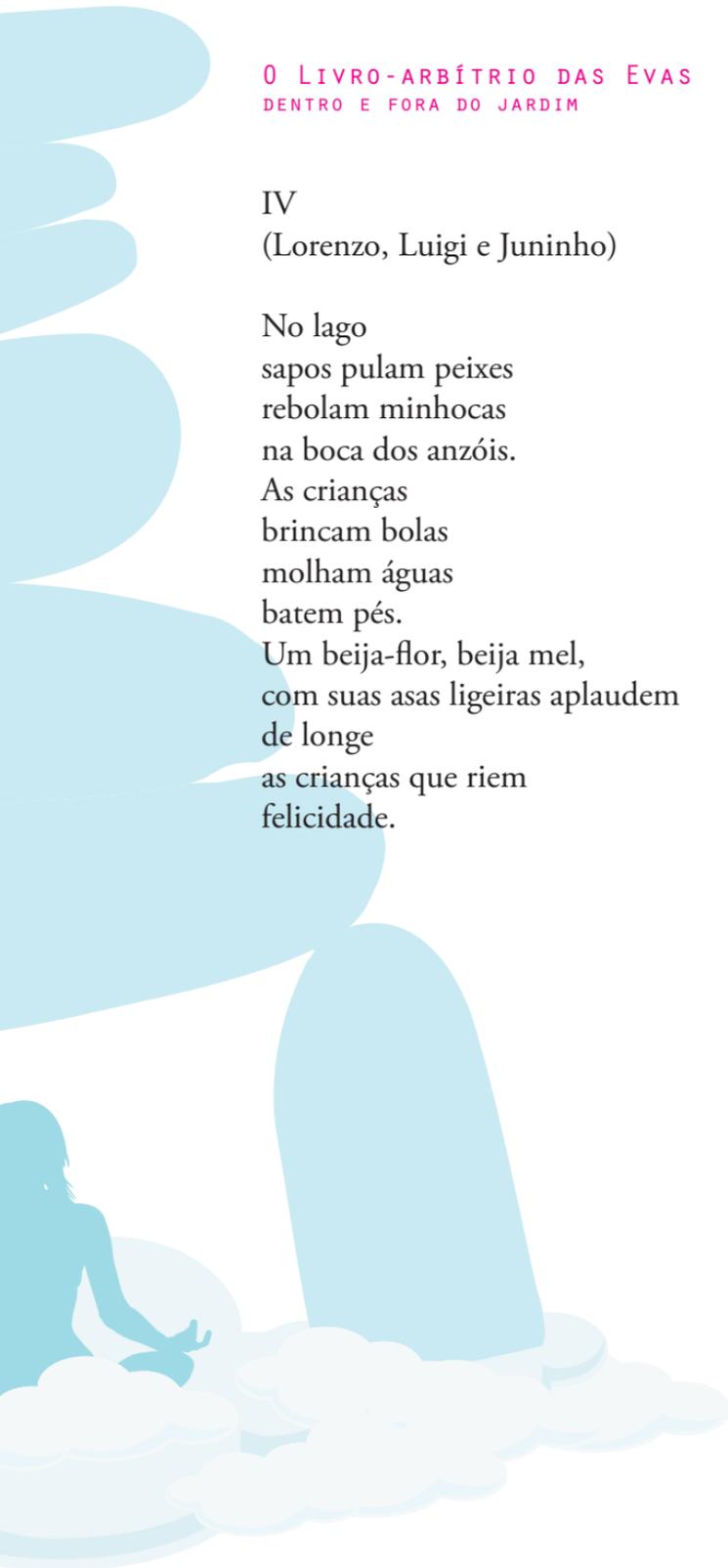
Eu, nada,
parte de tudo
me duplico para sentir
o sítio irmanado – cada vez mais amplo –
dentro de mim
plenificada.

II

Enfileirados
nos fios
pousam passarinhos
que eletrizam
notas musicais
nas partituras
da mata.

III

Uma concertina
concerta na mata
e se expande em verde
o som.
Dançam sagradamente
as flores
vivem segredamente
os seres
reverenciando o cosmos
que pela concertina
o homem
se concentra
se conserta
enfim.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

IV

(Lorenzo, Luigi e Juninho)

No lago
sapos pulam peixes
rebolam minhocas
na boca dos anzóis.

As crianças
brincam bolas
molham águas
batem pés.

Um beija-flor, beija mel,
com suas asas ligeiras aplaudem
de longe
as crianças que riem
felicidade.

V

Na feroz cidade
o homem é fera
o homem é feio
o homem é frio
o homem é brinquedo fatal
o homem já-era!

No mato a cruz
não mata a paz
– soleira verde
portal de luz...

E o que era bicho no concreto
no abstrato do mato
finalmente se humaniza.

COMO TANTOS...

Como tantos
luto para aceitar a carne
que recobre o meu espírito.

Como tantos
canto mantras para a Lua
que de longe, silente, me escuta.

Como tantos
vivo entre eus e eu...
e como dói viver
num mundo que não considero meu!...

CONSCIÊNCIA

Por que somente vim
tomar consciência de mim
depois que a corcova
me pesa tanto?

Por que tão tarde?
Será tão tarde?

Tudo é tão forte.
A consciência é tão grande...
temo que seu crescimento,
incontrolável,
vire bicho e me engula.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DIABO

No Gênese pelo avesso
sucedeu que a malévola criação
criou o diabo os infernos:
a terra de Eva
a terra de Adão.

Criou também soberbaluxuriamente
a preguiçavareza
a iragulosa
a invejinvejosa
e viu que tudo isso era bom.

O Senhor do Mal se deu bem
porque bem-aceito
no conceito da pressa humana.

- E o Senhor do Bem?
- Ainda está empacotando a encomenda dos pedintes de vida.

CONVERSA COM O “DÉDALO” DE MARVILLA

(Miguel)

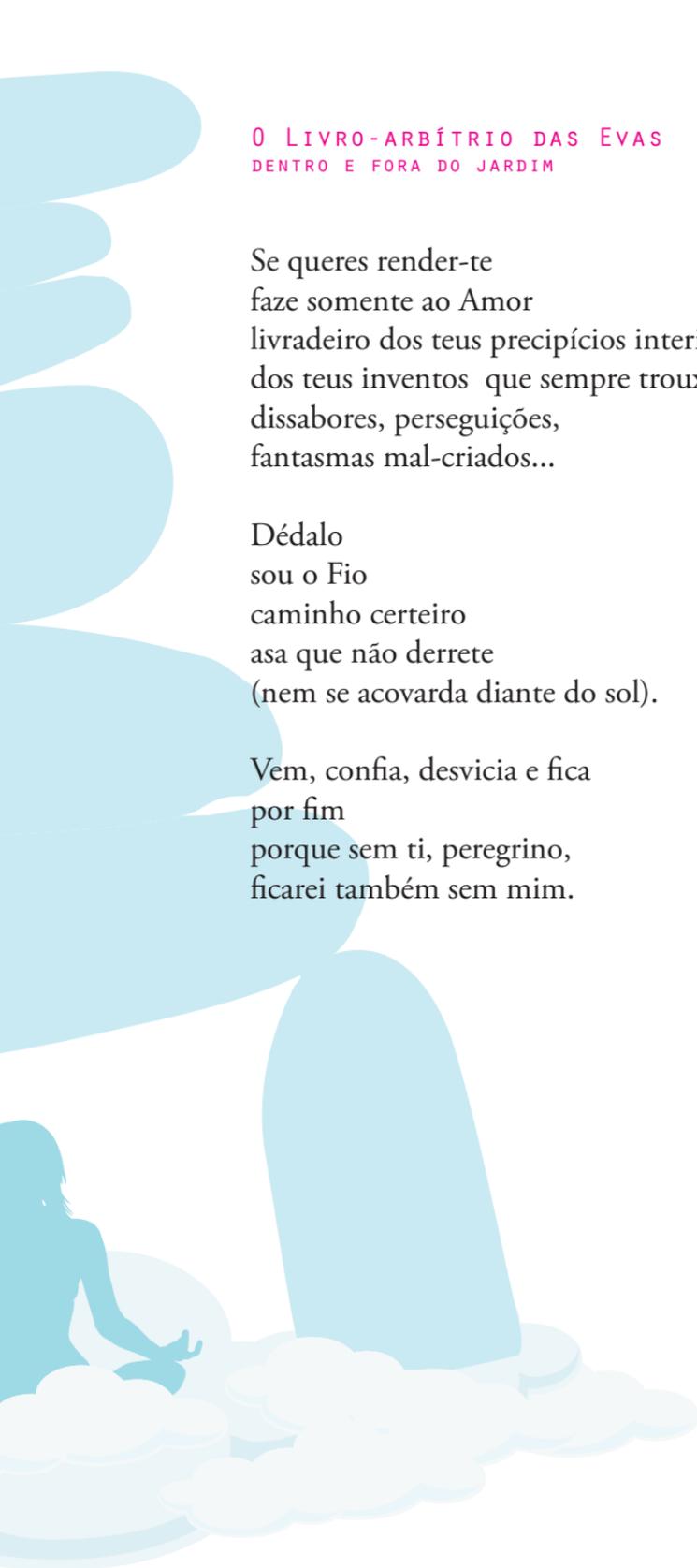
Tu mesmo criaste o labirinto perdedeiro
onde preso em silêncios ficaste só
quando tudo parecia perdido.

Não queiras morrer, Dédalo,
sem lembrares a palavra esquecida
(peça faltante para asas voadoras).

Queres fugir para o futuro
mesmo sabendo que teu instante
é agora e aqui.

Colhe o vínculo, sem medo,
que a vida te oferece no hoje
e te manterás nela
em lembramentos de amor
que te farão presente e eterno...

Assim
não te sentirás atado
em teias frágeis
por teres o fio condutor
(dado a ti para voares solar).
Não te dês por vencido
porque em teu destino és tu o vencedor.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Se queres render-te
faze somente ao Amor
livradeiro dos teus precipícios interiores
dos teus inventos que sempre trouxeram
dissabores, perseguições,
fantasmas mal-criados...

Dédalo
sou o Fio
caminho certo
asa que não derrete
(nem se acovarda diante do sol).

Vem, confia, desvicia e fica
por fim
porque sem ti, peregrino,
ficarei também sem mim.

CONVIVÊNCIA PACÍFICA

Somos o presente
somos o passado.

Anexos,
fazemos história.

Estamos no presente
mas como escrever poemas
– pedaços de nós –
se fôssemos “despassados”?

Como viver o presente
sem ter estado lá atrás?

Passado, meu anjo,
não se joga no lixo:
se recicla
deslixa
desamargura
despesa
desdanifica
e fica com ele-sem-nele, leve,
sem chorar pitangas
para que se possa
em paz
conviver com ele.

CRENDO, AINDA!

Justiçanobrasil

Desembarga a dor,
ó gente!
Vá em frente que amanhece
e a trama que a vida tece
continua...

Desembaraça a barafunda
do novelo
onde o justo ficou preso
mas crê na impermanência
dos nós.

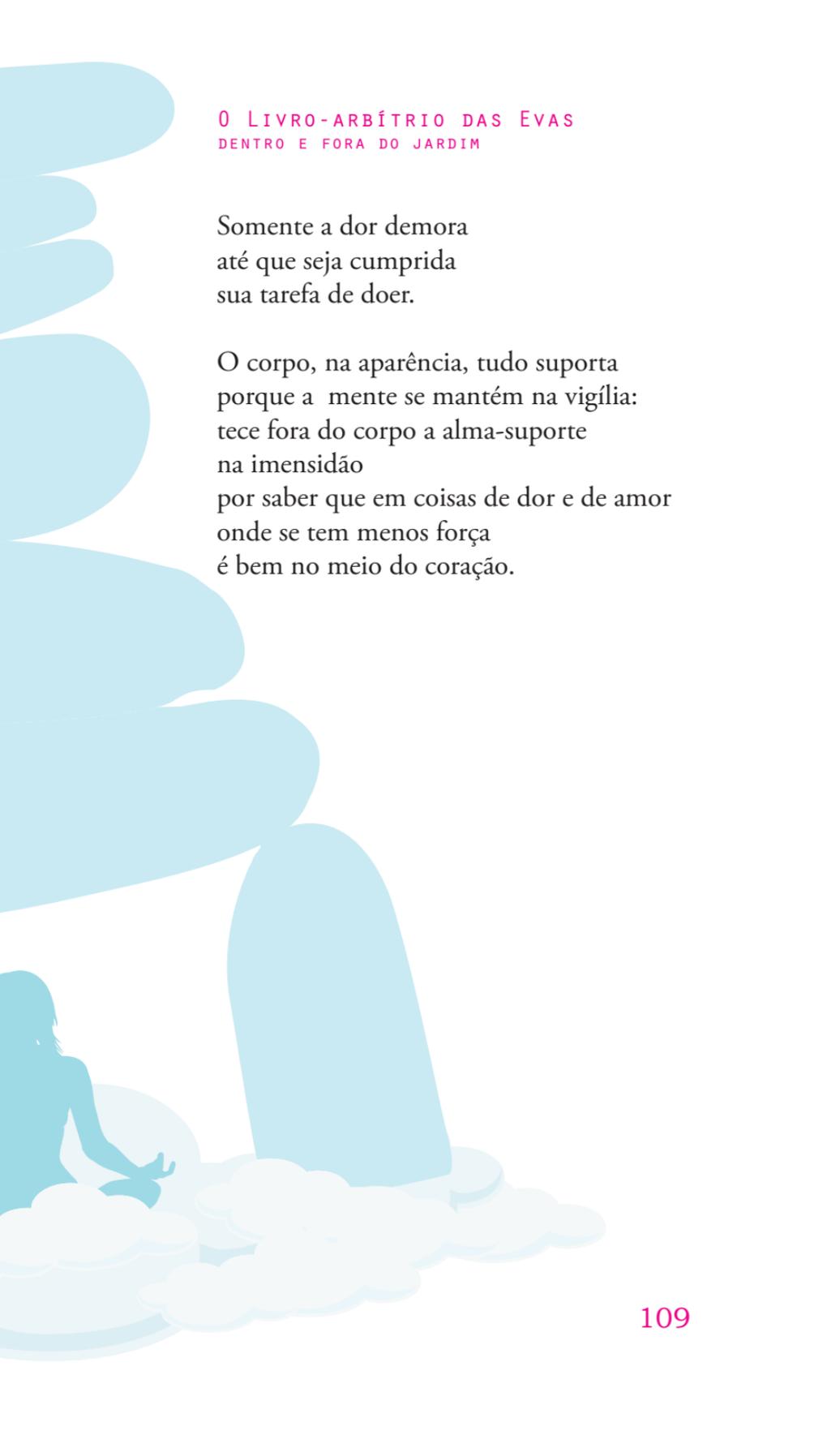
Crê, ainda...

Vá em frente,
ó gente,
pois que o hálito ardente da justiça
ainda bafeja esperança
na boca aberta dos sedentos
na alma serena dos crentes.

CORAÇÃO MOLE

Os pés pisam forte ao caminhar;
as mãos, segurando o tripalium,
fabricam a fortaleza
necessária para sobreviver;
a boca profere palavras
que têm força de rachar cabeças;
o umbigo, por causa de um simples cordão,
absorve a violência das tempestades;
os olhos, valentemente,
suportam o peso da luz;
antropofagicamente engole-se a amplitude
generosa das coisas
sem o devido saciar.

Tudo é forte (ou quase tudo).
Nos portais do tempo impera
a hegemonia do efêmero
como um meteoro queimante que risca o céu
e se esbagaça onde não se pode ver.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Somente a dor demora
até que seja cumprida
sua tarefa de doer.

O corpo, na aparência, tudo suporta
porque a mente se mantém na vigília:
tece fora do corpo a alma-suporte
na imensidão
por saber que em coisas de dor e de amor
onde se tem menos força
é bem no meio do coração.

DANDO SEQUÊNCIA AO QUE ME BASTA

Não foi teu grito que me acordou,
foi teu sussurro
quando cruzaste a seda que se fazia porta
em minha tenda
durante o meu sono escondedor.

Nada fizeste.
Eu é que inventei sentidos
para teus gestos.

Toquei flauta
como os que celebram
a vinda do majestoso.
Dancei como luz
para os que vêm para ficar.

Sabendo da solidão de viventes como eu,
das quenturas dos pés parados
sobre areias desérticas e finas,
olhaste-me e aceitaste
– não sei o porquê, talvez nem tu –
a música que te ofereci,
o oásis dos necessitados.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Logo soubeste que te havia escolhido
para transformar minhas areias em flores,
preencher minhas fontes com água e amor.

Teus olhos estavam longe.
Percebi que buscavam estrelas
em galáxias que só os tuaregues
sabem existir.
Rejeitei o que vi dos teus desejos,
mas insisti em crer nos presentes
que caem do céu
em forma de equívocos.

Com o cair de uma noite
caiu junto a tua partida. Vi.
Então assumi a pedra de Sísifo
e até hoje a rolo ladeira acima
num inferno de monte que construí
e que não está em nenhum mundo
muito menos em ti.



É O QUE ME BASTA...

Dá-me um tempo.
Volta pro teu deserto
e deixa-me ficar
com meu esquecimento.

Some!
Destatua teus sons
dos meus ouvidos;
deixa-me sem teus gritos
a incomodar os meus silêncios.

Leva,
leva tudo o que trouxeste!
Deixa-me nua de lembranças
de um passado que é só meu.
Deixa apenas o presente do esquecimento.

É o que me basta!

DAS MÃES...

(Carol, sempre Sweet)

São todos os dias
porque o canto feminino nunca cessa
porque a semente canta enquanto germina
na bolsa d'água que acolhe amorosamente
o fruto da perenização da vida.

·
Para ouvir esse canto
demanda tempo e silêncio...
mas o mundo está tão barulhento
que poucos conseguem ouvir.

A germinação impõe seu próprio canto
e aos poucos
todas as bocas viram ouvidos.
Silenciam, por fim,
para ouvir o concerto divino
que nasce nas entranhas maternas
e se espalha no vazio do mundo...
tudo fica pleno com o som que vem do amor
de cada filho
de cada mundo
de cada mãe.

AS FLORES DO 31

No meu aniversário
dou flores às braçadas.

Solto rosas em mãos desconhecidas.

Pode ser bondade,
gratidão à vida...
talvez me divirta com as expressões
interrogativas
dos recebentes ou recusantes.

Que será que pensam?

Rio do susto:

– em vez da arma costumeira, a flor!

Rio do espanto:

– estão distribuindo amor?

Bestamente vou passando
distribuindo certezas e sorrisos pontuais.

Defendo-me do mundo
divido velhice, esta entidade impegável,
apenas sentida
no gosto de quem se bebe
no gesto de quem se toca
no tempo de quem se sabe.

DORMINDO A VIDA

Durmo.

Com voracidade o sono me engole.

Durmo.

A vigília, cansada, se entrega
ao não existir
ao não pensar.

Durmo.

Dormente escondida
nos braços de Morfeu
para manter-me viva dentro da vida.

CREIO EM DEUS

Creio em Deus, essa luz divina
que me alumia as sendas...
Deus que está em tudo e por isso
nunca me deixa ver o mal;

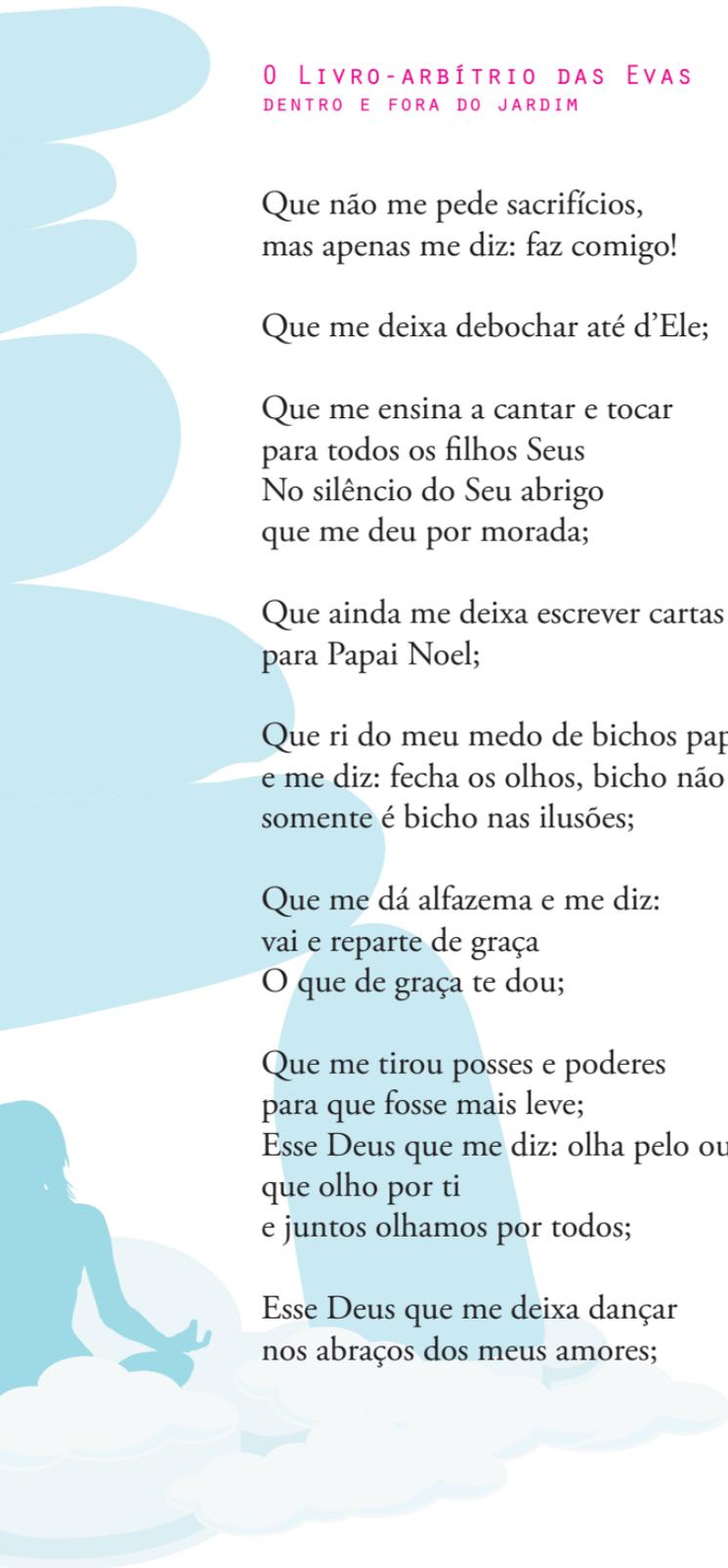
Deus que me faz plantar e ver as flores
abrindo para a devida louvação
E no pensamento de Deus louvar a tudo
é que é natural;

Deus que me dá sonhos bonitos
e me abraça enquanto durmo
Deus que me faz abraçar
desde a hora que acordo
Que me permite sorrir quando me dá o ar,
alimento que respiro;

Deus que me deixa brincar
dentro da luz que Ele é;

Deus que me disse que liberdade
é estar n'Ele, com Ele, por Ele;

Deus que canta pra mim
pela voz dos passarinhos;
Deus que se azula em céus
mesmo quando cinzentos;
Que me faz una com todos e com tudo;



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Que não me pede sacrifícios,
mas apenas me diz: faz comigo!

Que me deixa debochar até d'Ele;

Que me ensina a cantar e tocar
para todos os filhos Seus
No silêncio do Seu abrigo
que me deu por morada;

Que ainda me deixa escrever cartas
para Papai Noel;

Que ri do meu medo de bichos papões
e me diz: fecha os olhos, bicho não é nada
somente é bicho nas ilusões;

Que me dá alfazema e me diz:
vai e reparte de graça
O que de graça te dou;

Que me tirou posses e poderes
para que fosse mais leve;
Esse Deus que me diz: olha pelo outro
que olho por ti
e juntos olhamos por todos;

Esse Deus que me deixa dançar
nos abraços dos meus amores;

Esse Deus que me deixa solta,
mas não deixa de me segurar;

Esse Deus que joga comigo
e se deixa manipular
E, complacente, conserta minhas trapaças;

Esse Deus que me sabe inteira
mas que me remenda a aparência;

Que me sabe louca, louca, louca,
mas que põe o sabor de vida
na minha boca;

Que me diz todos os dias: esquece o juízo,
esquece a razão
E quando resvalo, ele lembra:
Esqueceste teu coração?

ONDE?

Não é aqui o meu lar.
Rindo, erro pela terra
para aplacar a saudade
de não-sei-onde.

Perscruto o céu
visito estrelas
fabrico descobertas
circunscrevo espirais em torno de mim.

Existo, isso sei,
mas sujeito desendereçoado
que se toca e se dói.

Onde será o meu lugar?
– Talvez num geodo lilás acristalado
que nunca será encontrado
em planeta conhecido nenhum.

POETAR

O poeta não fala:

poeta na palavra
e a palavra se poeta por ele...

Mas enquanto se poemiza
o poema escorre
líquido vivo
pelo papel incauto.

DORMIR E ACORDAR

Dormi

noite passada
um sono pesado.

Num sonho leve
me vi.

Casa na mata e som de cascata:
sem contas a pagar
sem leis a cumprir
sem conflitos de encontros
sem laços falsos
sem balas na agulha
sem nada nem nada.

Nas entrefolhas
anjos me enleando
nas entrelinhas da grande porta...

Acordei

me soltei
me subi
me senti:
estava morta!

DUAS EPÍGRAFES PARA UM SÓ POEMA

“Elementar, meu caro Watson.
Quem fez o grampo não é Tucano.
O PSDB não escuta ninguém.”

(Charge da Veja – 16/11/98)

“Falar no meio do tiroteio
sem perder o fio da meada
exige perícia.”

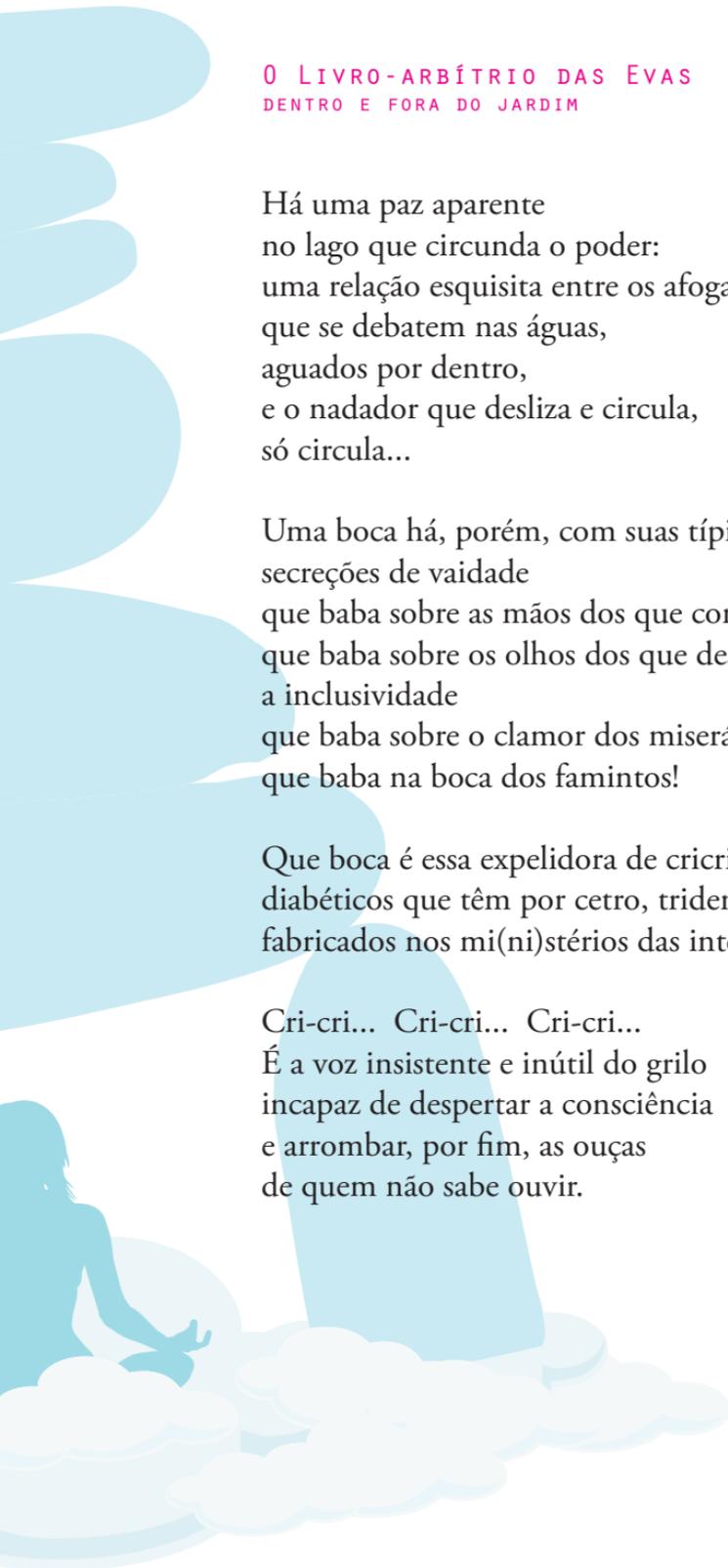
(Affonso R. de
Sant’Anna - O Globo – 17/11/98)

As bocas da miséria alimentam-se
da violência e expõem balas
nas privadas da desorganização social.

As bocas famintas afiam seus dentes
que estraçalham a esperança dos pacíficos
e em seguida vomitam sangue
na cara dos assombrados.

Enquanto isso...

há um certo silêncio nos ouvidos do palácio
há cataratas inoperáveis nos olhos do palácio
há grossas correntes impedindo a alvorada
libertar-se da noite.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Há uma paz aparente
no lago que circunda o poder:
uma relação esquisita entre os afogados
que se debatem nas águas,
aguados por dentro,
e o nadador que desliza e circula,
só circula...

Uma boca há, porém, com suas típicas
secreções de vaidade
que baba sobre as mãos dos que constroem
que baba sobre os olhos dos que desejam
a inclusividade
que baba sobre o clamor dos miseráveis
que baba na boca dos famintos!

Que boca é essa expelidora de cricrilantes
diabéticos que têm por cetro, tridentes
fabricados nos mi(ni)stérios das intenções?

Cri-cri... Cri-cri... Cri-cri...
É a voz insistente e inútil do grilo
incapaz de despertar a consciência
e arrombar, por fim, as ouças
de quem não sabe ouvir.

“EPPUR SI MUOVE!”

De nada adianta chorar pelos julgamentos.
De nada adianta a minha percepção da paz...

A vida não dá trégua para que se possa refutar
porque nos ouvidos dos julgantes
já há o veredito
para o réu penalizado
só com direito a calar.

Todos moram no palácio
eu também, embora como copeiro dos reis.
Sirvo aos imorais,
aos vaidosos,
aos apressados,
aos lerdos,
aos juízes,
aos irracionais,
aos violentos,
aos justos...

Assim me mandaram fazer
e faço;
e falo com surdos,
invejo os retrucantes,
cato queixas alheias, além das minhas,



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

levo-as aos tribunais,
mas não há saída.

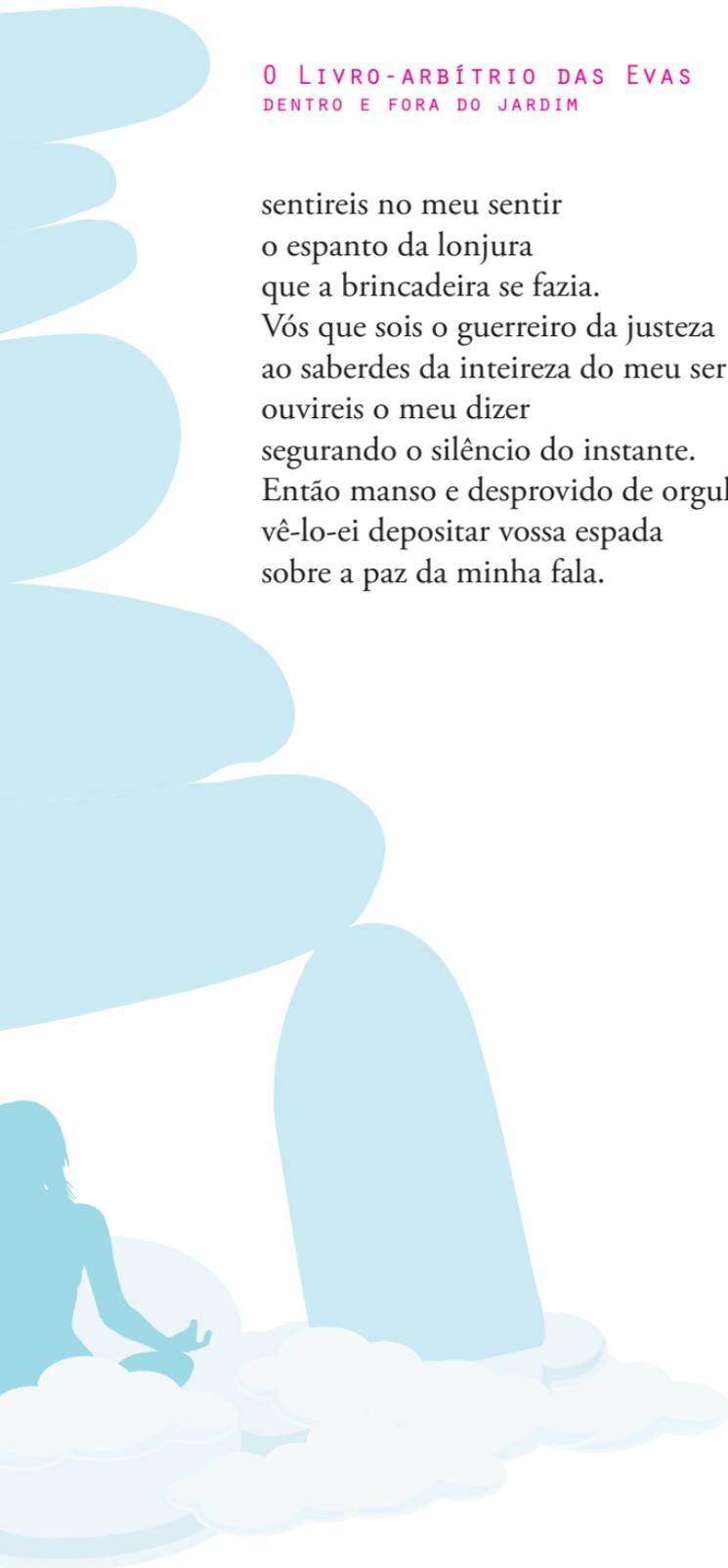
Enquanto penso como sumir,
penso no que pensam de mim
e sinto que fui abortada por algo
que não consigo compreender.
Concluo que não sou legítima,
apenas uma cópia
daqueles a quem sirvo, mas nem por isso
a terra deixa de se mover,
a história de acontecer.

Enquanto escrevo, penso:
poderia haver graça na repartição da paz,
mas sinto o fogo consumindo minha mão
e terei que deixar que invada o papel
porque não há esperança de paz.
Só fogo, não mais!



ESPADA DA PAZ

Vós, cavaleiro,
que atravessastes reinos
para ouvir minha história,
sede benevolente com esta vossa serva.
Lembraí dos cascos do vosso cavalo
que sem querer feriram a duna,
pele-mãe de todos os desertos:
não ouvistes, por acaso, gemidos
quando inocente sobre ela cavalgastes?
Assim geme este papel
a cada risco do meu lápis,
desatento no ferir.
Mas quando as feridas forem curadas
lereis nas cicatrizes
traços do meu existir.
Quando a cor do meu olhar
estiver a conversar
com a cor dos olhos vossos
ouvireis as fantasias,
histórias inventadas,
inverdades bem contadas,
verdades que eu vivia;



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

sentireis no meu sentir
o espanto da lonjura
que a brincadeira se fazia.
Vós que sois o guerreiro da justeza
ao saberdes da inteireza do meu ser
ouvireis o meu dizer
segurando o silêncio do instante.
Então manso e desprovido de orgulhos
vê-lo-ei depositar vossa espada
sobre a paz da minha fala.

NEUZAMARIA KERNER

EM 2000 E TANTO...

Não leiam meus versos,
são radioativos:

eu me li
e saí
amargamente contaminada.

ESTRANHEZAS

Os filhos dizem
que sou louca, preciso de gardenal
dobrado
mas que por uma estranha razão
eles são equilibrados.

Os irmãos dizem
que sou retardada
e que por uma estranha razão
não saí da infância.

A mãe diz que
sou easygoing person
e que por uma estranha razão
não brigo com ninguém.

O único genro diz que
por uma estranha e inexplicável razão
eu sou a melhor sogra que ele tem
(e veja que ele é adepto da monogamia).

O pai dizia que
eu seria poeta
porque por uma estranha razão
nasci alada e falava com a lua.

O médico diz
que eu preciso de “haldol”

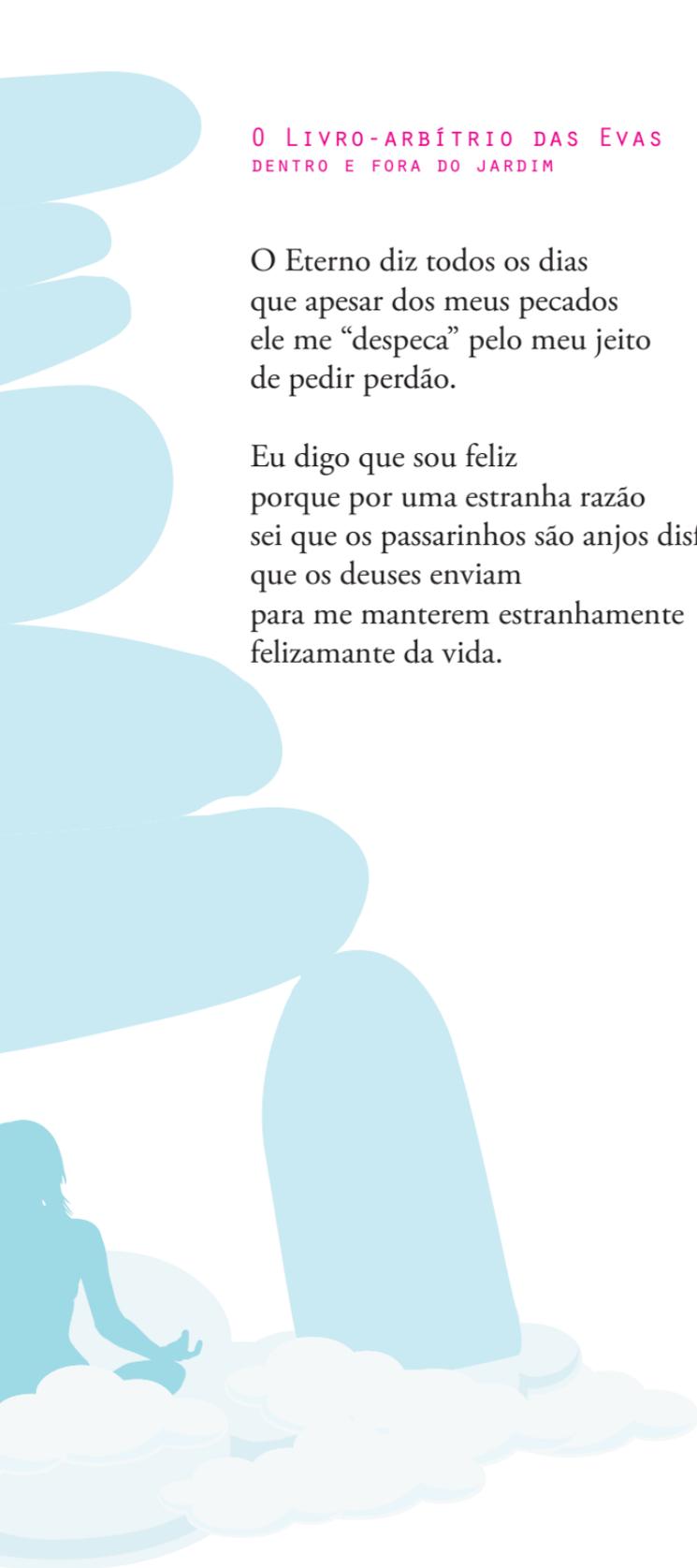
que por uma estranha razão
tenho a carne trêmula
o coração frágil
e um cérebro que gira ao contrário.

Os amigos dizem
que sou leve e divertida
e que por uma estranha razão
não peso para eles
o quanto realmente peso.

O companheiro diz
que por uma estranha razão
(talvez aquela que nem coração conhece)
ele mora longe e continua casado comigo.

O professor de música diz
que por uma estranha razão
não confio nas partituras
mas que meus dedos são extensões
dos meus ouvidos.

Por uma estranha razão
não ouço os meus desafetos
talvez por serem mudos
ou ser eu surda
ou por não tê-los
ou não sabê-los.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

O Eterno diz todos os dias
que apesar dos meus pecados
ele me “despeca” pelo meu jeito
de pedir perdão.

Eu digo que sou feliz
porque por uma estranha razão
sei que os passarinhos são anjos disfarçados
que os deuses enviam
para me manterem estranhamente
felizamente da vida.

ESCULTOR NA IMAGINAÇÃO

Moldo com argila um rosto, um corpo, uma forma perfeita. Dou vida com o sopro do meu pensamento. Das almas perfeitas arranco pedaços. Fabrico nova alma mais que perfeita e a insiro naquele corpo através do umbigo, cálice onde beberei o vinho fazedor de onipotências. Ritualisticamente em redoma ponho a criatura que penso acabada e a contemplo conformada com o toque impermitido, pois que o construído, de repente, pode ser o insonhado.

Forneci matéria-prima a um artesão solitário: palavras, constâncias, disponibilidades. Ele me esculpia. Eu tecia versos. Ele me sonhava. Eu me deixava nascer das suas carências. Ele me guardava nos seus desejos. Eu lhe transferia minhas auroras. Nessa relação entre escultor e esculpido nossos olhos puderam se ver. Agora da redoma onde estou eu o busco, ele me adia certamente por temer que a criatura sonhada não seja o que deveria ser.

EULINA

Hoje é 2.000 e ela não está aqui
para ver a explosão da passagem.
A coluna dórica que sustentava
heroicamente suas dores
deveria ter resistido
ao terremoto da angina
que lhe apossava o peito.

Do meu jeito deixo que lágrimas
confundam-se com a fina chuva
da meia noite etérea.

Explodem champanhe!
Gritam “feliz ano novo!”

... e mais lágrimas descem encachoeiradas
como a cascata pirotécnica
do Twin Tower
preenchendo o céu de beleza
remexendo minhas lembranças.
Meus olhos entre deslumbrados e tristes
veem você moldada nas centelhas
de cada gota de fogos a escorrer do céu.
Vejo você como pólen de presença
e ressurreição
como asas de implumes pássaros
amanhecidos.

O mar sensório e imponente
sussurra em meus ouvidos:
Eulina está aqui!...

Eulina, quanta saudade me traz a voz
desse mar noturno!...
Essa voz continua soprando seu nome ao
vento
fundindo-se com o piar dos pássaros
semiadormecidos
fundindo-se mansamente com a
sonolência da quase madrugada
que nina crianças insones
com velhas canções de dormir.

Viro-me de repente e vejo seus alvos cabelos
– flocos de algodão.
Não estou sonhando dentro da multidão
com aquela que partiu silenciosamente
entre nuvens num jardim.
Olho para o alto e vejo-a planar
serenamente entre as estrelas
no céu sem fim
sem mim
sem-fim...

PRESENÇA

O passado é a história
que insiste em ser presente
– a dádiva do agora.

O passado é a insistência
residente nas lembranças
– substância da aurora
que um coração mesmo lotado
resiste em jogar fora.

O passado é a vida que permanece
com rimas ricas e pobres
porque é tudo isso que temos
para abrir futuros.

ERA ASSIM AQUELE PSIQUIATRA

Uma fala
Uma escuta
Um bocejo
Uma prescrição.

Um curto diálogo
Um dedo de explicação
Um deixa-para-lá conformado
Um tanto de frustração.

Mais uma fala esquecida
Mais uma escuta enfadada
Mais uma linha enfiada
Numa agulha enferrujada.

A alma sai destecida
Continua esfrangalhada
Sem saber por que razão.
Mais uma despedida:
Até a próxima sessão.

FUGACIDADE

Uma noite não é nada:
é fugaz como um olhar-de-flerte.

Um dia é pouco
para o gozo explosivo e o esperado
desabrochar.

Um ano é jovem para entender
o que nos consome.

O tempo desconhece – nem sente –
a força do incêndio
que nos come
cariciosa e fagosamente.

IMAGENS NUM POLÍGONO

Polígonos,
infinitos pontos de contato.

Cada ponto
possibilita um novo experimento.

O zelo é obrigatório
no toque em cada ponta.

Em cada face
um leque de possibilidades.

Em cada ângulo
novos olhos para ver o inusitado.

Em cada espaço
imagens que se contemplam
e projetam no outro sua identidade.

Em cada movimento
a percepção de que voar
não é só para os pássaros.

INCOINCIDÊNCIAS DO MODO DE AMAR

A única coisa
que limita nosso desejo
é o desejo do outro:
disso não se pode fugir.

É preciso respeitar.

Desejos incoincidentes
são cachoeiras transvazando
no sem-limite do chorar:
desejar ter quem se ama,
e aceitar no outro
a sua forma transversa
de se deixar amar.

INTERMITÊNCIA

Você é um rio intermitente:
vezes seca e some
vezes transborda em mim
tão caudalosamente
que encharca minhas margens
amolece minha carne
arrasta meus pedaços,
barrancos marginais...
Depois
parte tão inocentemente
e fico eu partida
tempos a fio tentando remendar
o que em mim sobrou transvertido.

JOGO

Jogo com palavras
e elas comigo
no eterno dos espaços.

Opção:
jogar xadrez
no tabuleiro dos textos.

Quando sonolentas e frágeis
eu nelas
– xeque-mate!

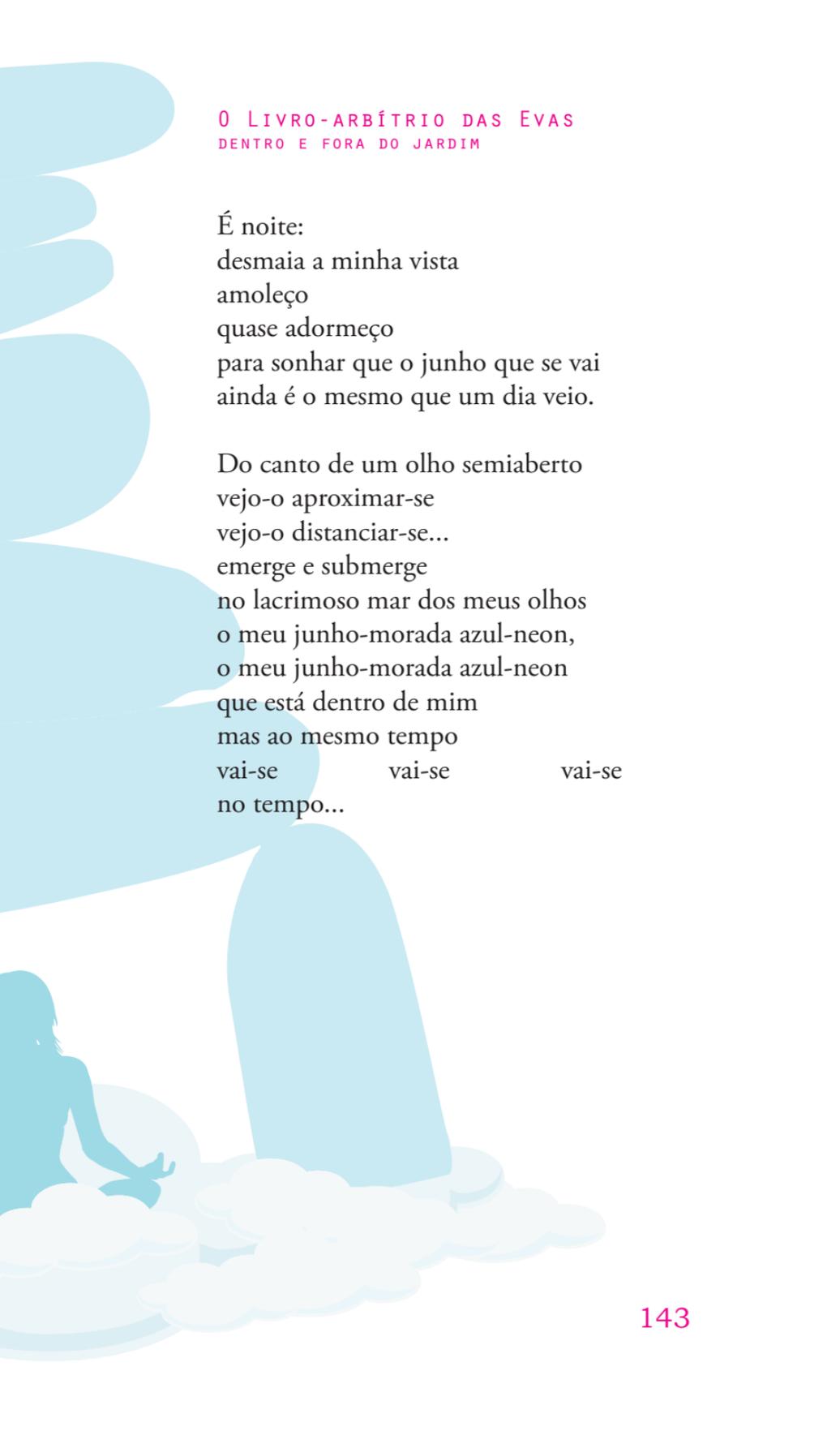
Quando tomam vestes guerreiras
me aprisionam
me checam e matam!

JUNHO AZUL-NEON

Eis que junho se aproxima:
eis que já entrando no campo boreal
se aproxima, lento,
passo a passo com os segundos, como se
fossem eternos.
Junho já está aqui:
entrou pela porta da madrugada,
plantou-se diante de mim
entoando os cânticos das lembranças.

Junho.
Gêmeo.
Duplo no zodíaco.
Eis que junho se distancia:
tão quântico
tão eu
tão fácil de explicar
tão difícil de entender
tão difícil de aceitar
vendo-o
indo-se
indo-se
indo-se
indo-se...

Ainda ouço os fogos,
os clarões do arraial
bem lá longe.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

É noite:
desmaia a minha vista
amoleço
quase adormeço
para sonhar que o junho que se vai
ainda é o mesmo que um dia veio.

Do canto de um olho semiaberto
vejo-o aproximar-se
vejo-o distanciar-se...
emerge e submerge
no lacrimoso mar dos meus olhos
o meu junho-morada azul-neon,
o meu junho-morada azul-neon
que está dentro de mim
mas ao mesmo tempo
vai-se vai-se vai-se
no tempo...

LEMBRANÇAS

Nenhum tempo
tem força bastante
para ocupar o espaço de um Amor.

Nenhuma estrada para
quando o adiante parece quebrado
porque há sempre um atalho
para poder continuar.

Por todo o tempo, portanto,
qualquer estrada em qualquer canto,
mesmo um Amor fora do tempo
que o destino amarra em tranças
tem seu espaço garantido
no para-sempre das lembranças.

LEVEZA

Leve é
gota de orvalho
a banhar as pálpebras semiabertas
da manhã

É a lua
sustentando a ilusão dos amantes
entre almofadas de nuvens
no claro das noites

É Pégaso
que espalha ao bater de asas
sonhos virgens por todos os céus

É pluma caçula
que se desprende de suspiros de passarinho
e se instala silenciosamente
no coração do poema

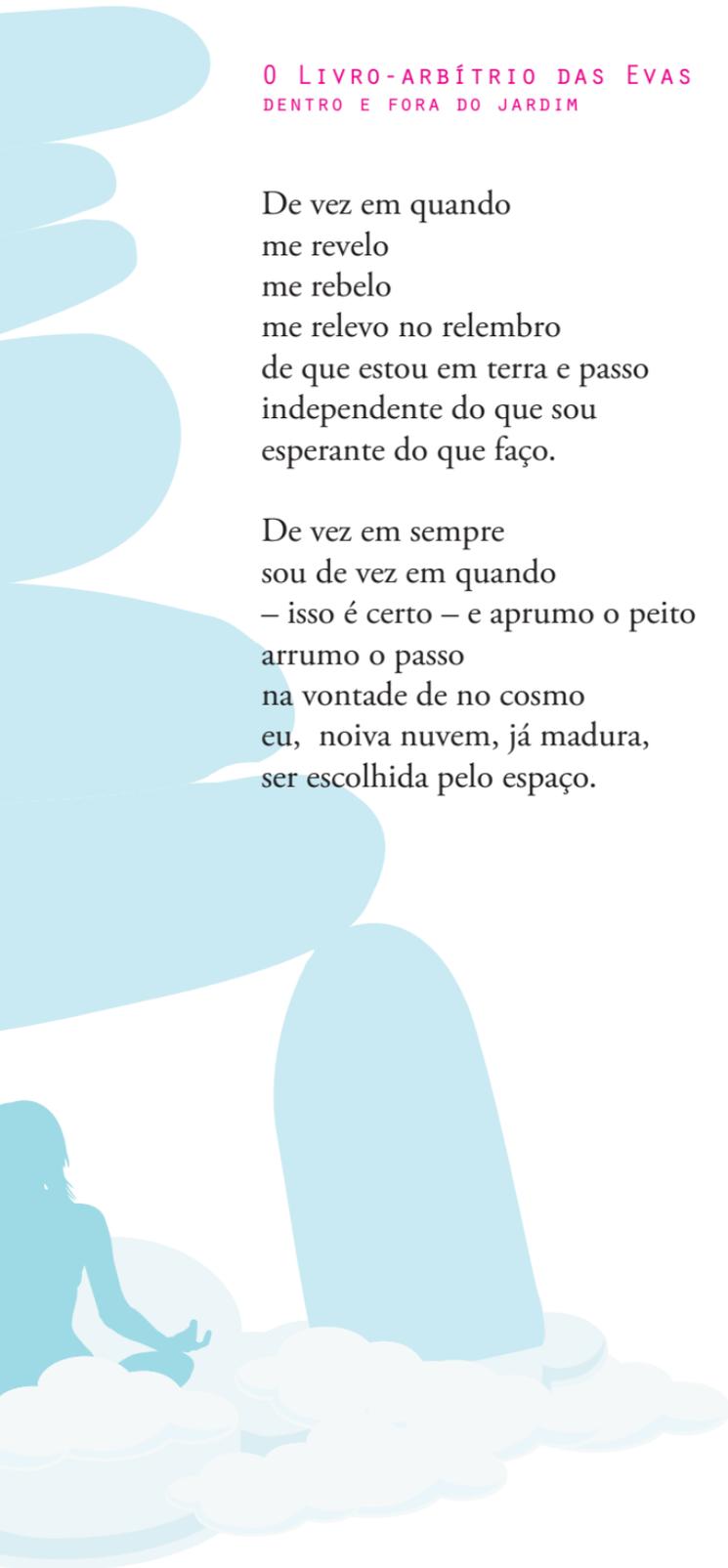
LUGAR (IN)SEGURO

De vez em quando
me embregueço
me embriago
me esqueço
de ser quem sou
de quem me fez.

Serei eu um projeto breve de nuvem
inda devês?

De vez em quando
me embeveço
me embraveço
desobedeço
e me instalo na antessala
de um lugar que não é meu.

Será meu um deslebrado prado
orbitante no Universo?



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

De vez em quando
me revelo
me rebelo
me relevo no relembro
de que estou em terra e passo
independente do que sou
esperante do que faço.

De vez em sempre
sou de vez em quando
– isso é certo – e aprumo o peito
arrumo o passo
na vontade de no cosmo
eu, noiva nuvem, já madura,
ser escolhida pelo espaço.

RETORNO

Saí
me
procurando
pelo
mundo...

quando
me achei
me
vi
filho
pródigo
tralha
nos
ombros
tornando à casa dos meus pais.

MANJAR DOS DEUSES

É cada luão tão lindo!

Meus pés já não se fixam ao chão.
Levito incontrolavelmente
tentando alcançar a noite
e tocar naquela bola
hipnótica
magnética
atraente.

Talvez eu vire uma girafa
por causa dessas luas.
Lembram-se de Lamarck
com a lei do uso e desuso
e a adaptação das espécies?
Daqui a pouco estarei pescoçada
de tanto elevar a minha boca ao céu
à cata dessa lua, alimento etéreo.

Talvez no meu afã de sorvê-la
pise em falso numa estrela
escorregue
e em vez de comê-la
seja comida por ela.

DISTÂNCIAS...

Estou numa terra tão distante...
tão distante que o tanto e o sempre
são irmãos...
tão distante
que minhas mãos nem se dão
que meus pés nem tocam o chão...

Aqui tem sido tudo tanto
aqui tem sido tanto sempre
que minha vontade ficou ficância
que minha vida varreu vontade
que meu momento ficou distância.

MODISMOS

Moda vai, moda vem.

Um dia pariram Deus
– metáfora de escudo.

Um dia lhe construíram casa
– metáfora de pedra.

Um dia detonaram tudo,
mataram e morreram pelo invento
e Deus entrou em desuso.

Dos escombros sobrantes
cataram destroços e sucatas
e os artesãos da palavra
teceram nova história.

Mil casas deram significados às vestes,
produziram padrões de crenças
– em série.

Criaram robôs vulneráveis,
ungidos com óleo da (in)certeza...

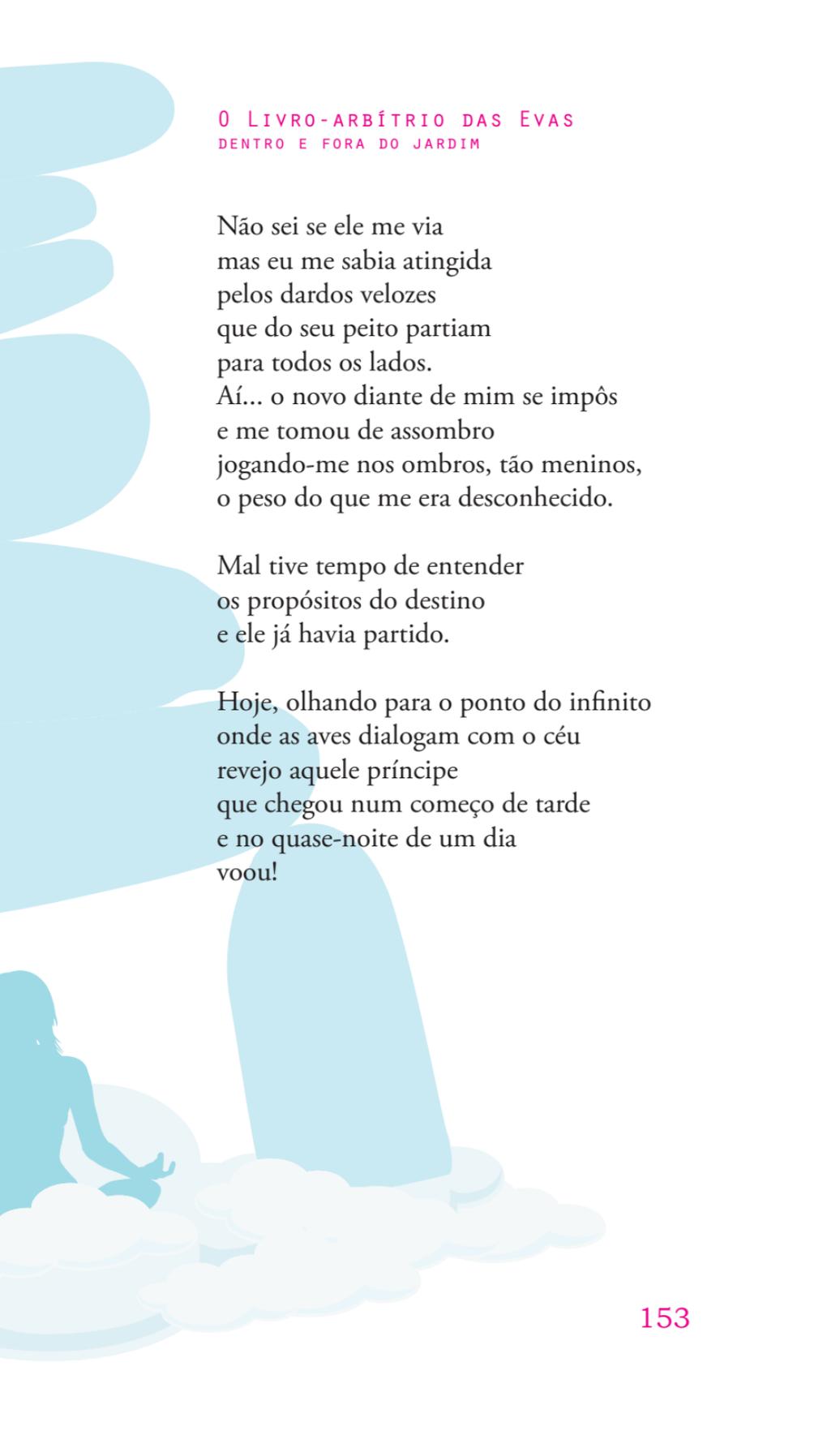
Surtados
imprimiram o dígito nas promissórias.

Pobres máquinas seduzidas pelo
marketing
da fé no incognoscível!...

O PRÍNCIPE

(A Isadora)

Veio como nunca o havia pensado,
mas era um príncipe.
E veio do céu!
Trazia na boca
o sorriso dos contos de fada
e uma fala diferente.
Seus olhos traziam
o reflexo de espelho ao sol
e meus olhos viam o que neles
desejavam ver.
Na alma doce eu via a certeza
do seu poder sobre o mundo.
Seu minuto de toque
tinha o eterno gosto de ille flottant
– que sobremesa!!!
Tão leves os seus gestos
que no mover das mãos
parecia ter a lua nascente
naquelas palmas macias.
Do meu canto olhava... olhava
sem bem saber como e por que
aquilo acontecia.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Não sei se ele me via
mas eu me sabia atingida
pelos dardos velozes
que do seu peito partiam
para todos os lados.
Aí... o novo diante de mim se impôs
e me tomou de assombro
jogando-me nos ombros, tão meninos,
o peso do que me era desconhecido.

Mal tive tempo de entender
os propósitos do destino
e ele já havia partido.

Hoje, olhando para o ponto do infinito
onde as aves dialogam com o céu
revejo aquele príncipe
que chegou num começo de tarde
e no quase-noite de um dia
voou!

O QUE SE SABE DO QUE O JORNAL FALA

Fui lá na Folha
e li coisas tremendas:

– Oito por cento de prejuízos após
a queda da bolsa de Xangai.

Aí vi o derramamento de meus batons
papezinhos
canetinhas
bloquinhos
espelhinhos
recadinhos...

Xangai caiu mesmo na confusão da bolsa
e alguma coisa desaqueceu
na economia do meu coração.

Li mais:

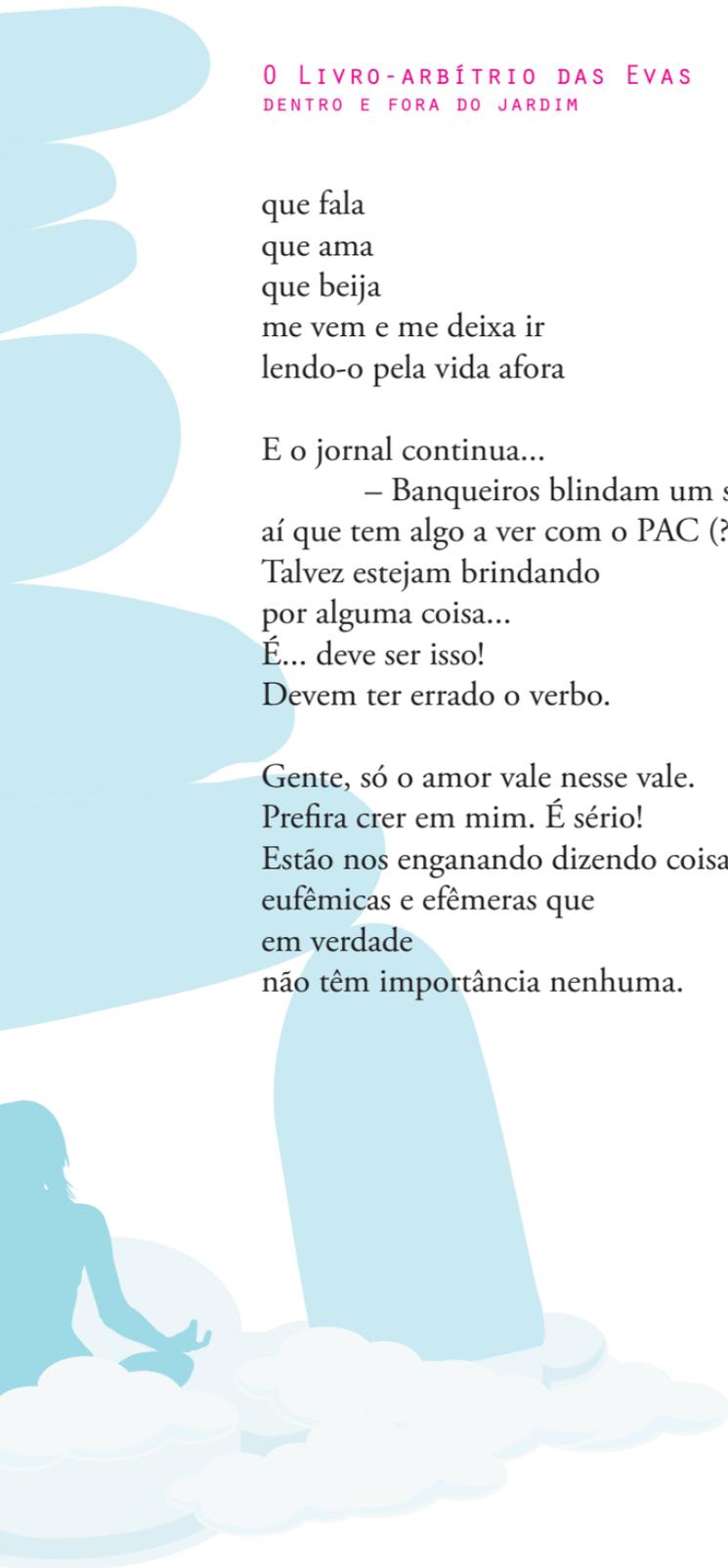
– Analistas descartam alta de um
tal de PIB brasileiro.

De quem será que estão falando, meu
Deus?

E mais:

me mandam conferir
uma foto de leão com um nome
estranho... – IR, era esse!

Para falar a verdade
estou envolvida com um Leão



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

que fala
que ama
que beija
me vem e me deixa ir
lendo-o pela vida afora

E o jornal continua...

– Banqueiros blindam um sujeito
aí que tem algo a ver com o PAC (?!).
Talvez estejam brindando
por alguma coisa...
É... deve ser isso!
Devem ter errado o verbo.

Gente, só o amor vale nesse vale.
Prefira crer em mim. É sério!
Estão nos enganando dizendo coisas
eufêmicas e efêmeras que
em verdade
não têm importância nenhuma.

O AVESSO DA SABEDORIA

As pessoas
vão ficando velhas
e mais sábias.

Eu,
desrespeitante do curso da vida,
cada vez mais
insolente
desastrada
impertinente
intempestiva
irreverente.

As pessoas vão ficando mais velhas
– fugintes de contra-mãos –
e eu me consentindo
cada vez mais no hábito
da extravagância!

O BANZO

Quando em criança
ainda sem consciência
sobre dor e dores
li o Navio Negreiro.

Hoje
chegadinha na idade
e longe dos meus pares
apalpo dores misteriosas
num corpo machucado
numa alma doente.

Ouçõ
então
a chibata cortando o ar
o urro tremendo dos escravos
o pingar do sangue nos olhos
suplicando pelo apagamento
para matar, bem morta, a saudade.

O FINAL

No começo fez-se o privilégio
que imperou sobre mim.

Não houve entremeio.

Só a morte que veio
no sétimo dia
para o descanso do peito enfraquecido.

O LADO BOM DO PASSADO

As cachoeiras tombavam
riam do nosso riso
zombavam dos nossos tombos
e tudo era festa.

Não se sabia o que éramos...
talvez crianças na adultidade

(não importa, agora).

Efervescíamos!...

Como adolescentes traquinos
éramos o que críamos
e tudo era real:
pilotos-passageiros dos instantes
onde felizes nos permanecemos
presentes na vida.

O LADO OBSCURO DO BRILHO

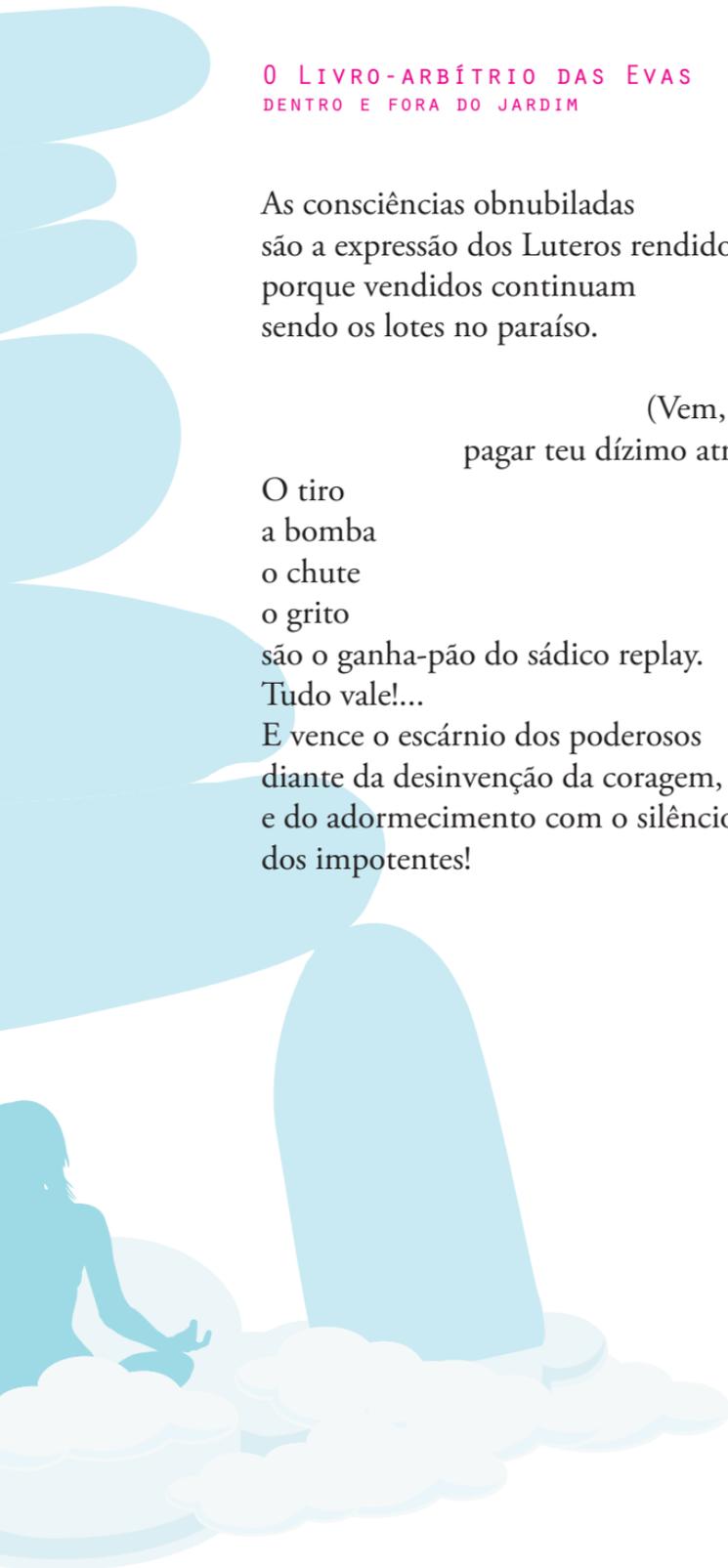
Desce o sangue
em filete da veia partida
da televisão:
vídeo-boca
cego-vídeo
surdo-surdo
só boca!

Do outro lado
passivos olhos em dilúvio
e ouvidos que banalizam o mal:
I B O P E!!!

Ratos, leões, camundongos e bichos outros
passeiam de mãos dadas
nas poças púrpuras da miséria alheia.

Voyeurs insaciáveis
contam com o gozo
dos distantes hipnotizados, mas cúmplices!

No brightness da tela azul
ícones fabricados
expõem falsos cabelos de milho
embonecados nos campos
férteis da futilidade.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

As consciências obnubiladas
são a expressão dos Luteros rendidos
porque vendidos continuam
sendo os lotes no paraíso.

(Vem, Lutero,
pagar teu dízimo atrasado!).

O tiro
a bomba
o chute
o grito
são o ganha-pão do sádico replay.
Tudo vale!...
E vence o escárnio dos poderosos
diante da desinvenção da coragem,
e do adormecimento com o silêncio
dos impotentes!

OBSERVANDO

Invadem seu quintal
e despençam ordens
para ordenar vidas alheias.

– Que presunção!

Sob a mira de um cano caolho
os donos do espaço com seus haveres
são explodidos
e chamados rebeldes.

– Quem entende a dinâmica
de tão monstruosa operação?

Intrigante esta invectiva visceral
de cães que
ladram
atacam
estraçalham sonhos
e riem democracia.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Cá, no meu distante,
vejo o universo preparando
a paulada
o baque
o rebote
a revanche.

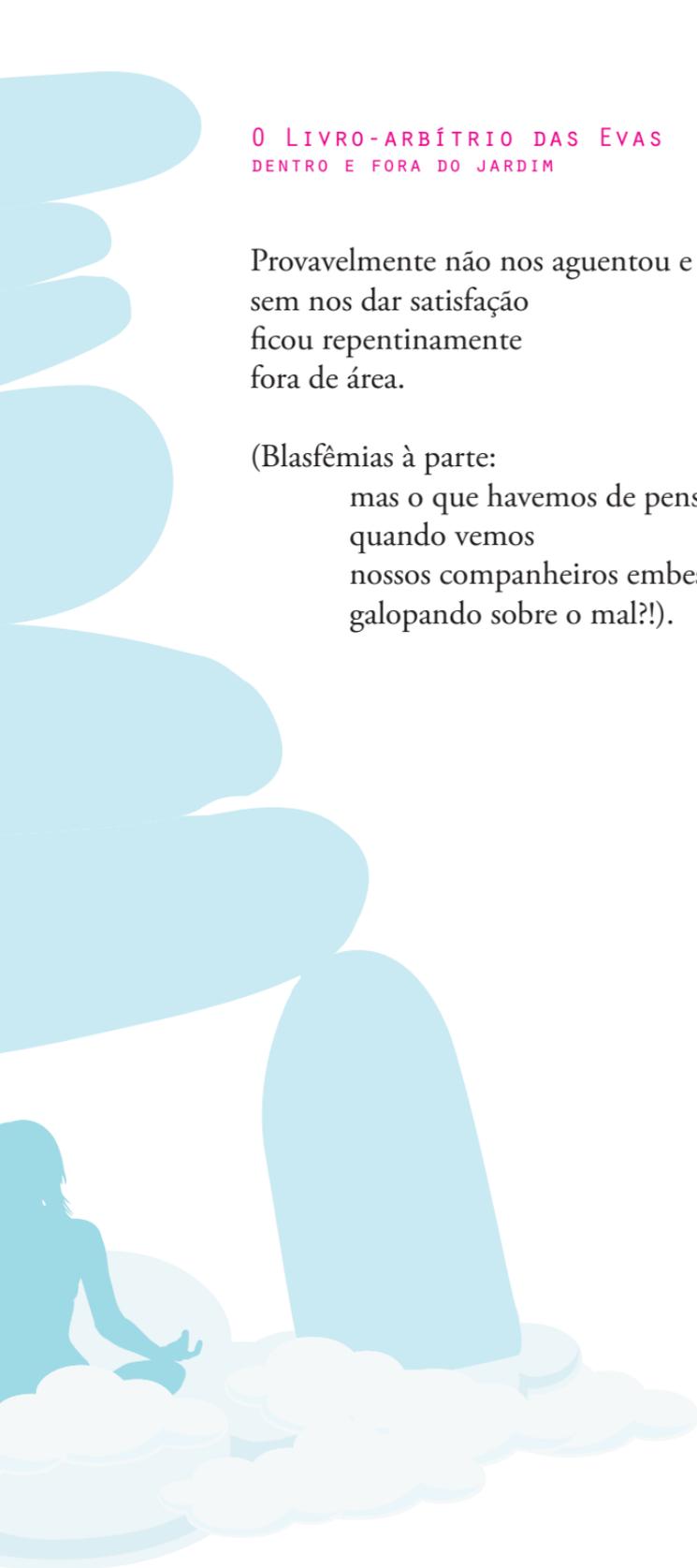
– Fato irreversível
fato inadiável
ato indiscutível.

ONDE ANDARÁ DEUS?

Deus desertou
após um jogo de dados
quando perdeu a batalha
para os descrentes na Sua divindade.

Deus exilou-se num paraíso
desconhecido por nós
e ficamos aqui perdidos
sem a certeza de sua volta.
A prova está na forma
como o mundo anda em nós
e nós capengando dentro do mundo.

Deus
também adepto da tecnologia telefônica
nos deixou no ar
ao desconectar seu celular ultramoderno
e nem na sua caixa de mensagem
podemos textuar.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Provavelmente não nos aguentou e
sem nos dar satisfação
ficou repentinamente
fora de área.

(Blasfêmias à parte:
mas o que havemos de pensar
quando vemos
nossos companheiros embestados
galopando sobre o mal?!).

OPERAÇÃO BISTURI – BOM
DIA BRASIL – 04/12/03
– O QUE SE IMAGINA DEPOIS
DA NOTÍCIA –

Vendo um rim
(sobra o parceiro filtrador);

Um pulmão
(solidão para o ficante – e daí?);

O fígado
(ele sabe se recompor);

Um pedaço do estômago
(economizo no comer);

Como não tenho testículos,
os conhecidos colhões,
vai um ovário
(de quebra);

O útero armazenador, em mim, já era!
(Não mais guardará vidas);

Um olho (o direito, de preferência)
porque o esquerdo, astigmático,
vai vendo do jeito que vê;
a bexiga (chorarei pelo olho sobran-
te);
uma perna (ser mais um saci não faz

O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

diferença alguma para o mundo);
um braço (não faz mal ser cotó);
pode-se abraçar com um braço só);
uma banda (não confundam);
um orifício qualquer (não é difícil
escolher);

para uns, será cristão compartilhar,
para outros, prostituir.

Dirão alhures: mercenarismo;
alguns dirão: experiência para marceneiros
de hospitalais;
alguém há de sair ganhando, ou perdendo,
depende do ângulo pelo qual se olha.

Quanto à cabeça, já nem sei por onde
anda;

o coração (um caso à parte); está
problemático; não vale a pena pro
comprador (honestamente!). Dias bate,
dias não, dias duro, dias mole, dias duplo,
uno, ambíguo, destemperado, dias nada...
(deve estar com esclerose galopante e
insiste em viver por conta própria);
quando tropeça, não se levanta sozinho;
recusa nutrientes; teimoso, não aceita um
marcapasso. Quem haveria de comprar um
troço assim?

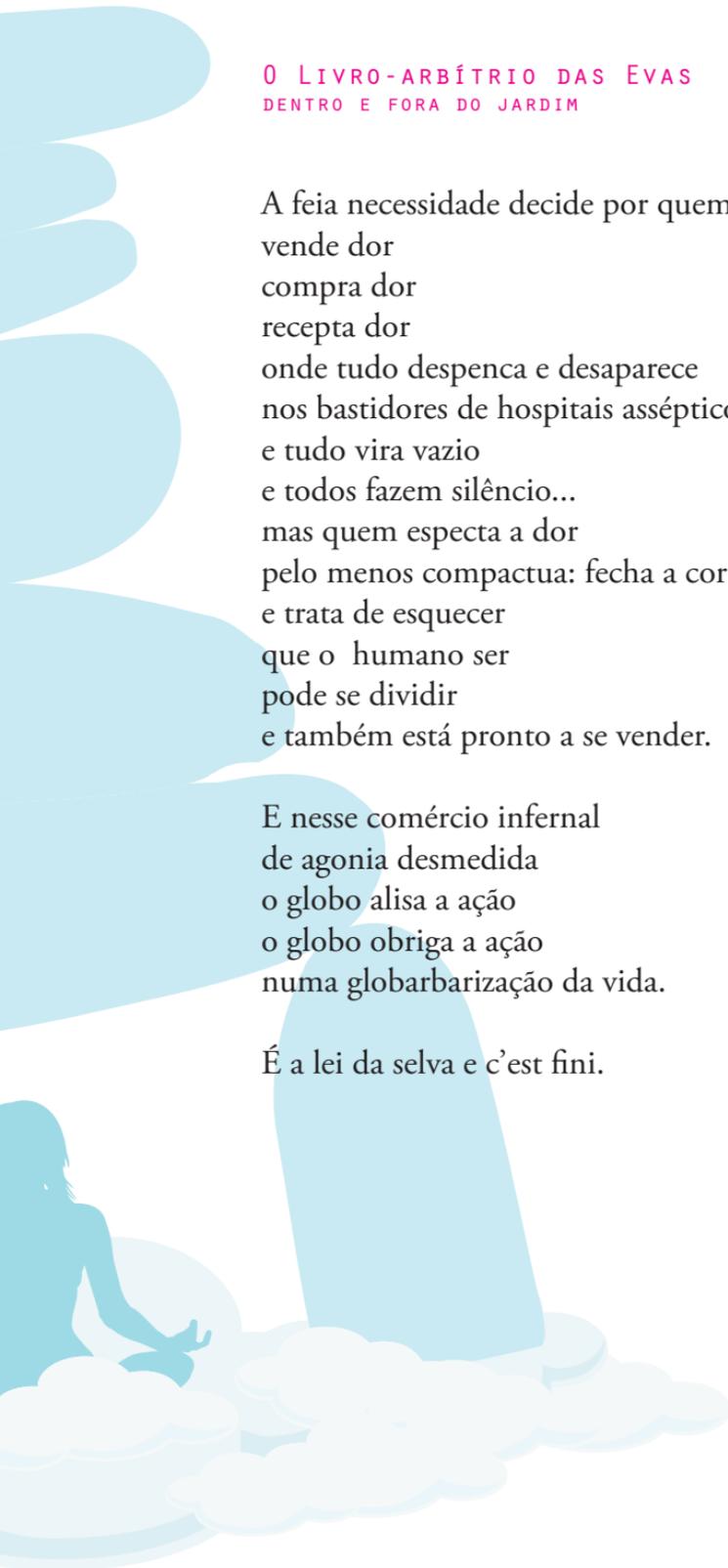
Sangue (O -), mais raro, mais caro. Vendo todo o que resta. Limpinho. É promoção (estoque quase zerado). Resta pouco porque em meio século o conta-gotas quebrou o lacre e muitos pingos ficaram pelo caminho.

Falta algo para vender: a alma. Quanto custa? Esta não aceitou ser negociada. Desprende-se antes que o dia desabrochasse, deixando claro que seu destino não era a gaiola de um corpo besta.

Nada de burocracias. Sem papéis. Sem cartórios. Sem rubricas. Basta deixar o dinheiro no chapéu ao lado...

Pobres dos que precisam vender suas únicas posses.

A pobreza faz do dinheiro, beleza, (triste ironia!)
ou por causa da miséria
ou por conta da ganância...



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

A feia necessidade decide por quem
vende dor
compra dor
recepta dor
onde tudo despenca e desaparece
nos bastidores de hospitais assépticos
e tudo vira vazio
e todos fazem silêncio...
mas quem especta a dor
pelo menos compactua: fecha a cortina
e trata de esquecer
que o humano ser
pode se dividir
e também está pronto a se vender.

E nesse comércio infernal
de agonia desmedida
o globo alisa a ação
o globo obriga a ação
numa globalbarbarização da vida.

É a lei da selva e c'est fini.

OS OLHOS PEDEM

Dentro de um corpo
não cabe uma ideia
há muitos limites
espaços poucos.

Numa ideia, várias outras
se entrelaçam
se ampliam
por vezes se impescindem...
e na impressão
que cada uma me concede
fica à mostra o que antecede:
um sinal que se anuncia
se insinua no interstício
dessa ideia.

Entre o que se sabe
e o que se cria
há um desejo a projetar-se
um corpo a limitar
um olhar que pede retorno!...

OUVINDO...

Ouço a chegada
de quem nunca chega.
Ouço a voz de quem
comigo não fala.
Ouço o passado se afastando
e me deixando só
cada vez mais.

Eu na beira dos olhos – água
Eu na beira da boca – engasgo
Eu na beira da terra – broto
Eu na beira do Eu...
silêncio.

PERDAS NECESSÁRIAS

De empregada
a freelancer

De corporal avantajado
quase Tweegy

De desabrida
à gênese da gentileza

Das prendas do lar
às prendas do ler

Do sangue pontual
à libertação mensal

Da Atlântida perdida
à mulher reencontrada

Da lagarta comum
àquela que tece a seda

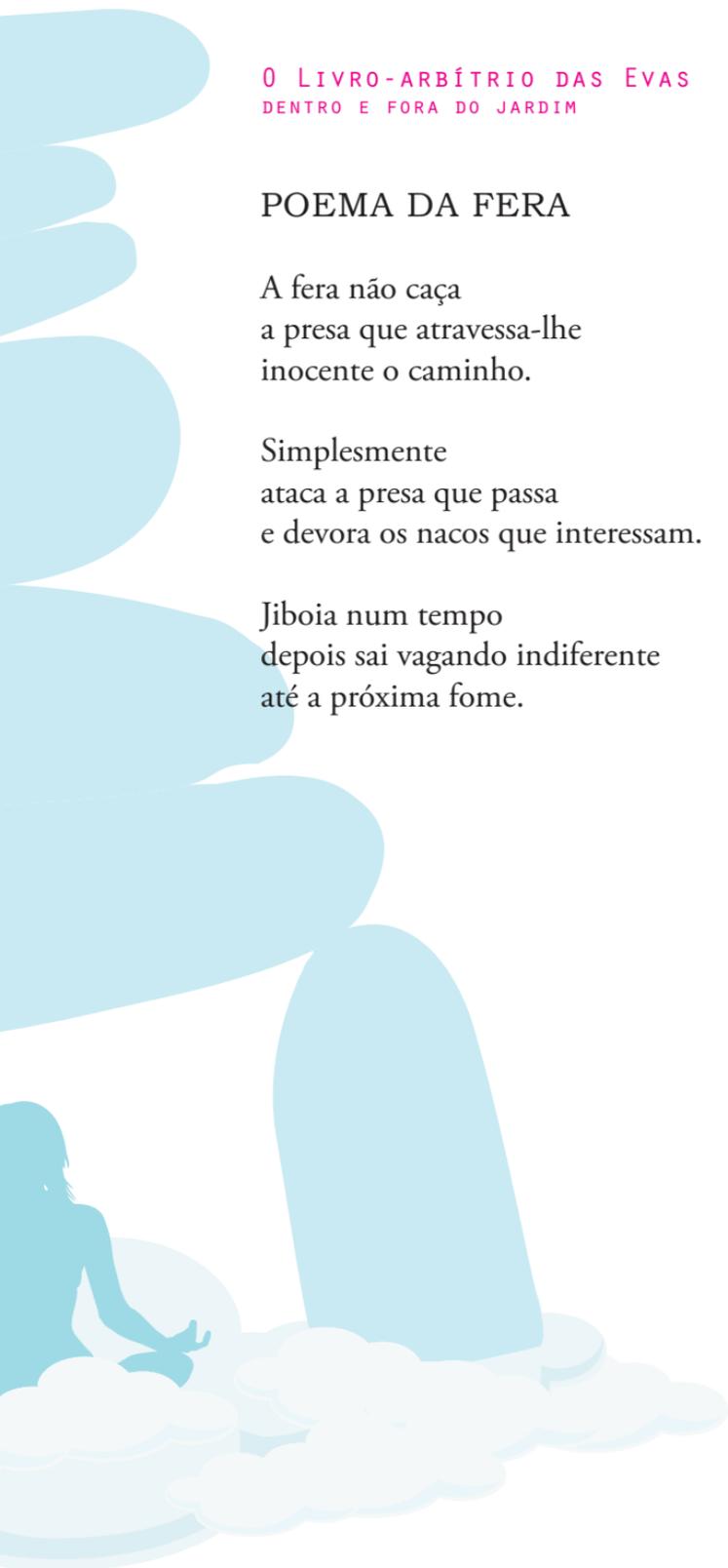
Das perdas da lisa pele
o revigor dos ganhos...
e nem sinto que envelheço
– ao contrário –
sequoiamente a cada segundo
adolesço.

POEMA DA FERA

A fera não caça
a presa que atravessa-lhe
inocente o caminho.

Simplesmente
ataca a presa que passa
e devora os nacos que interessam.

Jiboia num tempo
depois sai vagando indiferente
até a próxima fome.



PENSANDO EM NARCISO

Embevecido com a própria beleza
Narciso entra no espelho d'água
vira flor.

Possuída de tristeza
num lago planaltino
narcizei-me em minha dor.

Ele, embora morto,
ainda é flor.

Numa ironia corrosiva
eu, embora viva, morta estou:
sou corpo afogado sem nome
no lago nem boiou.

QUEBRADORES DE PEDRA EM VILA ESPERANÇA

Pedreiras
Pedras
Pedregulhos

Mãos grossas, martelo em punho
no claro dia em escura função.
Calos estourados
escandalosas chagas expostas.
Sangue mabaço da dor.

As estrelas da noite – pílulas de luz –
alentam o corpo moído.
O sangue que jorra dá um minuto de sossego
e a dor da fome se esconde
no ventre desabitado
na hora do Angelus.

Escola – mágica mutação:
martelolápis
sanguetinta
pedrapapel
pedregulholetra
que saltam da pedreira
para deixar o aprendiz
escrever sua história.

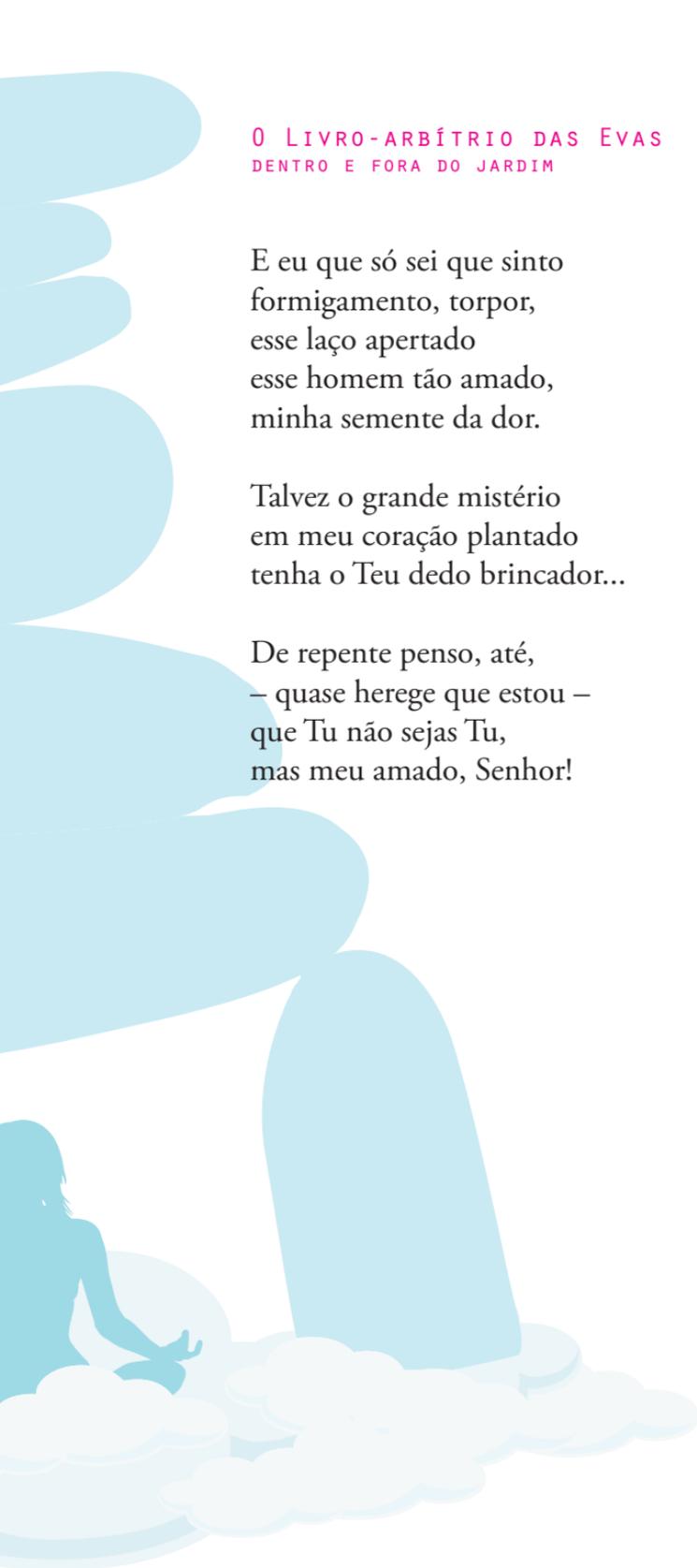
QUEM É QUEM?

De que substância é feita
essa semente que deita
na almofada do meu coração?

Tenho de tudo tentado
no tempo que tenho tido
para enlaçar o sentido
de vigorosa germinação.

Talvez viva mil vidas
e nem consiga ver sua cor:
alguns o nominam Paixão,
outros o chamam de Amor.

De que substância, meu Deus,
fizeste esta agonia
que em mim cresce a cada dia,
não para cima, no chão?



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

E eu que só sei que sinto
formigamento, torpor,
esse laço apertado
esse homem tão amado,
minha semente da dor.

Talvez o grande mistério
em meu coração plantado
tenha o Teu dedo brincador...

De repente penso, até,
– quase herege que estou –
que Tu não sejas Tu,
mas meu amado, Senhor!

QUESTÃO DE TAMANHO

Quando minha alma
se desparta do meu corpo
vai para a curva da Lua
e de lá
debruçada
me vê três-por-quatro
no espaço três-por-quatro que me guarda
confinada.

Quando volta minha alma
etérea em densidade
cá
mas toda amassada
tenta a porta de entrada em mim.

Inconformada
fica de fora
fico de dentro
e nos olhamos tristemente
apenas.

REAIS NECESSIDADES

A cadelinha
as traças
as saias
as poucas posses que se insinuem
indispensavelmente.

Em verdade
somente são necessidades:

as madeixas de Eva
para cobrir meus gêmeos picos lácteos;
a folha da parreira que protege do vento
a flor que insisto em cultivar
no meu monte de Vênus
a sarça em estado permanente de ardência
para alumiar o livro do poeta predileto
que deleita meus olhos
nas noites que vigiam a insônia.

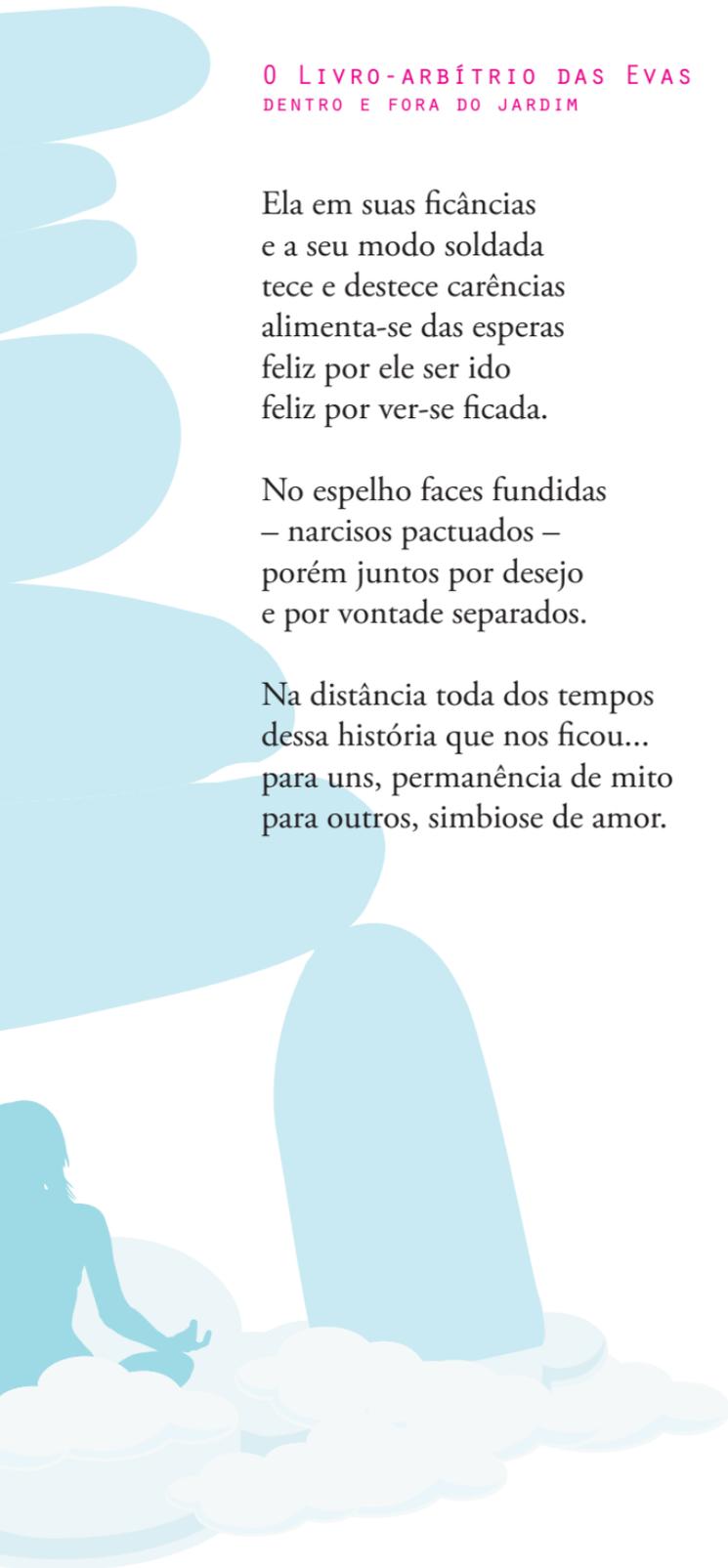
RETECENDO ÍTACA

Tecem as Penélopes
lutam os Ulisses:
dia-a-dia, mesmos fios
noite-dia, lutas mesmas
noite-a-noite, monótono destecer
hora-a-hora vã espera
toda hora só viver.

Duas almas condenadas,
dentro da outra, uma:
uma com pernas que andam
outra com dedos que fiam.

Amarradas almas duas
por motivo ou por querer?

Uma no ritual do ficar
outra incontrolável a partir...
nesse selo de alternâncias
preservado em suas ausências
Ulisses é movimento
garante o próprio existir.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Ela em suas ficâncias
e a seu modo soldada
tece e destece carências
alimenta-se das esperas
feliz por ele ser ido
feliz por ver-se ficada.

No espelho faces fundidas
– narcisos pactuados –
porém juntos por desejo
e por vontade separados.

Na distância toda dos tempos
dessa história que nos ficou...
para uns, permanência de mito
para outros, simbiose de amor.

UIVOS NA LUA VAZIA

O lobo uiva
e nem é Lua cheia.

Ouço-o no escuro
e temo por nós todos,
amantes de corpo ausente.

Por que uiva o lobo fora da Lua?
Pedirá amparo?
Pedirá abrigo?
Enlouqueceu?

Seu uivo é a música da dor
pelo que foi, pelo que teve e perdeu.

Que lamento! Chamamento à rendição...

De corpo presente
escrevo seu uivo para emudecê-lo
no papel,
mas ainda assim
o lobo uiva de longe
e não há no céu Lua cheia
e nem Lua cheia em mim.

ESCORRENDO POR QUALQUER LUGAR

Bateu à minha porta
– e eu predestinada.
Abri, entrou, ligeirinho, saiu...
– e eu predestinada.

Tranquei a entrada do meu palácio
pus barras de ferro
além de chaves
– e eu enchaveada.

Batem à minha porta
– silêncio.
Batem mais, mais e mais
– e eu me rio.

Diante do espelho
ela e eu,
cúmplices corpo a corpo,
olho a olho, peito decidido,
entramos no brilho que nos reflete
e nos dissolvemos nos mercúrios prateados
que por onde, não sabemos,
serão espalhados
quando o espelho espelhaçar-se.

VÍCIO DE LUA

Há coisas que nos deixam viciados.
No meu caso é a Lua:
com ela nunca acostumo
é sempre novidade ímpar
é sempre um céu diferente
e um sempre sem-fim.

Ela me menstrua
enche minhas marés
lava minhas areias
me pira aluadamente
me ajuíza precisamente
me inspira
me depura
me aperta
me expande na loucura
me abranda
me abunda
me absurda em parições...

Logo eu que nasci às 3 da tarde
num solar dia de Domingo.

TRANSCENDÊNCIA

(Affonso)

Quando a embriaguês do sono
obriga-me o fechar dos olhos
não resisto
só me rendo...
mas antes
sobre os teus versos
ponho os meus óculos
para nos meus sonhos
continuar te lendo.

VITÓRIA

Chamava-se Guanaani
e as gentes que viviam por aqui
não barganhavam moedas com suas
“vergonhas”.

Das miríades de pedras-colmeias
emergentes das águas de sal
jorrava o mel mais doce
que o doce mel de Salomão.

Quando o desejo gritava por alimento
as mulheres lambiam o manjar abundante
que escorria das pedras
– favos fálicos –
e as abelhas complacentes
não interrompiam o permanente
estado de orgasmo
na fábrica do prazer na Ilha do Mel.

Tudo era doçura e paz.

Quando os homens queriam mais
deixavam seus corpos boiar nas águas
e as gotas de prazer
conheciam o caminho das bocas esperantes
e abertas.

Assim viviam essas gentes
contentes e livres.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Até que num entardecer
quando o sol buscava o manto
do recolhimento
uma vela branca ao longe
as tomou de assombro:
as abelhas e os zangões, em polvorosa,
cobriram de cera os corpos dos homens
e das mulheres
para a inevitável batalha
com o desconhecido.
Línguas de fogo e cruz invadiram
os labirínticos caminhos das colmeias
e destruíram o segredo
da doce produção do prazer.

Então, os deuses penalizados
com tanta dor
enviaram uma branca pomba
e a instalaram para imperar soberana
na Pedra da Penha.

Assim ouvi do eco dessa pedra
os ecos da história que vos narrei.
Creio nela assim como creio neste poema
E nesta Vitória onde me instalei.

ALGUMAS (IR)RELEVANTES
DESCOBERTAS NO AZUL DA AZUL

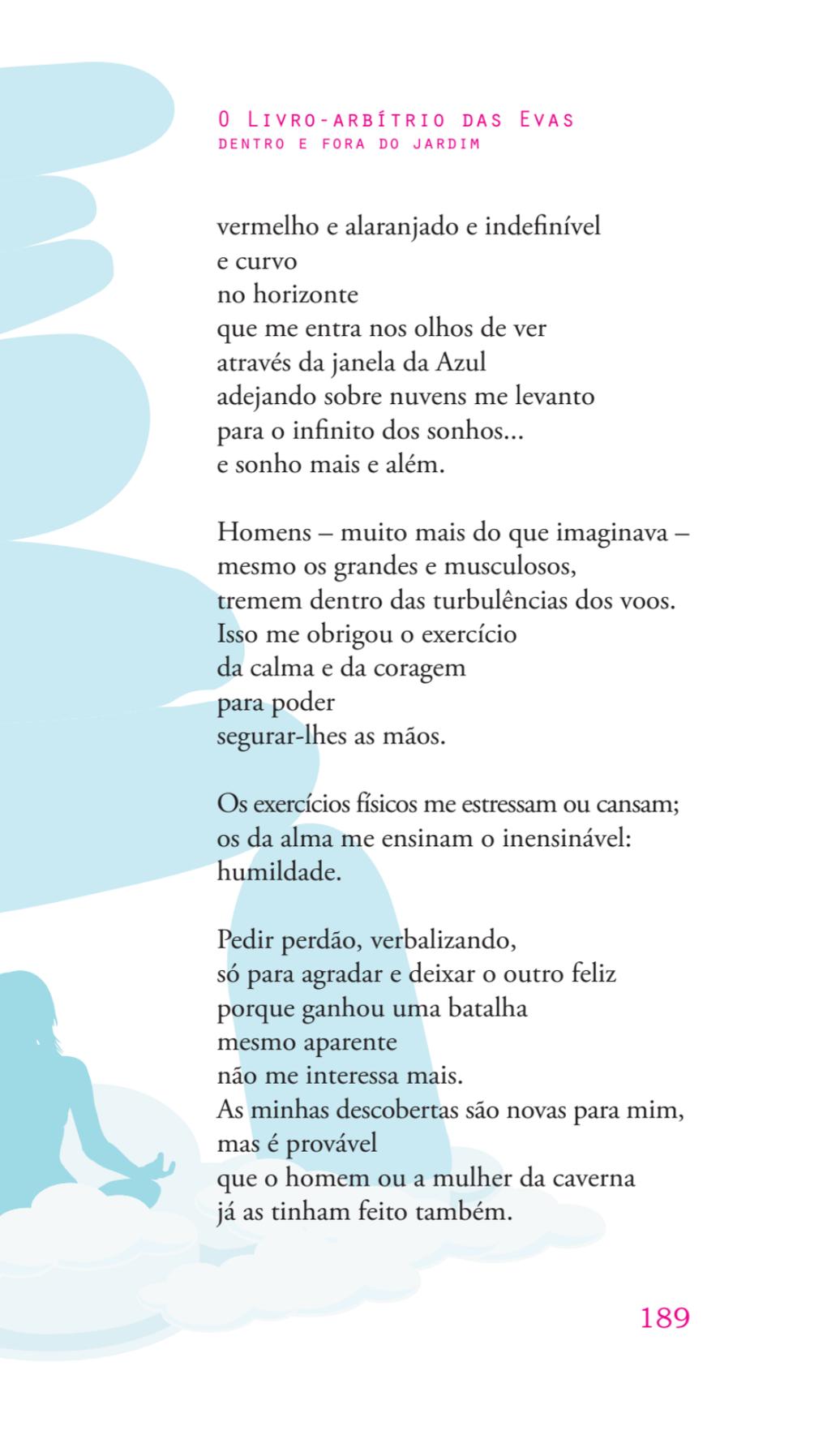
Quando pensei que encontraria
quem apagasse os meus incêndios,
descobri que continuava,
eu própria,
apagando os alheios.

Descobri que as pessoas
que eu considerava as mais perfeitas,
continuaram perfeitas,
embora tivessem mais dores ocultas
do que as minhas.

Os meus heróis possuem tantos medos
quanto eu:
medos diferentes
porém medos apenas.

Os mestres que digo serem meus
continuarão sendo,
mas agora tenho um outro olhar
sobre eles.
Então descobri que sou mestra
de mim mesma.

Descobri que acima das nuvens
o arrebol também é belo,



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

vermelho e alaranjado e indefinível
e curvo
no horizonte
que me entra nos olhos de ver
através da janela da Azul
adejando sobre nuvens me levanto
para o infinito dos sonhos...
e sonho mais e além.

Homens – muito mais do que imaginava –
mesmo os grandes e musculosos,
tremem dentro das turbulências dos voos.
Isso me obrigou o exercício
da calma e da coragem
para poder
segurar-lhes as mãos.

Os exercícios físicos me estressam ou cansam;
os da alma me ensinam o inensinável:
humildade.

Pedir perdão, verbalizando,
só para agradecer e deixar o outro feliz
porque ganhou uma batalha
mesmo aparente
não me interessa mais.
As minhas descobertas são novas para mim,
mas é provável
que o homem ou a mulher da caverna
já as tinham feito também.

Muitos pensam que sabem muito o que sabem

assim como eu,
mas a sabedoria que dá o saber de si mesmo
é a que amplia por dentro.

Foi duro ver que muitos dão
o que não têm para si:

amor
companhia
paz!

Descobri que sou tão fraca
quanto os que bradam que não o são...
mas num canto escondido roem as unhas
se roem na solidão.

Descobri que a cada dia sou outra
porque cada dia
em suas particularidades
é um divisor de ciclos.

Todos gostam de magia. Os que dizem
não gostar
a querem tanto que mentem
só pra manter os pés no chão.
Quanto a mim, quanto mais levito
mais a magia acontece
porque existe
de verdade:
a minha!

O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Descobri que qualquer dependência
é dependência
desde a dependência do outro
até o creme dental
ou, quiçá,
a marca do papel higiênico.
Sou valente, a coragem me possui
– nos possuímos –
quando posso admitir que também
dependo
dependo!

Descobri que somos todos muito
ocupados
– quando queremos –
ou quando precisamos dizer que somos
– mesmo sem sermos.

Todos tocamos qualquer instrumento,
mesmo quando,
em verdade, nada tocamos...
e tudo é música
a que nominamos
porque é nossa.

Descobri que detesto meus grossos braços
mas os uso a todo instante
porque abraço abraço abraço
porque sou feita de mais do que braços,

NEUZAMARIA KERNER

por isso linda e linda...
e há gente que ainda
nem descobriu que tem braços.

Neuzamaria Kerner
Voo Azul: Ave Cristo-Birigui-
Araçatuba-Campinas-Vitória

23/06/2012

RETORNO À ALDEIA

(filhos de Itapebi)

Perto do rio com suas distâncias
filhos foram nascidos
filhos foram criados
filhos se foram, mudados.

Longe do rio em permanências
olhos singravam barcos
– quase navios –
bocas lembravam robalos
na língua das lembranças...

Presos aos sargaços da saudade
filhos que foram nascidos
e um dia se fizeram idos
retornam
ao rio sem rio
aos barcos sem remos
ao cheiro do mais nada
ao talhe suave do morro
e veem nas ruas vazias
a aldeia
e a gata que ainda espera os filhos idos
com o rabo balançando alegrias.

E A CARAVELA PARTIU SEM MIM...

Pensei que era e não sou
Pensei saber, mas ignorava
Pensei ser presença quando em tudo era nada

Mas no nada não me vi

Fui sem estar e sendo não fui
Pensei clareza e estava caos

Pensei que era e não sou
Porque sem ego passou um vento
E me evaporou

Pensei que iria morro acima

E a meio caminho agora sei que não vou

Do meio do morro vi mar e vela
E a caravela que me levaria

Foi-se grande em mil saberes
Coração sem mil haveres
Foi-se...
Porém ausente de mim.

AURORA BOREAL

A aurora boreal é Deus.
As auroras outras
ao jeito das cores outras
dançam, cantam
(e riem provavelmente)
e louvam a aurora boreal azul que é Deus.

CANTIGA DE NINAR A LUZ

Na paz da Luz que sabe
Me faz olhos de ver
Então a vejo serena
E manifesta em você.
Sonha, sonha... luz de anjo
Pois lhe vela a Luz maior
Que o silêncio desta noite
Faz o sonho virar Sol.
Nada tema neste abrigo
– luz que brilha vacilante –
Pois a grande Luz que nina
Também cura a alma andante.
Durma o sono curador
Deixe dia novo nascer
Que o Universo gestará
Paz e luz no amanhecer.

BUSCADOR DE AURORAS

No sem-tempo começada
Uma luz forma de flor
Que se abre aclarada
Pelas mãos do Buscador
Vem varando toda estrada
Pela cor que vem de Deus
Nesta alegre alvorada
Nos sorrisos todos seus...

Céus inteiros se deleitam
Luzes brilham infindas horas
Nossos olhos se enfeitam
Vendo o Buscador de Auroras.

Flores soltam seu perfume
Luzes voam passarinhas
O Universo todo é o lume
Nas estrelas pastorinhas
Só o perene vem de outrora
Nesta vida intermitente
Buscador é a própria Aurora
Que em nós é permanente.

Céus inteiros se deleitam
Luzes brilham infindas horas
Nossos olhos se enfeitam
Vendo o Buscador de Auroras...

COMUNICADO AMOROSO

Júlia

Ela veio saudável e sorridente
trazendo na sua bagagem
um tanto a prata da Lua
o brilho das estrelas
o calor afetuoso do Sol
a convicção de que temos natureza
e substância divinamente eternas
a inspiração dos poetas que reinstauram
a esperança no mundo
o colorido e o perfume suave das flores
a lembrança de que somos aprendentes
na arte de amar
a certeza de que o amor é a única
possibilidade para vivermos em plenitude

ESTE OLHAR DE JÚLIA

que avista os longes...

Este olhar

que vê, mas não diz...

Este olhar

que sabe e reconhece...

Este olhar

capturante dos reais vários

que desliza e paira

entrenuvens

entreterras

entregentes

entrevidas

entrefatos

entretantos

entretudo

entrecílios alongados...

Estes olhos entrepostos

nas asas vazadas da luz.

Esta menina

que me entra pelo cristal da retina

é a menina dos meus olhos.

Este olhar... Este olhar... cor da sabedoria!

O olhar desta menina

tem os olhos da poesia.

ESSA COISA...

Coisa incerta
Coisa grande
Coisa maior do que o sentidor
Coisa coisada que expõe vísceras
Coisa que sangra por dentro
Coisa que desgravita
Coisa que estronda como trovão perene
Coisa vulcão que derrama lava
Coisa coisa coisa... que veste e deixa nu!

Há os que sentem essa coisa
Há os que despertam essa coisa
Há os que provocam essa coisa
Há os que – por medo – evitam essa coisa
Há os eternos famintos pela coisa alheia
(como os vampiros – dizem
cujo alimento é o sangue – do outro
e des-espera o possuidor da coisa
que não tem em si
e tem nos olhos o gozo de ver
quem possui-a-dor).

Dizem que essa coisa tem nome,
sobrenome, certidão de nascimento e óbito:
Abismo da Paixão
Encarnação da Boa Morte.

FRANCISCO E A CARIDADE (?!)*

Rua é vício
Tem gente viciada em dar
Tem gente viciada em receber
Assim é a sopa:
Nunca me perguntaram se eu gosto de
sopa
Mas eu bebia porque me davam
Eles davam porque só sabiam dar
e não perguntar...

O acordo tava cumprido...
– O que gosta?
Não sabe.
– Afeto? Comida?
Não sabem os dois lados
Ninguém sabe...
A carência de cada lado
Cumprida

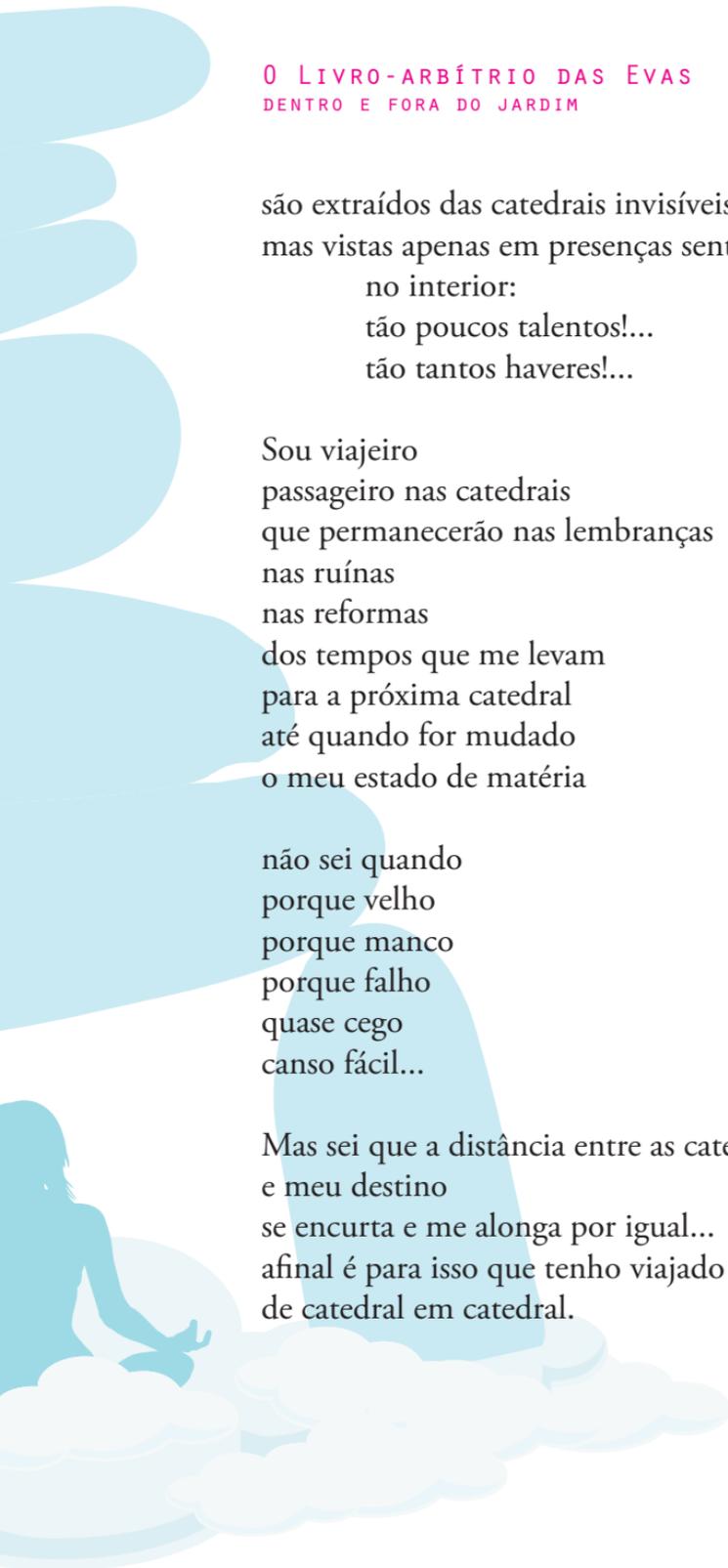
.....
* Poema baseado num caso contado por Ana Rita
Q. Ferraz sobre o morador de rua – Francisco.

PASSAGEIRO (NAS CATEDRAIS)

Tenho viajado de catedral em catedral
vezes silencioso
outras barulhando sinos
para dizer da minha presença;
vezes pagando dívidas
outras contraindo-as
mas sempre honrando palavras
para dever menos.

Tenho viajado de catedral em catedral
e quando estou no centro de suas naves
vejo como funcionam engrenagens humanas
que mesmo solitárias não funcionam sós:
peças por peças movem-se
dependentes
e independentes
das minhas próprias.

Quando iluminadas as catedrais
uno fios
reparo molas
e tiro seus rangeres com óleo das lamparinas
que mesmo quando sem chamas
é o bálsamo que encontro
– somente nas catedrais –
para os consertos precisos.
Os talentos para o sustento de cada hora



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

são extraídos das catedrais invisíveis
mas vistas apenas em presenças sentidas
no interior:
tão poucos talentos!...
tão tantos haveres!...

Sou viajero
passageiro nas catedrais
que permanecerão nas lembranças
nas ruínas
nas reformas
dos tempos que me levam
para a próxima catedral
até quando for mudado
o meu estado de matéria

não sei quando
porque velho
porque manco
porque falho
quase cego
canso fácil...

Mas sei que a distância entre as catedrais
e meu destino
se encurta e me alonga por igual...
afinal é para isso que tenho viajado
de catedral em catedral.

MOTIVO PARA ESCREVER

Escrevo para não me perder nos caminhos
e para que os pedaços do corpo
perdidos na caminhada
sejam recompostos
quando eu precisar retornar;
para rever o tamanho de cada passada
que possa me apontar
na lucidez da rosa dos ventos
o sentido da palavra trilhada...
Escrevo para me manter na caminhada
mesmo onde não haja caminho
porque a escrita sempre será meu mapa
que conhece atalhos protetores da insânia.

Escrevo para não me esquecer
na ida e na volta de cada estrada.

O MAR E O POEMA

Não sei para onde vou
só sei que vou, vou, vou...

Das chegadas desconheço
nas partidas adormeço
e entre este céu e este mar
me navego e me esqueço.

O navio singra lento
e eu sangro de saudade...
nada sei do que aguardo
só espero, sonho e ardo.

Já não sei por quanto tempo
estou parada neste espaço
numa espera de dar pena
neste tempo que é tão largo
tão diverso, tão poema.

PROMESSA DE PALAVRA

Que a minha palavra
não seja mais espada cortante.
Que seja ela a agulha e a linha
que tecem o bem em cada tecido
de cada pétala de flor
e que remendam o que foi esgarçado
pelos tempos.
Que seja a minha palavra, doravante,
a mão que aponte o horizonte da boa fortuna
a cola que una fortemente
todo ser a cada ser;
que prove que todo amanhecer
é uma flor que se abre
e sabe, como qualquer rosa,
ser generosa em alegrias;
que seja semente em festa
quando emancipa a flor do botão;
que seja cantiga de flauta
fiel som de toda canção;
que seja ela apaziguada e efflorescente
pela força da nova semente
a brotar flores nos canteiros da fala.
Que seja a promessa desabrochada.
Que seja a ponte ligante ao verbo amar.
Que seja sempre a flor anunciada:
em cada palavra dita
em cada palavra escrita
em cada palavra dada.

SEMENTE DO FRUTO

(Daniel)

Primeiro perder-se no nada
Depois achar-se no absoluto
Buscar a simplicidade
Que é a semente do fruto.
A verdade revelada
Nos leva à transcendência
Que está nos olhos do céu
E além de qualquer ciência.
Viaje pra dentro de si
Encontre o que esperou
Nos olhos do infinito
Mergulhe nos olhos do amor...
Nos olhos de céu nos olham
Está a semente do amor.

SURDEZ

Eu precisava que me disseses
que estavas de partida.

Nunca desejei que fosses
mas nunca me dissestes
se estavas ficando ou partindo.

Um dia amanheci sem uma parte:
e descobri que sempre havias me dito
que nunca, de fato, estivestes aqui...

Em verdade, eu é que nunca quis ouvir.

O LIVRO-ARBÍTRIO

E eu que vim de tão longe para vê-lo...
E eu que atravessei tantas nuvens para vê-lo.
Sabe quantas eternidades furei para chegar
no lugar exato onde você estaria para me
encontrar? Pareço em atrasos. Pereço nos
prazos, só pareço. Aqui estou diante da boca
dos favos de beijos que nos tempos passados
você prometeu. Vim pegá-los. Vim colocá-
los neste corpo almadado que ainda é seu.

Cheguei! Vim com livro e com
liberdade. O livro-arbítrio meu.

E agora me paro na frente do
homem que sei pelo faro, o homem que
é meu. Fale, respire, se vire, me tome em
você. Estou tão cansada do tanto que
andei. Asas dormentes do quanto voei.

Venha, pegue a moringa com água
fresca e dê-me de beber... Vamos, o que há
com você? Por que seu silêncio me olha
assim? Minha aparência está tão ruim?
Desculpe, na pressa esqueci de pentear os
cabelos. Estou em frangalhos? Desculpe,
é que tropecei nas mil bolas do Universo,
me feri e nem vi... a cada pancada eu fazia
um verso...

Está me ouvindo? Não olhe o
céu agora, não veja o sangue que mora

no entardecer deste momento. Eu sei, esqueci de passar batom. Deve ser isso o assombro nos seus olhos. Desculpe, foram os deslocamentos das ventanias nas minhas passagens que me deixaram de mãos vazias. Lá é assim. Venta.

Cadê o bálsamo para minhas olheiras? Venha, faça o descanso dos meus olhos. Feche-os devagar porque doem. Não o vejo!

Meus ouvidos se aguçam. Ouço a música, mas está tão longe e eu vim de tão longe para ouvi-la outra vez. Sabe, eu vim de tão longe... Sabe, o ar... ponha sopro em minhas narinas... seu hálito ainda é o mesmo.

Segure em mim. Estou Pégaso indócil. Não, não precisa de cangalha. Vamos, coragem. Não tem falha, não há tralha que nos valha por lá. Vamos, monte devagar. É que eu vim de tão longe, pensei que pudesse ficar...

Pronto?

Que bom!

Voemos antes de o dia acordar.

A CASA DA LUZ

Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto.

Magia é uma palavra já muito comum para dizer daquele domingo. Que palavra, então, usar? Não sei. Só sei que o Sábado já havia escrito o que estaria por vir. Os Sábados-profetas tocam na testa dos abertos para o desconhecido encontro com a morte e o renascimento num mesmo instante... e meu coração desapercibido rendeu-se à profecia. Não havia mais como lutar.

Não me foi dada a escolha. Ou eu assim o quis?

Mil quilômetros mais tarde estava eu trilhando caminhos feitos de auroras, onde paisagens de luz eram tecidas para o deleite da minha alma. Onde o cheiro de mandrágoras era carícia para o meu sentir. Onde menestréis sob tendas do passado preenchiam o espaço-tempo com poemas em forma de canções. Onde em cada segundo do dia meu sangue era substituído por doses generosas de Amor, de Paz, de Luz...

Entro na Casa da Luz. Permaneço onde vive o Anjo manifesto a me provar que o

escuro inexistente onde habita a luz, mesmo quando o Universo tece a cor noturna do céu.

O Anjo me mostra como semear estrelas e com elas fazer um jardim perene. Aprendo a buscá-las com os olhos. Colho uma estrela-flor, a intrometida do Cruzeiro do Sul, e enfeito o agora colorido, perfumado e triunfante coração.

Meu troféu, essa flor acristalada e brilhante, não me deixará esquecer que o amor não cabe no físico.

Meu troféu não me permitirá sofrer se minhas mãos nunca mais alcançarem flores brotantes dos astros. Sobreviverei.

Não importa o futuro do verbo viver porque esse viver será sempre o presente retido no templo do meu corpo transmutante, mesmo quando a morte tentar apagar o vivido. O Anjo, Ghon, não deixará, pela graça do Senhor dos magos Domingos.

A QUE VENDIA RECORDAÇÕES

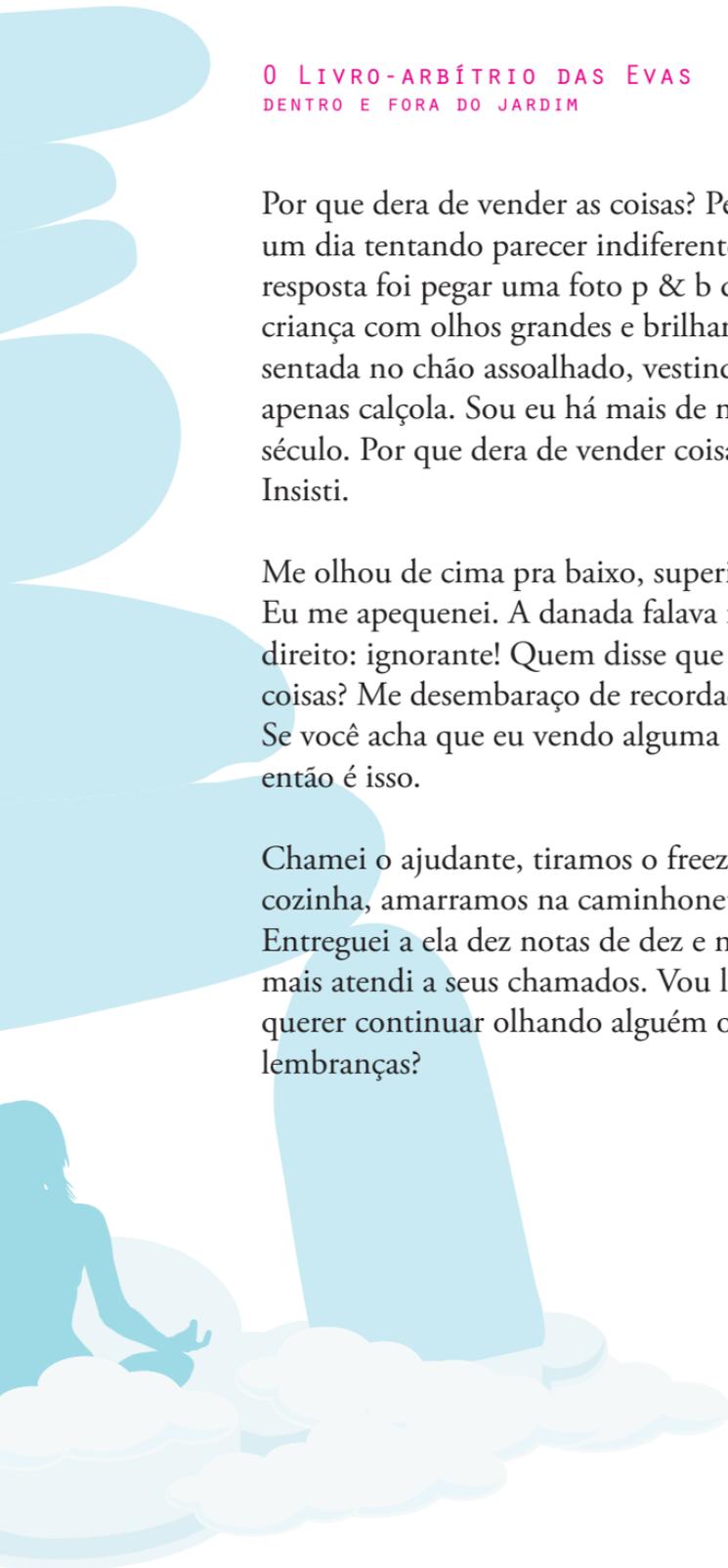
Agora deu de vender as coisas. Os pertences... e a casa amanhecia cada vez mais silenciosa como que consentindo no esvaziamento. À noite maquinava o que partiria no próximo lote de amanhecer. Não sei por que vendia. Na verdade, parecia planejar algo pelo bem de alguma coisa mais importante, mas não tenho certeza do que digo.

Um dia era uma peça de madeira, talhada à mão, que por mais de 50 anos guardara pratos copos tigelas taças. Assim me informou quase sussurrando. No outro a vítima poderia ser o sofá, companheiro de duas gordas poltronas que a vida inteira acomodaram bundas e até pés. Se tivesse apostado, teria ganhado. Carreguei o grupo da sala de visitas deixando o espaço crescido.

É... agora deu mesmo de vender as coisas impulsivamente. Ou já seria uma compulsão se avizinhandando na mente de quem queria esquecer? Vendia. Só sei. Todos os dias o telefone chamava a minha caminhonete que já estava sabendo o caminho. Sobre preço discutíamos pouco: ela dizia um, eu dizia

meio e tudo ficava pelo meio. Até que ainda era apumada e algumas vezes arrisquei um olho. A cintura fina entre as coxas e os peitos. A cada dia que ela imaginava o que me venderia no dia seguinte, eu imaginava o que olharia nela. Percebeu a danada e numa das vezes segurou o meu olhar de tal forma que esquentei por dentro e minha pele cuspiu fogo. Temi.

Não, não venderia o corpo e pela cara já me deu a saber do preservamento decidido. Não sou letrado nas psicologias, mas ali tinha coisa. Ah, se tinha! Entrou no meu pensamento e me mandou acabar com as curiosidades, disse assim de supetão me deixando abestado: penas muitas guardam meu corpo... quando eu levantar os braços, meu voo para o futuro será consumado. Dizer que entendi direito é mentir e quando ia abrir a boca, me cortou antes do movimento e mostrou na saia formando concha montes de copinhos de vidro trabalhados por um vidraceiro. Foram potinhos de papinhas da Nestlé. Os meninos gostavam. Cresci os olhos e ela fechou a saia. Falou baixo, mas escutei: estes ainda não têm tempo contado.



O LIVRO-ARBÍTRIO DAS EVAS
DENTRO E FORA DO JARDIM

Por que dera de vender as coisas? Perguntei um dia tentando parecer indiferente. Sua resposta foi pegar uma foto p & b duma criança com olhos grandes e brilhantes, sentada no chão assoalhado, vestindo apenas calçola. Sou eu há mais de meio século. Por que dera de vender coisas? Insisti.

Me olhou de cima pra baixo, superior. Eu me apequenei. A danada falava forte e direito: ignorante! Quem disse que vendo coisas? Me desembaraço de recordações. Se você acha que eu vendo alguma coisa, então é isso.

Chamei o ajudante, tiramos o freezer da cozinha, amarramos na caminhonete. Entreguei a ela dez notas de dez e nunca mais atendi a seus chamados. Vou lá eu querer continuar olhando alguém oco de lembranças?

MÃE NO DIA A DIA NO MEIO DE MAIO

É maio.

O que tem a mais no meio deste maio? Pode ter um monte de coisas: mês mais feminino porque fértil, mês das deusas, mês da primeira lua bonita, mês das noivas, mês do dia 13 de maio na Cova da Iria, mês de outono, morno – já instalado desde março, esperando que o inverno assuma o comando –, mês de se fazer tudo o que se faz todos os dias em todos os meses e em todas as estações, mês das mães...

Das mães... Sim, elas mesmas. Aquelas que amam incondicionalmente - há controvérsias! – mas muitas amam desse jeito incondicional.

- Oi, meu amor! Estou com saudade!
- Ei, mãe, eu... agora não posso falar. Muito trabalho.
- Eu só queria mesmo ouvir sua voz.
- Então, já ouviu, né?

E ela ri da brincadeira do filho ou da filha, tanto faz.

- Você é uma gracinha quando fala assim, me lembra quando...
- Lá vem você com suas velhas lembranças!
- São boas, meu amor... você era tão...
- Eu já cresci, esqueceu?
- Não esqueci, mas para mim...
- Já sei o que você vai dizer.
- Oi, você ainda está aí?
- ?... ?... ?...
- Claro que estou! E no meu trabalho.

E ela dá um suspiro feliz porque o filho ou a filha, tanto faz, está trabalhando. Como é responsável essa minha cria!

- Alô? Alô?...
- ?...?...?...?...?...?...?...?...?...?...?...?...?......
- Quem é?
- Sou eu...
- Ainda?
- É que eu queria te dizer que...
- Só pode ser agora? Não dá pra esperar pra outro dia?
- É que é importante...
- bip-bip-bip-bip-bip-bip ad

eternun...

E ela dá um suspiro – o último. O filho ou a filha, tanto faz, tem seus afazeres-de-cada-dia. Já não está mais aqui, nem ali, nem acolá. Sem maio, sem estações do ano nenhuma, sem não-sei-o-quê-mais. O que ela queria mesmo dizer? Nunca saberemos. Levou o dizer consigo.

ÓCULOS DE GRIFE

“A verdade gera dor e eu não sabia o quanto eu poderia suportar da verdade que estava diante dos meus olhos” . Foram essas palavras que ouvi de Lurdi – Lurdi que vem de Lurdinha. Fiquei curiosa com aquela frase intrigante que eu já havia lido em algum lugar, não sei quando... Incentivei a continuação do papo. Ela lagrimou e continuou: pois é, menina, a gente pra andar na moda paga um preço alto. Foi assim que caí na real quando vi o meu bem precioso sendo misturado com a terra. Sabe, prima, eu gosto de enterros. Tanto de pobre quanto de rico. O de rico não tem muita graça. Tem não! O de pobre é divertido, mas às vezes traz desgraça. A começar pelo nome enterro, que é de pobre, daquele que mora em unidade habitacional abaixo do padrão. Pra não dizer barraco. Pra não dizer que a gente ta ofendendo. Se fosse de rico, seria inumar, sepultar, depositar o corpo num jazigo. Cê já foi em enterro de rico? É assim: todo mundo bem vestido, os saltos dos sapatos tocando levemente nas alamedas dos jardins das saudades todas. Tudo silencioso, educado, sem ataques. Soltar as frangas da dor é proibido. É...

mostrar a dor é coisa de gente sem classe, sem finesse. Virou lei não dar ataques, não fazer a exposição daquela dor infeliz. A lágrima tem que ser discreta e ocultada por um par de óculos escuros bem bacanas comprados em loja. Lágrima que sai pelo nariz, que nem ousa fungar alto porque o lençinho branco e delicado não deixa. Impressionante!

Pra falar a verdade eu gosto mesmo e mais de enterro de pobre. O jeito de ver o sofrimento honesto é ali. Com direito a tudo que se tem direito: café no quente-frio, bolacha poca-zóio, ir de sandália de borracha daquelas que se enfia pelo dedão, alpercata domingueira, todo mundo vestido de preto pra mostrar bem o pretume que é uma dor decente. A roupa pode até ser foveira, emprestada, remendada, mas é toda limpinha. Até a roupa do defunto não faz vergonha a ninguém. Ali se pode chorar sem pejo. E também dar ataque em cima do caixão. Por falar em enterro, cê sabia que nosso tio morreu? Aquele da barraca que vendia farinha na feira de São Joaquim? Pois é, menina. A criatura morreu assim... sem-quê-nem-mais... Foi até no dia em que comprei aqueles óculos. Uma fortuna. Aproveitei pra inaugurar. Fui lá como pedia

a ocasião. Tiraram no palitinho quem pegava nas alças do caixão de tanto que ele era gostado. Pois é, menina... Um chororô, um abraça-abraça, um cai prum lado, outro jura se matar, outro consola. Tava lá o buraco aberto, um calor retado, as viúvas disputando espaço no nada que já era o tio. Se deu que a oficial, bem na hora de o coveiro jogar a primeira pazada de terra, antes mesmo do descimento do caixão, deu o ataque. Abriu os braços, levou as mãos à cabeça gritando valhei-me-Jesus-o-que-vai-ser-de-mim, acudiram, mais outro ataque, mãos na minha cara, só deu tempo ver de raspão os meus óculos dando um voo rasante, outra pá de terra, outra... e eu contando as prestações restantes. Foi o azar, foi a inveja dos parentes. Pois é, menina... eu que só tinha óculos de camelô. Meus primeiros óculos de grife, da boa... pensei em mergulhar na terra ainda fofa, pensei em mandar parar tudo, pular dentro da cova, mas começou uma chuva de água forte, misturada com chuva de galhos de Angélica, misturada com água de lágrima, até da minha própria... e eu contando vinte e uma, vinte e duas... pagar sem ter... Se fosse num funeral meus óculos estariam aqui... mas foi num enterro. Fazer o quê, né?

DAS ÂNSIAS DO TEMPO...

Da tua boca escaparam falas
que atravessaram meus ouvidos;

Do teu peito para o meu
zarabatanas azuis;

Dos teus olhos para os meus
inventei faíscas solares;

Para abrandar meus secumes
te fiz abundância dos mares.

O tempo-espço
– senhor que me domina –
arregalou meus olhos menina
e me fez ver
o espanto da lua matutina
a me dizer:
acorda, luz peregrina,
que a noite-tempo já passou...





IMPrensa UNIVERSITÁRIA

IMPRESSO NA GRÁFICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ - ILHÉUS-BA